

CASA DE ALVERNARIA

DIA RIO DE UMA EX-FAVELADA

CAROLINA
MARIA
DE JESUS

IVRARIA FRANCISCO ALVES

carolina maria de jesus

CASA DE ALVENARIA

apresentação de
audálio dantas
capa de
cyro de lnero

EDITORA PAULO DE AZEVEDO LTDA. - Rio
so em Novembro de 1961, nas Oficinas Gráficas da
“Casas de Contratantes”, foi composto e impresso.
“Casas de ALVENARIA”, volume 4 da Coleção

- diário de uma
ex-favelada -

Casa de Alvenaria — história de uma ascensão social

apresentação de Audálio Dantas

Vi os pobres sair chorando. As lágrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas comove os poetas do lixo.
— trecho de "Quarto de Despejo", de Carolina Maria de Jesus.

Um dia — era uma tarde de abril de 1958 — fui à favela do Canindé e quando cheguei lá encontrei uma revolução dentro de um barraco: eram as narrativas de uma negra chamada Carolina Maria de Jesus. A revolução tomou forma de livro e foi chamada "Quarto de Despejo".

Agora, tenho de falar de novas histórias daquela mesma negra cujo barraco encontrei a subversão manuscrita. Ela saiu do quarto de despejo e instalou-se num sonho — uma casa de alvenaria. É nossa vizinha, aqui na sala de visitas, onde continuou a olhar em torno com o mesmo olhar acostumado a ver favela, a observar e a anotar tudo — as grandezas e as misérias do lado de cá.

Casa de Alvenaria é, na forma, o mesmo que o diário escrito na favela do Canindé; na essência, é coisa bem diferente; é um depoimento, também, mas sobre outro mundo — o mundo de alvenaria que foi sonho e conquista de Carolina. Casa de Alvenaria é depoimento tão importante quanto "Quarto de Despejo", mesmo sem o tom dramático da miséria favelada. Em certos aspectos, é um livro mais fascinante, porque nela há um pouco de alegria, há o deslumbramento da descoberta, há a felicidade do estômago satisfeito, há a perplexidade diante de pessoas e coisas diferentes e uma amarga constatação: a miséria existe também na alvenaria, em formas as mais diversas.

A partir de um acontecimento que talvez tenha sido o mais importante de sua vida — a assinatura do contrato para publicação de

Nº 3358

"Quarto de Despejo" — Carolina narra o dia-a-dia de sua nova vida, mas nessa narrativa os dias assimem uma nova dimensão; deixam de ser sempre iguais, precedidos pela fome. As surpresas, os choques, as grandes alegrias e os desencantos, se sucedem neste registro de grande valor humano e de grande valor como contribuição para tudo sociológico.

Os personagens que destilam nestas páginas são, quase todos, de condição diferente daqueles angustiados que se agitam no mundo de tábua e zinco da favela. Aqui elas são vistas, muitas vezes com deformações, por uma criatura que viveu sempre à margem, uma desintegrada social que lutou desesperadamente para entrar na sociedade mais ampla e menos infeliz da sala de visitas.

Como no quarto de despejo, ela continuou a escrever o seu diário, a fazer retrato. Só que o retrato da gente de alvenaria tem algumas distorções, é assim, como um painel com pontos de perfeita nitidez e áreas esfumadas, nebulosas. Mas Casa de Alvenaria é um retrato. Feito com as contradições da retratista e, sobretudo, com as contradições dos retratados. Nem sempre a revelação que Carolina nos faz de certas criaturas é perfeita, mas, no caso, a responsabilidade não lhe cabe. Ela procurou enfocar, com aquela seu notável senso de observação, mas não conseguiu a necessária nitidez, sim-plesmente porque na favela, ponto bem nitido e definido da miséria, um Orlando Lopes explorador da luz e da água não passa de Orlando Lopes explorador da luz e da água, enquanto aqui fora os homens costumam usar muitas faces.

Mas, entremos na Casa de Alvenaria de Carolina, que é bem diferente daquela barraco número 9 da Rua A, favela do Canindé, que tinha saia-quarto-cozinha, num só cômodo nada cômodo. A casa de Carolina, agora, é casa-sobrado, com sala, escadaria, quarto, quarto, cozinha, quintal, jardim. E uma escada que, se não me engano, tem desenove degraus! No jardim de Carolina tem uma roseira que boia muitas rosas, vêm as crianças, colhem as rosas, ela não se incomoda, porque — pensa — Deus faz nacer mais. A roseira é flor-felicidade na casa de alvenaria, assim como o menino nu chorando de barriga vazia era tristeza no barraco do Canindé.

De alegrias e tristezas é a vida, na favela ou na alvenaria. A fome se foi do barraco de Carolina e ela registrou a chegada da alegría, que também pode habitar em barraco:

A tristeza estava residindo comigo há muito tempo. Veio sem convite. Agora a tristeza partiu, porque a alegria chegou. Para onde será que foi a tristeza? Deve estar alojada num barraco da favela.

Era um barraco especial, aquela da Rua A, número 9. Não havia fome lá dentro!

Consegui assim, com a partida da fome, a nova vida de Carolina Maria de Jesus, que agora é nossa vizinha aqui na sala de visitas.

Um caminhão partiu da favela, cheio de velhos trastes. Na primeira rua de alvenaria alguém perguntou:

— Isto é despejo?

— Não. Não é despejo, eu estou saindo do quarto de despejo — foi a resposta feliz e risonha da negra Carolina.

Foi para um quartinho de Osasco, a sua primeira alvenaria, presente de um senhor muito condômo com a pobre favelada que, então, já tinha ganho 240 mil cruzetos de direitos autorais. No mesmo dia em que ingressou no mundo de alvenaria, Carolina juntou à felicidade uma dúvida:

Agora eu estou na sala de visita. O lugar que eu ambicionava viver. Vamos ver como é que vai ser a minha vida aqui na sala de visita.

Como é a sua vida aqui na sala de visitas é o que ela nos conta agora, neste livro. O desumbramento diante de coisas novas, a vaidade, muito natural despertada pelas inúmeras solicitações — as legítimas, úteis, e as desatinadas de qualquer significado, feitas por debilidades e sujeitos que viam em Carolina qualquer coisa assim, como um bicho estranho. Preciso dizer que tudo fiz para evitar esse encontro, mas não consegui. A própria Carolina, algo inebriada com o sucesso, constituiu obstáculo. Diziam-lhe que eu estava querendo seu "dono". Ela deixou claro, em muitos registros de seu diário, que acreditou nos conselhos desses amigos de última hora. Por exemplo, quando se queixa por eu ser contrário à sua idéia de cantar no rádio:

Eu queria ir para o rádio, pra cantar. Fiquei furiosa com a autoridade do Audálio, reprovando tudo, anulando os meus projetos. Dá impressão de que sou sua escrava.

Contrariária, essa referência à anulação de projetos, justamente aqueles projetos que seriam prejudiciais. Já imaginaram o pessoal do rádio usando a figura de Carolina para exibições ridículas nos auditórios? Carolina estava, evidentemente, sendo aconselhada. Mas logo viria o bom-senso, na palavra de alguém que não era um interessado:

Agradeceu e despedi e fui tomar o onibus, pensando nas palavras do senhor Fernando Soárez. Ele disse para eu não ir cantar no rádio...

A gente de alvenaria contribuía, assim, para as contradições do retrato que Carolina fazia, com olhos de favelada, da sala de visitas. A sua capacidade de observação, aliada à sua capacidade de concluir, serviu, porém, para que aponhasse no meio desta nossa feira de vaidades aspectos bastante significativos, nem sempre observados por nós. Por exemplo, os compromissos dos que escrevem, quase sempre tolhidos em sua liberdade pelo fogo infernal dos interesses. Aqui, em nosso meio, ela começou a temer, tombar:

Não estou tranquila com a idéia de escrever o meu diário da vida atual. Escrever contra os ricos. Eles são poderosos e podem destruir-me.

Os ricos, aí, não são os propriamente ricos; do ponto de vista da autora, egressa da favela, rico é todo aquele que mora em casa de alvenaria. Mas, sem saber, ela terminou dizendo uma verdade, tirando uma conclusão mais do que acertada. O dinheiro ganho por Carolina foi garantia de uma vida decente, alegria de comida fumegante, nas panelas, mas foi, também, motivo de grandes aborrecimentos. Como sempre foi, desde que os homens o inventaram e por ele brigam e por ele se matem. Foi o José Carlos, numa alegria de fome saciada, quem fez a pergunta:

Há tantas coisas para comer, mas é preciso ter dinheiro para comprar. Quem inventou o dinheiro?

Carolina respondeu:

Foi um povo chamado fenícios.

Invenção idiota, não, mamãe?

A tal invenção deu muita dor de cabeça a Carolina. Uma romaria interminável à sua alvenaria, de gente querendo dinheiro. Tudo por causa de um povo chamado fenícios!

Por isso não se deve estranhar as queixas constantes que Carolina faz contra a sala de visitas. Deve-se considerar a sua condição de "peixe fora d'água" quando ela, logo depois de bendizer o momento em que deixou a favela, diz que preferia voltar para lá. Continuando humana, espontânea diante de uma realidade que afugenta o sonho. Mas o sonho — e ai de nós se não fosse o sonho! — sempre volta, com colorido de felicidade. Como acontece logo depois, em outro trecho deste livro em que Carolina descreve a alegria de haver falado sobre as causas da favela no Congresso de Vereadores do Rio Grande do Sul:

Eu vivia dizendo: a felicidade virou-me as costas. Agora pego-me nos braços.

Novamente ela reencontra a realidade. À meia luz de um restaurante-grafino de Copacabana, por exemplo:

Alguns iam à minha mesa. As mulheres que estavam na minha mesa falavam em reforma social. ... Eu pensava: elas são filantropas nas palavras. São falastronas. Papagaios noturnos. Quando avistam-me é que recordam que há favelas no Brasil.

Tudo isto é de grande importância, demonstra o valor deste livro que é um retrato da sala de visitas feito por uma retratista que veio do quarto de despejo, gritando em nome das que ficaram lá e dos que não estão lá e vivem as injustiças aqui de fora, como aquele pretinho de Pelotas que circulava meio ressabiado pela praça onde se realizava a Feira do Livro. Carolina autografava e ouvia a

sua voz:

— Sabe, Carolina, peço-te para incluir no teu diário que há preconceito aqui no Sul.

A resposta foi esta:

— Está bem. Incluiré tua queixa no meu diário.

É um apelo significativo, este do pretinho de Pelotas. Demons-trava, sem necessidade de novos argumentos, o que essa negra visita do monturo representa no inconsciente coletivo: voz de protesto.

Acho que estas considerações de repórter podem dar apenas uma páida idéia do sentido deste livro. Um estudo com base científica poderá revelar aspectos de grande interesse da revolução que começou no quarto de despejo e tem prosseguimento na casa de alvenaria. Particularmente, recolhi uma soma enorme de ensinamentos desde o dia em que encontrei a revolução lá no barraco número 9 da Rua A, favela do Canindé. Conheci bem conhecido o que é ambição, inveja, safadeza, vaidade, ódio. E conheci também amor, honestidade, desprendimento. As boas e as más qualidades só reveladas integralmente diante das coisas importantes. Aprendi, por exemplo, que ganhar dinheiro é a coisa mais importante para a maioria dos integrados sociais. E, por isso, apenas uma minoria acredita que se possa fazer alguma coisa sem se ganhar dinheiro.

Carolina já está na sua casa de alvenaria, a maioria dos favelados do Canindé, também. Quanto a mim, continuo repórter. Apareço com muita freqüência neste livro, como personagem. Isto não podia ser evitado, porque de mistura comigo havia personagens importantes. Apareço como anjo num parágrafo, noutro apareço como demônio, de acordo com as mutações espirituais de Carolina. Há erros de apre-ciação da autora em ambos os casos. Eu posso ser demônio a certa altura, só porque a aconselhei a não emprestar dinheiro a determinada pessoa ou por manifestar a minha opinião sobre um rapaz que vendeu o nome de Carolina para a propaganda de uma marca de sabão. Quase sempre, ao conhecer a realidade, Carolina voltava a ver-me com outros olhos e eu virava anjo. Esta tudo aí, contado no seu jeito originalíssimo de dizer as coisas.

O tratamento dado a Casa de Alvenaria foi o mesmo que dei a "Quarto de Despejo". Conservei a linguagem e a ortografia da autora, sem alterar nada. No trabalho de compilação houve cortes de grandes trechos, todos sem maior significação. Ficou o essencial, o importante, funcionando como uma película cinematográfica. O que fiz foi algo semelhante a uma montagem de filme. Os originais estúdio finalmente, uma valaquinha a Carolina, revolucionária que saiu do monturo e veio para o meio da gente de alvenaria: você contri-

uiu poderosamente para a gente ver melhor a desarrumação do

quarto de despelo. Agora você está na sala de visitas e continua a contribuir com este novo livro, com o qual você pode dar por encerrada a sua missão. Consere aquela humilhação, ou melhor, recupere aquela humilhação que você perdeu um pouco — não por sua culpa — no deslumbramento das luzes da cidade. Guarde aquelas "poesias", aquelas "contos" e aquêles "romances" que você escreveu. A verdade que você gritou é muito forte, mais forte do que você imagina, Carolina, ex-favelada do Canindé, minha irmã lá e minha irmã aqui.

AUDÁLIO DANTAS

São Paulo, setembro de 1961.

5 de maio de 1960 Levantei as 5 horas para preparar as roupas dos filhos para irmos na livraria. Não vou fazer café porque não tenho açúcar nem dinheiro para o pão. Eu peguei um saco e catei latas, ferros e vidros e uns metais e fui vendê-los. Não tenho tido tempo de ir vender no Senhor Manoel, Ganhei 22 cruzeiros. Comprei 12 de pão. O Senhor Luiz Barbosa, que reside aqui perto da favela, deu-me lenhas. Eu disse-lhe que hoje eu vou assinar contrato com a Livraria Francisco Alves para editar o meu livro. Ele disse-me que já me viu nos jornais e nas revistas e deu-me mais lenhas. Quando voltei peguei as lenhas e pus dentro do saco e voltei as pressas para a favela.

... O José Carlos entrou dizendo que estava com fome. Vamos preparamos para irmos para a cidade. Vamos ver se o pai da Vera levou-lhe o dinheiro no Juiz. O João voltou da escola alegre por eu ter mandado pão para ele. Nós saímos. Passei no empório do Senhor Eduardo e pedi se ele me vendia uns sanduíches para os filhos. Não tinha pão. Só eu notei os olhares tristes dos meus filhos, porque sou mãe. Nós fomos para a cidade. Passamos pelo Mercado. A Vera olhava no solo para ver se encontrava algo para comer. Não encontrou nada. Começou a chorar e não queria andar. Eu disse-lhe:

— Vamos no Juiz ver o dinheiro e eu compro algo para você.

Ela empacou-se. Dei-lhe uns tapas. Eu criticava as minhas ações, pensando: coitados! Além de estar com fome ainda, apanham. Eu andei, ela ficou atrás. Os filhos estavam perto da banca de jornais olhando o Chessman. Quando olhei para trás não avistei a Vera.

Voltei procurando-a e entrei dentro do Mercado gritando: — Vera! Vera! Vera!
Perguntei a um guarda se não tinha visto uma menina.

— Não!

Mais de cem mil pensamento afliuam-me a mente. O coração acelerou-se. Percorri o Mercado por dentro e ao redor. Encontrei uma mulher da favela e perguntei-lhe se ela havia visto a minha filha.
— Não vi.

— É que eu vou na Livraria assinar um contrato para eles publicar os meus livros.

As pessoas que ouviu-me dizer que eu ia assinar contrato na Livraria Francisco Alves pararam para olhar-me. Saí as pressas do Mercado, gritando: — Vera! Vera! Vera!

Os meninos procurava-a. Surgiu uma senhora e perguntou-me se eu estava procurando uma menina.

— Estou! A senhora viu-a?

— Ela estava na minha loja.

Perguntei-lhe o seu nome.

— Antonieta.

— Oh, D. Antonieta, muito obrigada e Deus te dé um novo bom e bonito!

Ela sorriu. E respondeu com prazer na voz e no olhar:

— Eu já tenho o meu noivo, já estou casada e quero muito bem ao meu espôso.

Vi um aglomerado de gente e a Vera no centro. Ela estava chorando. Quando me viu reanimou a filosofonia. Eu agradeci as senhoras que estavam na loja e pedi-lhe os nomes. Disse-lhes que era para incluir no meu diário, que eu ia na Livraria assinar um contrato para publicar os meus livros. Elas disseram:

— Não precisa.

Olhei o título da loja: Tecidos Cântareira. Ovi uma voz masculina:

— Eu quero ver o nome de minha loja nos jornais.

— O senhor há de ver, se Deus quiser. Agradeci as pessoas presentes dizendo que estava com pressa e saí correndo. Na Praça da Sé estava desfilando carros com crianças defeituosas angarianas auxiliios. Os meus filhos olhavam as crianças defeituosas. Eu disse a um casal que segurava um menino:

— O senhor vê essas crianças? Os pais delas devem ser tristes. Ainda tem pais que bate nos seus filhos porque quebraram a vidiça do vizinho ou sujou-se na lama, ou fala palavrões. E se eles não falam? Curvei-me até o ouvido do menino e disse-lhe:
— Pois é, meu filho! Você vai quebrar vidraças, jogar bola, correr e viver a sua vida de criança perfeita.

Ele sorriu.

Despedi-me e fui no Juizado. Fui receber o dinheiro da Vera. O dinheiro estava, reanimei. Recebi, assinei e disse ao tesoureiro que eu ia assinar contrato para editar o meu livro e que amanhã eu estou em todos os jornais. E que eu sou obrigada a escrever porque o pai da Vera não auxilia-me.

Eu despedi do tesoureiro e fui comprar quibes e empadinhias para os filhos. Quando os meninos vieram com o embrulho sorriam. Dei um quibe e uma empadinha para cada um. Eles comiam e sorriam. Olhei o relógio. Era 16 horas.

... Chegamos a Livraria Francisco Alves. Perguntei pelo escritor Paulo Dantas⁽¹⁾. A senhora que

estava na caixa telefonou-lhe. Ele viu-me lá do alto e deu ordem para eu ir de elevador. A livraria é alegre no aspecto. Ao entrar no elevador percebi que ele é antigo. Já deve ter uns 60 anos de uso. Dá a impressão que a livraria é uma reliquia de São Paulo. Eu aprecio o que é antigo.

(1) Diretor de edições da Livraria Francisco Alves. (Nota de Audálio Dantas).

Surgiu o Senhor Del Nero e cumprimentou-me. Surgiu o Senhor Lelio de Castro Andrade (2) e o Senhor Paulo Dantas apresentou-me. Conversamos e eu fui perdendo o acanhamento e tinha a impressão de estar no céu. A minha côr preta não foi obstáculo para mim. E nem os meus trajes humildes. Foram chegando reporteres, entrevistaram-me e fotografaram-me e ficaram lendo trechos do diário. Havia vários reporteres e fotografos. Eu perguntava:

— De que jornal é o senhor?

— “Última Hora”.

Eu li um trecho do diário, que eu estava enfraquecendo porque passava fome. O reporter da “Última Hora” deu-me 20 cruzeiros. Quando eu entrava na livraria e estava conversando com a caixa um senhor deu-me 10 cruzeiros — tomou-me por mendiga. A caixa disse-me:

— Pega!

As pessoas que estava na livraria perguntava:

— Quem é ela?

— É escritora e mora na favela.

— Oh! — exclamavam.

Chegou outros reporteres. Entrevistava-me e lavava com o escritor Paulo Dantas. E liam alguns trechos do meu diário. As 5 e meia o Audálio chegou com os da televisão. Apresentou-me e eu assinei o contrato e filmaram-me.

... O senhor Lelio de Castro Andrade deu 2 mil cruzeiros ao reporter para dar-me. Os filhos ficaram alegres. Eu disse ao João que amanhã vou comprar carne para fazer bife para ele, porque já faz tempo que ele está suplicando-me para fazer. Ele ficou alegre sorrindo. Percebi que ele estava pensando num prato de arroz com bife acebolado.

As crianças antigas pensavam em *Ciranda-Ciran-dinha*. Elas eram alegres. As atuais pensam na comida.

... As 6 horas me despedi. O Senhor Lelio deu-me o seu cartão para eu procurá-lo. Citei os livros que tenho em preparo. Hoje eu ganhei:

22,00 de ferro velho
10,00 de um freguês da livraria
20,00 do reporter da “Última Hora”
500,00 do pai da Vera
2.000,00 do Senhor Lelio
<hr/>
2.552,00

Despedi de todos na livraria e fui fotografada na vitrine. Quando chegamos no ponto do bonde, levei os filhos para jantar no restaurante. Eles gostaram. (...) Era 8 horas quando entrei no empório do Senhor Eduardo. Paguei-lhe 260 cruzeiros que estava devendo há muito tempo, e comprei um queijo de 180 cruzeiros, 1 quilo de açúcar e café. Mostrei o contrato para o Senhor Eduardo ler e disse-lhe:

— Amanhã eu estou em todos os jornais.

Despedi do Senhor Eduardo, que estava com os olhos fitos no meu rosto como se estivesse vendendo-me pela primeira vez. O João disse-me:

— A senhora está gastando muito.

— A vida de miséria vai acabar — falei sorrindo. Quando eu cheguei na favela estava com sono e alegre. Ergui os olhos e contemplei uma cruz. Pensei: devo rezar. O João disse-me:

— Sabe, mamãe, eu vou dizer uma coisa para a senhora.

— Que é? — perguntei apreensiva, pensando — será uma coisa grave?

— Como é bom a gente comer até encher!

A ida foi triste, porque estávamos com fome. Mas a volta foi sublime.

A Vera disse:

— Viva o Audálio!

— Viva!

— Vamos dar um *pique-pique* para o Audálio?
Deram o *pique-pique* e ficaram gritando. Preparamos e deitamos.

6 de maio Levantei as 4 horas. Fui ler as notícias do Chessman. (...) Com a execussão do Chessman os Estados Unidos é criticado pelo Universo.
O sol estava oculto pelas nuvens e eu estava com frio. (...) Fui no emporio do japonês fazer compras, comprei 3 quilos de arroz, 1 de feijão, 3 sabões, farinha, alho e amil. Quando eu cheguei na favela fui preparar o almoço para os filhos. As crianças vieram dizer-me que me viu nos jornais. Hoje eu sou a senacão do bairro. Preparei o almoço: arroz, feijão, bife milanes e salada. O João gostou da comida e gritou:

— Viva a Dona Carolina!

Sorri. Ele olhou-me por longo tempo e disse-me:
— Por estes dias temos comida e a senhora não precisa chorar.

Eles estão alegres porque comeram.

7 de maio Não fui comprar pão. Os filhos comeram queijo. O João modificou-se. Está mais calmo e sempre sorrindo. Quantas vezes eu disse-lhe:

— João, você é muito bruto!

Mas agora que temos o que comer em casa, ele transformou-se: deixou de ser João Bruto para ser João Gentil. É que a fome deixa as pessoas neuroticas. (...) Dei almoço aos filhos e fui lavar as roupas. (...) Estava lavando quando ouvi a voz da Vera dizendo:

— Olá minha mãe!

Elá vinha acompanhada de dois senhores. Quandô elêes aproximaram-se perguntei:

— De que jornal são os senhores?

— Nós somos da televisão... e eu vim convidar a senhora para ir num programa. Tem que está lá as 8 horas.

— Está bem. Eu vou.

— Leve as crianças.

Concluí as roupas rapidamente e voltei e comecei a preparar os filhos para irmos. Coloquei os caderinos na pasta. Fui avisando as pessoas que tem televisão para ver-me, que eu ia no programa das 8 horas. (...) Iniciaram o programa. Os meus filhos estavam alegres porque estavam no palco. A Vera sorria. Fui entrevistada pelo reporter Heitor Augusto. Falamos da favela. E porque a favela é o *quarto de despejo* de São Paulo. E que em 1948, quando começaram a demolir as casas terreas para construir os edificios, nós os pobres que residíamos nas habitações coletivas fomos despejados e ficamos debaixo das pontes. E por isso que eu denomino que a favela é o *quarto de despejo* de uma cidade. Nós os pobres somos os trastes velhos.

Era 22 horas quando eu fui deitar. Estava alegre.

8 de maio ... Fui no açougue. Escolhi um pedaço de carne. Tinha muito nervo. Graças a Deus hoje eu estou em condições de escolher a carne que eu quero. Olhei os ossos que estava no balcão e disse:

— O senhor dizia que eu escravo e não ganho nem para comer. Graças a Deus eu vou receber 150 mil cruceiros por um livro e hei de ter o que comer. (...) Escolhi outro pedaço de carne. Paguei 70 cruceiros. Pensei no reporter, o homem que emparelhou-se comigo na hora mais critica da minha vida. Agora eu falo e sou ouvida. Não sou mais a negra suja da favela. Cheguei no empório e comprei os tomates, o queijo. Os meninos comeram e gostaram. E gritaram

— Viva!
— Viva!

9 de maio ... ('legou dois reporteres. Disseram-me ser do "Globo", mandei elêes entrar. Perguntaram se eu encontrei dificuldades para encontrar editor. Eu disse-lhes que cansei de suplicar as editoras

do país e pedi a *Editora da Seleção*⁽³⁾ nos Estados Unidos se queria publicar os meus livros em troca de casa e comida e enviei uns manuscritos para eles ler. Devolveram-me.

... O Adalberto entregou-me carne e toucinho que o Ramiro deu-me. O Adalberto pediu-me para fazer um bife para élle. Que bom saber que temos o que comer. Parece até que a minha vida transformou-se. Da fome para a fartura. (...) Eu estava ageitando o barraco quando o Ramiro chegou na janela. Disse-me que me viu nos jornais e deu-me os parabens. Eu agradeci porque élle deu-me toucinho e carne. Ele disse-me que está muito triste com a morte do Chessman. Que o Chessman não conheceu o nucleo social, ambiente sadio. Os intelectuais fizeram de tudo para impedir a sua execussão. Se os Estados Unidos tivesse perdoado o Chessman, élles angariavam a simpatia do Globo. Porque o mundo estava voltado para os Estados Unidos.

10 de maio Eu estava carregando agua quando ouvi a voz do vizinho, senhor Alexandre:

— Dona Carolina, tem visita!

Era o Professor Walter José Faé, com seu alunos. O Professor Faé disse-me que há muitas pessoas que vai ganhar dinheiro por meu intermedio. Fiquei alegre. Que bom! Poder fazer o bem a milhares de pessoas. O sol é unico e distribui o seu calor para todos.

12 de maio Eu fui lavar as roupas. A Dona Adelaida quer que eu arranje serviço para a sua filha cantar na televisão.

... Eu estava passando roupas quando vi o filho da Dona Adelaida surgir com um senhor e dizer-lhe:

— É aqui.
O senhor perguntou-me:

— É a senhora que é a Dona Carolina Maria de Jesus?

— Sou. O senhor entra.

Ele entrou, tirou o chapéu e cumprimentou-me e disse-me que leu a reportagem em alemão. E veio conhacer-me. Deu-me um livro novinho. *O Grande Evangelho de João*. Pediu-me para não relaxar, para não envaidecer, para não ficar orgulhosa e se enriquecer, para não ser vingativa. E agradar os pobres. Que no mundo só tem valor as pessoas de espirito humilde. Para eu agradecer a Deus êste dom que êle deu-me. (...) O nome do senhor que deu-me o livro é José Galler.

13 de maio ... Hoje é o dia que comemoramos a extinção da escravidão. Se a escravidão não fôsse extinta, eu era escrava, porque sou preta. (...) Fui telefonar para o reporter. Ele disse-me para eu encontrá-lo as 11 e meia. E convidou-me para ir com ele no Teatro da Escola de Medicina, que hoje comemora-se a data da abolição. Que o espetáculo é representado pelo Teatro Popular Brasileiro, dirigido pelo poeta Solano Trindade. (...) Preparei-me e saí para encontrar-me com o reporter na porta do "Diario da Noite". Eu não sabia que a Escola de Medicina tinha teatro. Quando chegamos, o teatro estava superlotado. Um espíquier veio fazer a descrição das cenas. O título de peça é "Rapsodia Afro-Brasileira". O espetáculo é uma confraternização do Centro Acadêmico da Escola de Sociologia e Política e Centro Acadêmico Osvaldo Cruz, pelo 10º aniversário do Teatro Popular Brasileiro. O poeta Solano Trindade, apareceu no palco para falar sobre o preconceito racial na África do Sul, e da condição dos pretos nos Estados Unidos. ... E disse que tinha uma visita para ser apresentada. E bradou:

— Carolina!

Galguei o paleo e fui aplaudida.

(3) A autora refere-se a "Seleções do Reader Digest". (A. D.)

... Depois do espetáculo fui apresentada para al...
... Depois que estavam na plateia e pediram au...
... gumas pessoas que voltar de bonde, o reporter não
tografas. Eu queria voltar de bonde, o reporter não
me permitiu e conduziu-me. Na rua Araguaia eu desci do
carro e voltei para a favela. Era uma e meia da
manhã. Eu estava pensando na festa comemorativa
da Abolição da escravatura. Mas temos outra pior —
a fome. Conversei com um preto que é artista e élle
disse-me que gosta de ser preto. E eu também. Fi-
quei encantada com o preto João Batista Ferreira.
E bonito estar satisfeita com o que somos. A favela
estava calma. Não encontrei ninguém. A noite os bar-
racões são todos negros. E negra é a existência dos
favelados. Abri a porta, despertei os filhos. Elles co-
meram pasteis e eu fui deitar porque estava com frio.
Não durmi. Fiquei pensando no reporter.

Preciso lavar as roupas, porque
14 de maio ... na televisão. Hoje eu estou alegre.
amanhã eu vou nas ruas. Já estou habituando
Todo mundo olha-me nas ruas. Passei no bar do José, na rua Deo-
com a nova vida. Com ele. Disse-lhe que não mais
eleciano e conversei com ele. Disse-lhe que não mais
aparego porque não tenho tempo. Eu fui vista em to-
dos os jornais. (...) Eu fui deitar um pouco porque
estava com sono. Mas, quem é que dorme em favela!
Com tanto barulho. Não sei como é que os favelados
podem ser alegres, com tanta miséria ao redor. Vendo
o espaço. O céu está côr de chumbo, o sol encoberto
pelas nuvens que avolumou-se ao seu redor. O pedago
de céu que cobria a favela estava triste e sombrio.
(...) As 10 horas eu saí com os filhos. Quando eu
estava perto do Mercadinho vi a afluência do povo.
Pensei: briga na certa. Vi o Alfredo correndo e um
baiano correndo atrás dele com uma faca na mão. O
Alfredo caiu e o baiano foi esfaqueá-lo. Errou o golpe.
O Alfredo levantou-se e entrou numa casa. O baiano
ficou na rua com a faca na mão. Eu podia tirar a
faca da mão do baiano com uma pedrada, mas eu não

posso infiltrar-me nessas brigas, porque preciso pen-
sar nos livros que pretendo escrever. Os meus filhos
mesclou-se entre o povo. A D. Isaltina chorava. Eu
fiquei com dó do Alfredo. Ele é inofensivo. Eu
bradava:

— João! José Carlos, Vera! Nós vamos para a
televisão!

... Quando saímos da Televisão Tupi estava cho-
vendo. O reporter tomou um carro. Fomos levar um
jornalista em sua casa. O carro não queria andar. Na
Avenida São João o motorista pediu colaboração de
outro carro para empurrá-lo. O reporter pagou o
carro. Deu 200 cruzeiros ao motorista e disse-lhe que
podia ficar com o troco. Ele conduziu-me até a favela
e vinha contando vantagem. Que é rico, que tem mais
de 2 milhões. Que tem casas de aluguel. Quando che-
guei eu ouvi a conta: 140 cruzeiros. Disse-lhe:
— O senhor vai devolver-me o troco dos 200 cru-
zeiros.

— Ah! Eu não posso, porque o jornalista deu-me
o que ia sobrar dos 200 cruzeiros.

— O senhor deve dar-me.

Quando chegamos na favela o motorista ficou
horrorizado. O seu olhar percorria de um local ao
outro. Exclamou:

— Credo, que lugar!

Então é isso que é favela?

Favela, oi, favela

Favela, que trago no meu coração...

Mas haverá alguém que traz um lugar dêsse no
coração? Enquanto o motorista fitava a favela eu pen-
sava: com certeza o compositor do samba tinha uma
mulher boa na favela. O motorista disse-me:

— Olha, eu vou dar o troco para a senhora, por-
que quem reside num lugar dêsse precisa muito mais
do que eu.

Ele tirou 120 cruzeiros da carteira. Ao entreguei-me eu disse-lhe:

— O senhor errou no trôco. Ele abriu a carteira novamente e deu-me 60 cruzeiros.

16 de maio As sete e meia o jipe da Televisão Record chegou. O motorista é preto, senhor Elpidio Ferreira. Quando cheguei na Record Canal 7 estava tranquila. O motorista foi procurar o reporter Souza Francisco para dizer-lhe que eu já estava presente. Ele apresentou-me ao ilustre senhor J. Silvestre. Explicou-me como era o programa. (...) O senhor J. Silvestre leu uns trechos do *diário*. Eu estou ansiosa para ver este livro, porque eu escrevi no auge do desespero. Tem pessoas que quando estão nervosas xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu *diário*.

17 de maio Troquei a Vera e o José Carlos e fomos para a cidade. Passei no emporio do senhor Eduardo para pagar-lhe o que devo. Eu disse ao senhor Eduardo que eu ia na cidade. Que ia ganhar uns livros. Tomamos o ônibus. (...) Fiquei alegre quando vi o reporter José Hamilton. Depois chegou o senhor Gil Passarelli. Voltamos para a Rua Carneiro Leão, 267. O gerente da Edições O Livreiro Ltda. estava na porta. Ele disse-me que eu podia escolher os livros que agradasse-me. Orientada pelo reporter José Hamilton escolhi os livros. (...) Hoje é o men grande dia. A tristeza estava residindo conmigo há muito tempo. Veio sem convite. Agora a tristeza partiu, porque a alegria chegou. Para onde será que foi a tristeza? Deve estar alojada num baracão da favela.

... Despedi e segui olhando os moveis e as lojas com seus estoques variados. O sol estava quente. Hoje ele apareceu as 8 horas. Agradeço o sol por ter despointado mais cedo para aquecer os operários.

... Poder comprar roupas para mim. Tudo em mim está despertando. Eu estou pensando nuns brincos, colares e vestidos bonitos e vou visitar um dentista. (...) Nas ruas o povo dava-me os parabéns. Quando passo perto de um ônibus, ouço:

— Olha a mulher que escreve!

18 de maio ... Eu percorria a rua São Caetano olhando as lojas. A dona da loja mostrou-me varias blusas. Eu não queria comprar porque o dinheiro não dava. Ela insistiu tanto e eu resolvi comprar dois paletós para as crianças. Ela pediu 1.700 cruzeiros. Eu estava com 1.500 cruzeiros. Ela disse-me que eu podia trazer os paletós e levar os 200 cruzeiros restantes amanhã. O João e o José Carlos vestiram os paletós e ficaram alegres. Era a primeira vez que elas vestia paletó. O João disse:

— Como é bom ser filho de poetisa!

19 de maio ... Abri a janela para olhar o espaço. Já estou habituada a fitar o espaço para ver se vai chover. O esposo da Esmralda passava agitado. Nós as mulheres já conhecemos estas agitações. Perguntei-lhe se sua esposa já estava com as dores do parto.

— Desde ontem a noite.

— Chamou a parteira?

— Já, mas ela não veio.

Percebi que elle mentia e fui ver o que havia. A Esmralda estava de pé e chorando. O meu olhar circulou pelo barraco pobramente mobilhado. A única coisa que eu vi em abundância eram as crianças descalças e magricelas. Olhei o fogão, estava apagado. Eu pensei: numa casa que tem muitas crianças, a esta hora o feijão já deve estar cozinhando. As crianças estavam tristes. Onde não há o que comer não pode ter alegria. E os pobres são os alunos da professora — fome. Olhei a Esmralda que estava de costas para mim. Ela orava: a oração mais esquisita que eu já ouvi até hoje. Era assim:

"Meu Senhor Jesus: eu sou tão pobre, estou sem recurso. Eu estou com dor de parto e dor no meu co-raqão porque não tenho nada em casa para os meus filhos comer. Eu não chamei a parteira porque não tenho dinheiro para pagar. É o Senhor que tem que ajudar-me, Senhor Jesus!"

Eu saí do quarto e perguntei ao Chico se ele tinha dinheiro.

— Não tenho. O pagamento é dia 24.

— Quanto o senhor precisa?

— 200 cruzeiros dá.

Entrei no barracão e peguei uma cedula de 1.000 cruzeiros e fui trocá-la. Voltei as pressas e entreguei 500 cruzeiros ao Chico.

— Você paga-me quando puder.

Ele sorriu. E a Esmeralda, mesmo com a dor do parto, sorriu.

O seu espôsio Chico pediu a uma senhora para ir a farmacia comprar uma ingeção. Ela saiu correndo e eu fui olhar se a parteira já estava chegando na favela, porque o seu esposo disse que havia telefonado.

(...) Eu estava preocupada com a Esmeralda, pensando: e se ela morrer, quem é que vai olhar aquelas crianças? Ouvei as crianças falando:

— O bebê já chegou! O bebê já chegou!

Ouvei o chôro e pensei neste velho proverbio:

"O homem entra no mundo chorando e sai gente."

— Que casa bonita, mamãe. Como é bom morar numa casa grande! Esta casa aqui é palacio?

— É quase um palacio — respondi.

— A senhora viu, mamãe?

— Viu o que?

— Este povo aqui não cheira a pinga. Eles não bebem pinga?

— Não.

— Eles não fedem, não é, mamãe?

— Eles tomam banho todos os dias.

Quando iniciou o programa eu fui para o palco. (...) Quando o senhor Durval de Souza anuncioi-me e o senhor Leporace enalteceu-me, eu entrei no palco. Ele disse que eu sou a maior revelação literária. Ele entregou-me uma caneta de ouro.

... Nas ruas o povo dizia:

— Olha a escritora que estava na televisão.

— Ela ganhou uma caneta de ouro.

— De ouro! — exclamavam os que ouvia — que sorte!

— Por que é que ela ganhou a caneta?

— Ela é a escritora da favela.

Ouvei uma gargalhada ironica:

— Favela não dá escritor. Dá ladrão, tarado e vadio. Homem que mora na favela é porque não presta.

Eu queria ouvir os restinhos das considerações aos favelados, mas a Vera disse-me:

— Vamos pra casa que eu estou com frio.
E puxou a minha saia.

3 de junho ... Estou escrevendo e pretendo continuar escrever. Agora que eu estou encaixada dentro do meu ideal que é escrever. Tenho impressão que estou regressando ao passado, que estou voltando aos 20 anos, aos 18. Eu fui amante das quadras da vida. Fui amante da primavera, do outono, do inverno e do verão. Agora eu estou de mal com o verão. Fiz as pazes com a primavera e ela adornou meu coração com

flôres perfumadas e construiu um castelo de ouro para eu residir. O castelo é o coração do reporter, este homem generoso que está tirando-me do lodo. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patriões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Depois que conhecí o reporter tudo transformou-se. E eu enalteço o reporter por gratidão.

17 de junho ... Na rua São Bento parei para conversar com um jornaleiro. Ele disse-me que eu estava na "Última Hora" e mostrou-me o jornal. Comprei dois jornais e li na primeira página: "Carolina vai deixar a favela. Publicará mais três livros. Humilde mulher de côr da favela do Canindé, vivendo na miseria com seus três filhos pequenos, semi-analfabetos, começou a garantujar em papéis recolhidos no lixo a história de seus anos de sofrimento. Um jornalista descobriu-a e ainda este ano sairá o diário de Maria de Jesus. Depois virão outros livros e diz ela que o seu sonho é uma vida decente longe da favela."

O reporter José Roberto Penna disse que eu sou semi-analfabeto. Quer dizer que tenho a metade da cultura. (...) No elevador a Vera entrou empurrando os passageiros. Eu disse-lhe:

— Pede licença. Aqui não é favela!

28 de junho ... Estou pensando. Como será que vai ser o meu livro "Quarto de Despejo"?

O reporter surgiu e disse:

— Oh, Carolina Maria de Jesus! Quais são as novidades?

— Não respondi.

Ele perguntou se eu não tenho medo dos favelados, porque escrevi sobre eles.

— Não tenho. É preciso escrever e dizer só a verdade.

O reporter disse que fez o prefácio do livro.

— Deixe eu ler.

Ele deu-me. Li. Está de acordo com narrações do livro. O prefácio agrada. Mostrei-lhe o drama concluído — "A Senhora Perdeu o Direito". O reporter saiu, chegou o reporter Ronaldo. Ficamos conversando. Eu disse-lhe que ia pedir emprego na rádio para ser dramaturga. O Ronaldo acha que não. Que eu devo escrever. Eu queria ir para o rádio, pra cantar. Fiquei furiosa com a autoridade do Audálio, reprovando tudo, anulando os meus projetos. Dá impressão de que sou sua escrava. Tem dia que eu adoro o Audálio, tem dia que eu xingo-o de tudo. Carrasco, dominador, etc. (...) Xingava o Audálio. Ele não me dá liberdade para nada. Eu posso cantar! Posso incluir-me no rádio como dramaturga e ele não deixa. (...) Passei a tarde me preparando para ir na Rádio Gazeta. As cinco e quinze entrei na Gazeta, olhando aos lados para ver se via o professor Faé. Uns jovens conversavam com o portero e perguntou-me o que eu desejava. Chegou o diretor do programa, senhor Fernando Soares e nos convidou:

— Vamos subir.

... O locutor disse que eu sou de Sacramento, estudiei no Colégio Allan Kardec dois anos. Falou a D. Lilia e recitou poesias. (...) Agradeci e despedi e fui tomar o ônibus, pensando nas palavras do senhor Fernando Soares. Ele disse para eu não ir cantar no rádio. Para obedecer o Audálio. Comprei pasteis para os filhos e tomei ô bonde.

2 de julho ... Fui a Redação do "Cruzeiro". O reporter não estava, sentei para esperá-lo. Fittava aquela sala amiga, porque eu já prenderia a gostar do edifício dos "Diários". Fiquei conhecendo o poeta Forjinha e o diretor das revistas. Às 11 horas o reporter chegou, cumprimentou-me e disse-me que amanhã o senhor Círio Del Nero vai tirar fotografias para por

no livro. Disse que a segunda edição do livro vai ser de 10.000 livros e a terceira de 30.000 exemplares. Que eu vou ganhar mais de 500 mil cruzeiros. Para eu não ficar orgulhosa. Eu não estou na idade de ter orgulho. Já conheço todas as reviravoltas da vida.

Ele ouviu-me sem novos comentários. (...) O Dr. Elias Raide entrou para fazer o texto da reportagem do "Mundo Ilustrado". Os funcionários saíram. Hoje é sábado. Despedi-me e saí com o reporter Elias Raide para ser entrevistada.

Conversei com o senhor Otávio. Disse-lhe que vou mudar da favela neste mês e que não gosto do *diário*. Eu não sei o que é que eles acham no meu *diário*. Escrevo a miseria e a vida infastusta dos favelados.

4 de julho ... Fomos na cidade. Cheguei na Livraria, pedi 1.000 cruzeiros ao senhor Lelio. Ele disse-me que vai dar-me 50.000 cruzeiros no dia 7 deste mês. Insisti com êle. O senhor Lelio estava lendo os originais do nosso livro.

O reporter disse-me para eu não dizer aos favelados que vou receber 50.000 cruzeiros. (...) Combinamos que eu devo ir na Livraria quinta-feira às 2 horas. (...) Fui ver o senhor Rodolfo. Entrei na oficina para conversar com os operários, que estavam todos alegres.

— Já recebeu alguma coisa?

— Vou receber quinta-feira. Vou dar entrada num terreno, se Deus quiser.

Eu não conheço os empregados pelo nome. Um deles disse:

— Já está assinando cheques?

— Ainda não. Breve hei de assinar, se Deus quiser.

— Quantos anos tem a senhora?

— 46.

— Chi... já é muito velha! Senão eu me casava com a senhora...

Sai achando graca. Conversei com os empregados porque devo-lhes obrigações. Eles favoreceram-me com dinheiro para comprar comida para os meus filhos.

5 de julho ... Levantei as 2 horas, fiquei lendo. Pensando na minha vida que está transformando-se. — Enfim vou ter uma casinha e um terreno para fídar os meus dias. Vou plantar flores, criar galinhas, e assim vou ter um musico para cantar de madrugada: o seu có-có-ro-có!

7 de julho ... Vou na Livraria receber o dinheiro do livro. Fiquei pensando nos pobres, porque eu já estou desligando dos pobres. Mas não estou alegre, porque sei que é duro passar fome. (...) Quando cheguei na Livraria fiquei na porta esperando o reporter. As pessoas que passava, parava para falar-me e perguntar quando é que vai sair o meu livro.

... Entrei cumprimentando todos, que me olhavam sorrindo. Lá no alto estavam o reporter, o senhor Leilio e outro reporter. Cumprimentei-os.

— Onde estão os filhos — perguntou o reporter.

— Foram no bar tomar café com os moços do balcão.

O senhor Lelio olhava-me com o seu olhar atraente. Disse para eu chamar os filhos. Obedeci. Encontrei-os galgando a escada. Andamos depressa, voltei rapidamente e fiquei perto do reporter.

... O senhor Lelio deu-me o contrato para eu ler. Li que ia receber 40.000 cruzeiros concernente aos meus direitos autorais pelo meu livro "Quarto de Despejo". Fico pensando o que será "Quarto de Despejo", umas coisas que eu escrevia há tanto tempo para desafogar as miserias que enlaçava-me igual o cipó quando enlaça nas árvores, unindo todas.

... O senhor Lelio indicou-me uma cadeira. Sentei. Os filhos, o reporter e o senhor Leilio ficaram ao meu redor. O fotógrafo bateu a chapa quando eu assi-

nava e quando eu recebia o dinheiro que já estava parado. O senhor Lelio pediu para o tesoureiro e disse para eu contar. Contava o dinheiro com nervosismo extremo. (...) O João ficou emocionado, olhando as notas de mil cruzeiros. Queria contar o dinheiro e não sabia.

O senhor Lelio disse-me que eu devia retirar uma parte do dinheiro e guardar a outra para dar de entrada numa casinha. Para depositar num banco. O reporter mencionou um banco. Despedi do senhor Lelio e zarpamos pelo elevador. Despedi de D. Adelia e fomos para o banco. Chegamos no banco na rua 15 de Novembro, 63. Galgamos as escadas. Varias pessoas olhava-me espantadas. O reporter foi falar com um senhor, que queria abrir uma conta. Explicou que a conta pertence-me. Ele olhou-me. E abriu os olhos desmaiadamente, demonstrando descontentamento. Deu-me vontade de dar-lhe uns tapas no rosto.

Fizemos a ficha e eu assinei. Fomos para a caixa. Quando o caixa leu o meu nome, já enjoei dele. Entreguei-lhe o dinheiro. Saimos do banco.

16 de julho ... Estava preparando-me para fazer arroz com lentilha quando a Vera disse:

— Mamãe, olha o Audálio e o Paulo!

Ouvii a voz do reporter e perpassei o olhar pelo barracão. Saí para o quintal e cumprimentei o reporter e o escritor Paulo Dantas. Ele disse-me que o livro saiu dia 16 de agosto. Que susto que eu levei! Eu sei que vou angariar inimigos, porque ninguém está habituado...confeste este tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade porque eu pensava que o reporter não ia publicar. O reporter fotografou-me e disse-me que estava esperando o senhor Cyro Del Nero, que vai fazer os desenhos do livro.

27 de julho ... A Vera brincava com as meninas e eu fui deitar-me. Lia um livro de poesias. A Vera disse:

— Mamãe, olha o reporter!

Levantei, abri a janela e vi um fotógrafo e uma senhora muito bonita. O reporter não citou o seu nome. Ela é reporter de Porto Alegre. Dos "Diários Associados". Ela fotografou-me, entrevistou-me. Disse que vai enviar-me o jornal que sair a minha reportagem no Rio Grande do Sul. (...) Eu mostrei os sambas que estou compondo e queria gravá-los. Mas o reporter disse-me que escritor não pode cantar. Que as profissões são divididas — cantor é cantor, escritor é escritor. Eu queria ir para a rádio.

10 de agosto ... Tomei o bonde, pensando: os bondes podiam ter assas. Quando cheguei na Redação o reporter não estava. O Baiano disse-me para eu entrar e sentar. Comecei a falar que o reporter podia deixar eu ganhar dinheiro no rádio.

— O reporter é boas pedras. Você deve obedecer-l-o.

Disse que ele faz bem em não deixar eu ir para o rádio. Eu sei que os jornalistas defendem outros jornalistas. Peguei um papel e escrevi um bilhete para o reporter. Ele abriu a porta e cumprimentou-me. Esteendeu-me a mão. Abri a minha mão e toquei na mão dele sem apertá-la.

— É assim os cumprimentos, agora?

Entreguei-lhe o bilhete para ele ler.

— É assim agora? Bem, vamos entrar e conversar.

Acompanhei-lhe. Quando o reporter chegou os outros jornalistas mudaram a fisionomia. Pensei: cheguei o imperador. Sentei vis-a-vis com o reporter. Ele foi o primeiro a falar. (...) O reporter disse-me que eu sou orgulhosa.

— Que orgulho que eu posso ter? Eu procuro só o que é humilde para fazer. Fui empregada doméstica,

cataba papel, moro na favela. Você não vai querer mais humildade do que isso.

— Você deve orgulhar-se do que você faz.

Percebi que ele queria agradar-me — que eu estava muito bem. No Banco um homem conversou comigo e perguntou-me quando é que sai o meu livro. O livro vai sair dia 19, sexta-feira.
O reporter convidou-me para irmos na Livraria Francisco Alves para eu ver as ilustrações do livro.
(...) O senhor Leilo estava sentado na sua escrivaninha. Sorriu quando nos viu. O reporter mostrou-me as ilustrações. O que gostei foi da nota de 1 cruzeiro, eu e os três filhos. E o pacote de ratos, quando a mulher foi pedir esmolas.

13 de agosto ... Comecei a preparar o almôço, arroz, feijão e carne. Eu estava escrevendo enquanto as panelas ferviam, quando chegou um senhor da Livraria e disse-me que o reporter vinha trazer o meu livro. Fiquei alegre.

— Já está pronto?

— Já.

Fiquei ansiosa para vê-lo e pedindo a Deus para que o reporter chegassem. Queria ver o aspecto do livro. Mandei o João agitar o quintal. Não tinha cadeira para o homem sentar-se. O caixote que eu estava reservando para as visitas sentar-se, os filhos deixaram no quintal e roubaram. Fiquei envergonhada e pedi ao senhor que sentasse na cama. Barraco de pobre está sempre faltando algo. (...) Eu saí... pro quintal e fui conversar com a vizinha. Citei-lhe que o meu livro já estava pronto. Fiquei alegre quando a Vera bradou:

— Olha o Audálio!

Eu já estava dentro do barracão. Entraram o professor Valter José Faé e o ilustre escritor Paulo Danas. Depois dos cumprimentos o reporter perguntou-me se o livro vai sair ou não. Sorri.

— Como vai de vida, Dona Carolina?

— Vou indo bem.

O reporter desembrulhou os livros e deu-me um. Fiquei alegre olhando o livro e disse:
— O que eu sempre invejei nos livros foi o nome do autor.

E li o meu nome na capa do livro.

Carolina Maria de Jesus.
Diário de uma favelada.

QUARTO DE DESPEJO

Fiquei emocionada. O reporter sorria:

— Tudo bem, não é, Carolina?

— Oh! sim. Tudo bem.

É preciso gostar de livros para sentir o que eu senti. O professor Faé disse:

— Hoje é dia 13, dia de sorte.

... Eu fui na lagôa buscar as roupas, porque queria ler o meu livro. Os filhos abriu-se e deitaram-se. Fiquei lendo o meu livro "Quarto de Despejo" até as 3 da manhã. Quando terminei a leitura eu disse:

— Deus ajude o reporter!

Fiquei tão emocionada que não dormi.

14 de agosto ... Fui lavar roupa, conversei com D. Nenê. Disse-lhe que já saiu o meu livro. (...) Selecionei umas roupas e fui passá-las na D. Nenê. O ferro estava queimado. Mostrei o livro pra ela. Ela ficou alegre quando viu o seu nome no meu livro e que ela me dava comida. Fui passar as roupas no barração da Dora. Ela emprestou-me o ferro elétrico. Mostrei-lhe o meu livro. Ela não gosta de ler. Olhou o livro sem interesse.

... Fui de bonde para a cidade. Levava o meu livro. Entrava nos bares e mostrava o livro.

— Já está a venda?

— Já, na Livraria Francisco Alves.

Cheguei na redação circulei pelo saguão dos "Diários". Estava frio, saí para rua e sentei na calçada.

Um funcionario do "Diario" veio ver o que eu estava escrevendo. Mostrei-lhe o meu livro e o prefacio do reporter. Eu disse-lhe que o reporter tem me favorecido muito e eu gosto muito dele. (...) Continuei escrevendo. Assustei quando ouvi a voz do reporter:

— Aqui não é lugar para escrever.

... Dirigimos para o Teatro Cultura Artística, para entrevista na televisão. Quando chegamos no teatro encontramos o compositor Heitor dos Prazeres. O reporter apresentou-me. (...) Quando a Dona Bibi Ferreira chegou eu fui falar-lhe. Que mulher maravilhosa. Atenciosa, culta e tem a suavidade das petalas de rosa. Continuamos as apresentações. O senhor Cyro Del Nero fazia as decorações para o programa. O cenário representava a favela.

... Lembramos que eu devia levar os filhos no programa da televisão. Voltei para a favela. Tomei o bonde. Quando cheguei no ponto final, mostrei o meu livro para os conhecidos. O reporter den-me o livro ontem e a capa já está suja, porque os filhos pega-o todos instantes. O livro já está com a côr da favela. Avisei os vizinhos de alvenaria que ia aparecer na televisão com Dona Bibi Ferreira.

... Quando chegamos no teatro eu estava confusa. Eu, o reporter e os meninos fomos para o palco. Quando iniciou o espetáculo eu estava nervosa. Confundiu o nome da livraria. Percebi que era o sono, desviado eu ter passado a noite lendo o meu livro. Apresentei os comentários de Dona Bibi Ferreira. Ela ficou com o meu livro na mão até o fim do programa.

15 de agosto ... Aqueci agua para tomar banho. Vou na Livraria levar um pouco de terra para por na vitrina. Estava chovendo, fomos de onibus e quando chegamos na livraria vi o meu retrato na porta. Estou desenhada em ponto grande. E a favela. O que está escrito no quadro:

Esta favelada, Carolina Maria de Jesus, escreveu um livro —

QUARTO DE DESPEJO — A Livraria Francisco Alves oferece ao povo.

Entrei e perguntei pelo senhor Lelio. Ele não veio. E o reporter?

— Ele não veio.

Autografei três livros que o senhor Thomaz pediu-me. (...) Chegaram os pintores. Eu disse-lhes que o senhor Cyro Del Nero sabe pintar muito bem. O homem que ageitava o quadro, o pintor Irenio Maia, disse-me que foi ele que pintou e se estava bom.

— Está otimo! Eu saí bem.

Que espetáculo deslumbrante! O povo e os carros paravam para ver o meu retrato galgando. Eu tinha a impressão que era eu que subia para o céu. Eu dizia para o povo:

— Espero que os senhores vem comprar o meu livro.

— Oh! É a senhora?

— Son eu. Quando não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia. E o reporter fez o livro, datilografou, fez as publicidades e apresentou o livro para o editor, que é o Dr. Lelio de Castro Andrade. Os carros e os onibus paravam. E os pedestres. Hoje está chovendo e os pingos da chuva salpicavam o meu quadro.

... Tomamos o bonde e descia na Avenida Tiradentes e fui avisar ao senhor Rodolfo Sherauffer que o meu livro já está impresso e vai ser posto à venda no dia 19, sexta-feira, às 5 horas da tarde. Eu vou autografá-lo. Ele perguntou-me:

— Você está precisando de dinheiro?

— Não, senhor. O editor deu-me 40.000 cruzeiros. Estou depositado no Banco.

Abri a bolsa e mostrei as notas de 1.000 cruzeiros para o senhor Rodolfo. Despedi e desci a Avenida Tiradentes convidando os conhecidos para ir comprar o meu livro. Entrei nos bares amigos onde eu tomava café. Fui na casa Rainha para ver se via o senhor

João Gomes, para convidá-lo. Ele não estava. Fui avisar o dono do emporio da esquina da Rua Eduardo Chaves que o meu livro estava a venda na Livraria. Ele disse-me que vai comprar. O povo dizia que eu estava bem vestida. Dizia:

— Quem te viu e quem te vê!

Fui avisar a D. Mildrede para ir comprar o meu livro. Disse-me que não vai porque o seu esposo quebrou a perna, mas o seu filho vai. Despedi da D. Mildrede e dos seus filhos, que são muito bonitos e satisfeitos. Fui avisar o Aldo que já saiu o meu livro. Vai ser posto a venda sexta-feira. A sua mãe recebeu-me alegre. A casa estava superlotada de visitas. Fui na cosinha ver a D. Iridê. Mostrei-lhe o livro e convidei-a para ir na Livraria Francisco Alves.

Despedi e voltei para a favela. Passei a tarde escrevendo. Estou alegre.

16 de agosto Amanheceu chovendo. Vendo a chuva cair relembrrei quando eu catava papel o dia que chovia. Era o meu dia de agruras. Eu já conheço o lado amargo da vida.

Fiz café, os filhos comeram pão. Agora com a fartura de comida os filhos estão enfadados. Suppenutridos. São mais barulhentos, mais dispostos. Tenho a impressão de que estou despertando de um sonho, sonho que foi assim: cadeia, fome, enchente, brigas.

Deus foi misericordioso não enviando doenças. Fui na cidade, levei a Vera e o José Carlos para ver o quadro da Livraria Francisco Alves. A Vera achou o quadro bonito. Entrei na livraria para entregar uma estampa do Sagrado Coração de Jesus, para por na vitrina que representa a favela. A D. Adelia, que é caixa da livraria, estava lendo o meu livro e disse-me:

— O seu livro está ótimo. Eu já estou no fim. Os teus filhos são endiabrados.

Sorri e olhei os meus filhos que já estavam reinando nos livros.

18 de agosto Telefonei para o reporter, ele atendeu-me brincando:

— D. Carolina Maria de Jesus, a senhora já tem secretário?

Sorri e disse-lhe que ia comprar uns brincos. Ele disse-me que eu estava no "Diário da Noite", segunda edição. Fui na loja comprar um adôrno. Faz tempo que eu não visito as lojas. Que surpresa para mim! Encontrei as belezas de sempre. Só que os preços... bem, não vamos comentar os preços. Comprei um adôrno para a Vera e um brinco para mim. Eu disse a balconista que não podia demorar, por causa dos autógrafos. E que eu escrevi o "Quarto de Despejo".

— Ah! É a senhora?

Mostrei-lhe o meu retrato no "Diário da Noite". Ela desejou-me felicidades. Despedi e fui descendo a Praça Patriarca. O jornaleiro que vendeu-me o jornal disse-me que o livro está muito caro. Nos lugares que eu paro as pessoas afunem-se para observar-me como se eu fosse de um mundo estranho. Quando cheguei na livraria galguei as escadas de ferro. Os reporteres acompanhava-me.

O Dr. Lelio de Castro Andrade nos recebeu amavelmente. Os reporteres entrevistou-me. Iam chegar do livros para eu autografá-los. O jornalista é o senhor Carlos de Freitas. Ái vai a entrevista:

Pergunta — Carolina, o que você acha e como se sente com a transformação de sua vida?

Resposta — Eu estou alegre e agradeço a colaboração dos que auxiliou-me na divulgação do meu livro. É o meu ideal concretizado.

P. — Que você acha da campanha eleitoral?

R. — Espero que o governo eleito colabore com o povo, porque os nossos políticos só interessam pelo povo nas campanhas eleitorais. Depois divorciaram-se dos humildes.

P. — Que você acha do governo de Fidel Castro?

R. — Adoro o Fidel Castro. Ele faz bem defender Cuba. Os países tem que ser independentes. Cada um deve mandar na sua casa.

P. — E se a senhora fôsse governador, o que fazia?

R. — Queria dar impulso na lavoura, aproveitar as terras, construir casas com todo conforto e colocar os favelados. Elêes trabalhavam nas lavouras e teriam mais conforto moral e físico.

Os empregados interrompiam para eu autografar livros. Que alegria interior! Eu autografando o meu livro. Estava comovida. Fizeram tantas perguntas que eu não consegui guardá-las no meu cérebro. Havia pessoas que comprava o livro e fazia questão de me ver. Levavam o livro para eu autografar. Os repórteres despediram-se. Fiquei autografando. O repórter chegou e pediu-me para autografar livros para os críticos. E saímos. Fomos na televisão Canal 5, no programa do Walter Avancini, para apresentar o meu livro.

... Eu fui falar com o jornalista Dorian Jorge Freire. Entrequei-lhe o meu livro. Ele disse-me que havia dado uma nota para o meu livro. Mostrou-me e deu-me o jornal. Despedi, porque estava pensando nos filhos. O Eduardo de Oliveira acompanhou-me até a favela. Mostrei-lhe os meus livros que estão escritos. Li as poesias dele. Agrada. Ele queixou-se dos trechos amargos de sua vida. O poeta Eduardo de Oliveira despediu-se.

Ahnui os filhos, preparei o jantar para êles e fui escrever.

19 de agosto Era 4 horas e eu já estava preparando o almoço e carregando agua, porque eu preciso ir na Livraria para autografar o meu livro "Quarto de Despejo". Tomei banho e recomendei os filhos que não brigasse, para ir cortar o cabelo e voltar para a favela, que eu ia voltar para levá-los na Livraria à tarde. Tomei café e saí. Fui de onibus. Na Rua Liberdade.

ro Badaró comprei quibe para comer. Quando cheguei na livraria, já estava aberta. Entrei, galguei as escadas e fui autografar. O senhor Nelson Assumpção trouxe-me com gentileza. O telefone tocou e o empregado foi avisar-me que era para mim. Fui atender, era o reporter Gil Passarelli. Perguntou-me até que hora eu ia ficar na livraria.

— Até as 11.

Continuei autografando. Os repórteres chegaram e entrevistaram-me. O Audálio chegou e conversou com o senhor Gil Passarelli. Eu continuei autografando até as 12 horas. Chegou uma loira que queria falar com o escritor Paulo Dantas, que ela é escritora. E mostrava os seus escritos e dizia que os seus manuscritos eram atraentes. O escritor Paulo Dantas ouvia com odio interior. Dava para perceber, mas ele é escritor e tem que ser educado e tolerante. Ela aludia que o seu livro, com uma capa sugestiva podia alcançar sucesso. Ela pediu-me um livro:

— Eu não posso dar o livro, porque o livro não é meu. Eu recebo uma porcentagem dos livros. O senhor Paulo Dantas deu-lhe um livro e nós saímos para almoçar. O reporter disse-me para eu ir de carro. Obedecei. Tomei um carro e pedi ao motorista que avoasse. Fomos conversando...

... Chegamos na favela. O motorista ficou horrorizado olhando a favela.

— O que é isso aqui, D. Carolina?

— É o quarto de despejo de São Paulo.

— Credo! Como é que vocês vivem aqui?

— Nós os favelados somos os objetos fora de uso. Vivemos com dificuldades para comer. Temos que lutar como se estivessemos numa guerra.

— E vocês aqui sentem frio?

— Sentimos todas agruras da vida. Despedi do motorista, paguei 130 cruzeiros, saí correndo e entrei no barraco. Ouvi as vozes dos filhos:

— Olha a mameãe!

Encontrei agua quente. Abli os filhos e troquei-me. Almocei e fechei o barraco e saimos. A Vera queria ir de carro. Eu estava usando sapatos novos... Perguntei as horas no emporio do senhor Valentim:

— Três horas.

Tomamos o onibus. Descemos na Rua Libero Barroso. Eu ia ouvindo os comentários do "Quarto de Despejo". Assim que entrei na livraria fiquei emocionado com a affluencia e já fui recebendo livros para autografar. O senhor Lelio já estava na livraria, os garçons com seus trajes a rigor circulavam pela livraria, agitando as mesas para os coquetéis. Eu era alvo dos olhares. O Dr. Lelio de Castro Andrade, o meu ilustre editor, conduziu-me num lugar apropriado para eu autografar. Não fiquei nervosa quando vi afluencia. Fiquei alegre. Para uns as frases eram longas, para outros era só *cordialidades*. Os meus filhos percorria a livraria. Era tantos livros para eu autografar que eu não vi as horas passar. Os reporteres estavam presentes, fotografando-me. A "Ultima Hora" foi buscar alguns favelados para fazer uma reportagem na livraria. Os favelados estavam abismados vendo-me, eu, preta, tratada como se fosse uma imberbis.

As 16 horas chegou o Ministro Dr. João Batista Ramos. Ministro do Trabalho. Que homem bonito! Que voz! O senhor Ministro estava ancioso para sair, porque tinha programa no radio. A Vera nos empurava para olhar o rosto do Ministro e dizia:

— Que homem bonito!

O Ministro sorriu. Repreendi a Vera, para não empurrar o Senhor Ministro.

— Que senhor Ministro nada! Eu sou João Battista. Escrevi um autografo para o Ministro. Ele saiu com dificuldade devido a affluencia de povo. Não foi possível tratar o Dr. João Batista Ramos com mais gentileza. Continuei autografando livros para a mul-

tidão. (...) O Audálio despediu-se e pediu-me um abraço. Quiz mover-me, mas os meus pés estavam adormecidos.

Houve uns incidentes sem importânciia. As 9 e quinze fechamos a livraria. O Aldo pagou-me o automovel até a favela. Parei no ponto do bonde para comprar pão e peixe para os filhos. O motorista era japonês. Ficou horrorizado quando viu a favela.

— A senhora com a fama que tem mora aqui?

Sorri achando graça do japonês. Deitamos vestidos porque estávamos cansados. Mas eu estava alegre.

20 de agosto ... Fiz café e fui ver se eu estava nos jornais. Os jornais que havia publicado a reportagem era as "Folhas" e a "Ultima Hora". Eu estava no retrato ao lado do Ministro e a Vera entre nós sorrindo. O povo parava para fitar-me como se eu fosse de outro planeta. Parava para receber os cumprimentos do meu povo, que admirava a minha coragem para citar as verdades.

21 de agosto ... Fui encontrar com o reporter. Fomos para a Radio 9 de Julho. Eu ia ser entrevistada no programa dos Estudantes. Cumprimentei os estudantes. Quando fui entrevistada eles perguntaram para os ouvintes quem é que escreveu o livro "Quarto de Despejo". FIndo o programa responderam pelo radio que quem escreveu "Quarto de Despejo" foi Carolina Maria de Jesus. 77 telefonemas. Agradecemos os estudantes e fomos para o ponto do onibus. Iamos para a casa do Correia Leite,⁽⁴⁾ na Estrada do Vergueiro. Quando chegamos na residencia do Correia Leite relembréi os tempos idos. Eu disse ao reporter que já o conhecia. Ele disse ao reporter que já conhecia-me da Rua Augusta. Fui bem recebida,

⁽⁴⁾ Elemento ligado ao movimento cultural do negro em São Paulo. (A. D.)

com alegria de todos. Eu recebia uma homenagem dos pretos de São Paulo. Estavam presentes uns pretos do Rio de Janeiro. Serviram um almoço com discurso. Eu sentei na cabeceira da mesa. A comida estava deliciosa. Dava impressão de estar sonhando. Chegou os reporteres do "Diário da Noite". O "Delegado"⁽⁵⁾ fez discurso. Disse que havia de sair dos lixos e dos moinhos quem ia libertar os homens de côn. Não é preciso ser letrado para compreender que o custo de vida está nos oprimindo.

23 de agosto ... Fui na livraria autografar livros. Os filhos reinavam, brincando no elevador. Admirei a tolerância do Dr. Lelio, que suportou os meus filhos sem protestos. E os meus filhos são de amar. Às 18 horas saímos da livraria. Eu estava ansiosa para chegar na favela. Mas estava com receio, devido aos favelados, que estão revoltados porque eu vou enriquecer. (...) Quando eu voltava pra favela ficava apreensiva com receio de um ataque, porque eles podiam pensar que eu estava com todo o dinheiro que a revista "Visão" disse que vou receber. Mas eu não vi favelado lendo a "Visão", por isso eu fiquei tranquila.

... Na rua a Vera parava nas bancas de jornais e dizia:

— Olha o livro da senhora.

Eu autografava os livros e conversava com as pessoas. Mas precisava voltar para a cidade. Eu ia ter mesa redonda com os intelectuais na televisão. O padre Comaru disse-me que vai tomar parte na mesa redonda. (...) Quando chegamos na televisão encontramos o edil Italo Fitipaldi. O Fernando Goes chegou por último. Não cumprimentou-me. O senhor Mario Brasini citava o problema dos desajustados. O diretor do Serviço Social estava nervoso. Fiquei alegre quando vi a figura simpática do padre Comaru. Com a sua batina preta ele parece São Geraldo.

Quando iniciou o debate o escritor Fernando Goes foi o primeiro a falar. Disse que a verba de um favelado não dá para él viver numa casa condigna. (...) Falou o vereador Italo Fitipaldi e um médico que disse que a favela é o núcleo das enfermidades. O Padre Comaru fez umas observações sobre o meu livro. Que ninguém dá ratos mortos como esmola. É que él nunca foi favelado e não conhece as vicissitudes. Eu já pedi esmolas. Não sei se foi para agradar que o diretor do Serviço Social disse que a mulher da favela precisa ter um padrão de vida com mais conforto. Foi o único termo claro que él disse. Eu levantei e dei-lhe um beijo. O Audálio disse que o meu livro é retrato fiel do que vejo e escrevo no meu *diário*.

Dei graças a Deus quando o padre Comaru debruceu e descreveu o abandono dos poderes públicos, que não reajustam os desafortunados, obrigando-os a estudar e aprender ofícios.

... O que eu sei dizer é que o meu livro está provocando confusão. O vereador Italo Fitipaldi disse que o meu livro é comparado a "Cabana do Pai Thomaz".

Era 23 horas quando terminou a mesa redonda.

28 de agosto ... Eu estava preparando o café quando o senhor Giacomo De Camilles chegou. Veio buscar-me para eu ir na igreja do padre João Comaru, em Presidente Altino. (...) Quando chegamos em Presidente Altino o povo estava nas ruas com seus trajes dominguereiros. Ia realizar o sorteio das casas que o padre Comaru construiu para os pobres. O padre Comaru apresentou-me para as pessoas presentes. Disse que eu escrevi um livro — a degradação de uma favela. Convidou-me para saudar o povo. Subi no palco e disse que admirava a obra meritória do padre Comaru, construindo casas decentes para os pobres.

(5) "Delegado" é um negro muito popular e conhecido nas associações de homens de côn. (A. D.)

Estava livrando-os da favela, o ambiente que arruina a moral das crianças.

... Iniciaram o sorteio para os sócios que pagam quinhentos cruzeiros por mês para construir as casinhas. O primeiro contemplado foi o senhor Francisco Soeiro Cabral ouviu e disse que tinha um quarto disponível na sua casa. Que eu podia ficar uns dias até arranjar coisa melhor. E se eu queria ir ver. O senhor Mauricio Ferraz de Camargo nos levou no seu auto e o senhor Antonio mostrou-me o quarto, o tanque para lavar roupa e a luz elétrica.

— Serve, Carolina?

— Se serve! Amanhã eu mudo para cá.

Fiquei alegre. Recomendei aos filhos para não reinar. O senhor Antonio apresentou-me a sua espôsa, que estava preparando o almoço. Ele disse-lhe que eu ia ficar uns dias na sua casa até arranjar colocação. Fiquei reanimada. Enfim eu vou deixar a favela. Até que enfim chegou o meu dia.

— Olha o seu retrato no "Mundo Ilustrado".
29 de agosto ... Fui na cidade avisar o reporter que eu ia deixar a favela. Desci do ônibus e fui na banca de jornais olhar as notícias. Assim que o jornalista viu-me disse-me:

— Comprei uma revista e avisei o jornaleiro que ia sair na revista "O Cruzeiro" na terça-feira. Quando cheguei na redação o reporter não estava. Esperei e quando ele chegou eu disse-lhe que ele devia ir comigo no Banco descontar um cheque. Avisei-lhe que arranjei um quarto em Osasco.
... Hoje é a ultima noite que eu vou dormir na favela. Avisei os filhos que vamos mudar amanhã.

Ficaram alegres. Eu disse a D. Alice que vou deixar a favela. Percebi que ela ficou triste. Eu vou dar-lhe o meu barracão. Fui encaixotar os livros. Estou contente. Até que enfim deixo este recanto maldito. Não vou incluir a saudade na minha bagagem.
Eu contratei um caminhão para conduzir os meus cacapecos para Osasco.

30 de agosto Levantei as 6 horas, preparando as roupas e fazendo trouxas para zarpar da favela. Fiz café e fui comprar pão. Pedi ao Chico para atender-me logo, porque eu ia mudar.

— Para onde?

— Vou residir em Osasco.

Estava preparamo os trastes quando chegou o senhor Paulino de Moura, dono da Livraria Boulevard. Veio convidar-me para eu ir na sua livraria autografiar os meus livros. (...) Ele trouxe uns livros para eu autografá-los. Eu estava autografando quando chegou o reporter Gil Passarelli, das "Folhas", para fotografar-me porque eu vou mudar. O senhor Paulino auxiliou-me, retirando as gavetas pela janela, para ser filmada e fotografada. O Gil despediu-se porque a reportagem ia sair a tarde. Continuei autografando os livros, quando chegou o senhor Pompilio Tostes que veio filmar-me. Ele filmou o barracão por fora. Depois foi filmar o interior, mas não tinha claridade. O João subiu no telhado para retirar umas telhas, para penetrar claridade.

... Os jornais já havia noticiado que eu ia mudar para Osasco as 14 horas. Na favela os curiosos já estavam presentes e as crianças rondando o barracão. Não vieram auxiliar-me. A D. Alice disse-me que os meninos haviam mechido nos meus livros. Xinguei-os. Respirei aliviada quando o motorista chegou. O senhor Milton Bitencourt. Ele ficou receioso quando viu os favelados aglomerados ao redor do barracão. Pedi que fosse carregando os cacapecos para o caminhão.

Os reporteres iam chegando para filmar a minha saída da favela. O João não estava. Ele subiu no telhado e caiu e feriu a perna. Foi para a Central de Polícia fazer curativo. A D. Alice disse-me que os filhos da D. Juana estavam mechendo nos livros. Que confusão! Mesmo com a confusão eu estava contente. Era a concretização de um sonho. Os reporteres fotografavam e filmavam. O Audálio chegou com o repórter José Hamilton. A D. Alice auxiliou-me a carregar os cacarecos. Entreguei-lhe o barracão e entramos no caminhão. Eu e os dois filhos, porque o João não estava. O motorista estava agitado. A Meyri surgiu e disse:

— Vê se não esquece dos pobres.

A Leila surgiu andando com dificuldade. Veio para instigar os favelados. O motorista partiu com a máquina acelerada. Começaram a atirar pedras. A Leila agitou-se, pegou pedra e atirou dentro do caminhão. Eu olhava as pedras e a direção com receio de atingir os olhos da Vera e do José Carlos, que já estava ferido com as pedradas. Que confusão! Eu não sei de onde surgiu tantas pessoas para presenciar a minha partida. A Chica e a Nair xingavam-me e diziam:

— Você vai embora para não apanhar!

Eu disse-lhe:

— Estou aqui há 12 anos e você nunca espancou-me. Pode espancar. Eu vou residir em Osasco. O meu endereço é Rua Antônio Águ 833. O Audálio e os outros jornalistas estavam no meio dos favelados. Eu temia uma agressão. Despedi só da D. Alice e da D. Eunice. O Audálio queria que eu despedisse dos favelados pegando-lhes nas mãos, gesto que eu reprovei.

As vizinhas de alvenaria olhavam-me no caminhão acenando as mãos. Mas eu vou sentir saudade só da D. Isalma. Que portuguesa boa! Ela dava comida e roupas para os meus filhos. O caminhão parou

em frente do emporio do senhor Eduardo. O João entrou dentro do caminhão e disse-me que veio no carro do Canal 9. Xinguei-lhe e repreendi-lhe:

— Você não devia subir no telhado. Você não obedece. Você devia ter quebrado uma perna para aprender a obedecer.

Dois jornalistas subiram no caminhão para filmar a rainha chegada na casa de Osasco. Eu queria esperar o Audálio. Pensei que ele ia noutra direção. O motorista seguiu. Eu ia contemplando a Rua Araguaia, a rua que eu percorria para catar papel. A rua do friogófico que nos dava carne. Passamos na Rua Pedro Vicente e seguimos para a Estação da Luz. O motorista, senhor Milton Bitencourt parou no seu ponto e disse para os seus colegas que ia aparecer na televisão. Um jornalista desceu para telefonar. Um senhor que nos olhava perguntou:

— Isso é despejo?

— Não. Não é despejo, eu estou saindo do quarto de despejo.

Sorri achando graça na coincidência. Eu não estava triste. O jornalista que foi telefonar voltou, entrou no caminhão e zarpamos. Eu estava com sono e ia pensando na delícia que ia gozar de poder deitar e dormir sem ruidos, sem a voz ebrria do Adalberto. Conversava com os jornalistas, contava as ocorrências da favela. Eu olhava os meus filhos sujos e com os rostos feridos pelas pedradas dos favelados. Era preciso sair da favela.

... Quando chegamos em Osasco eu paguei ao senhor Milton Bitencourt. 2.000 cruzeiros. Foi o dinheiro mais sagrado para mim, porque pagava o seu trabalho de ter retirado-me da favela. A televisão já estava aguardando. Os fotógrafos fotografou-me perito dos meus cacarecos que achei no lixo. Eu olhava os cacarecos e pensei nos 15 anos que vivi no lixo. Fiquei triste porque o Audálio não estava presente. Pensei: será que ele não queria que eu mudasse da favela? ...

Varias pessoas havia dito que o Andálio transformou-me em rato para os gatos. Mas o rato corre mais do que o gato. E eu corri para Osasco. Os vizinhos do senhor Cabral afluiu-se perguntando:

— O que aconteceu?

Espantados com o povareu da imprensa.

— É a Carolina que está mudando para Osasco.

— Aquela que escreve? Ah, já sei.

Chegou o reporter José Hamilton e o senhor Gil Passarelli. Perguntei pelo Audálio.

— Ele não pode vir.

Ele não quis vir. Pensei: élle é enigmático e gosta de ser bajulado. Mas eu é que não vou bajulá-lo. Os fotógrafos fotografou-me ao lado do senhor Antonio Soeiro Cabral entregando-me a chave. Ele empesou-me uma cama. Cada gesto do senhor Antonio Soeiro Cabral ia revelando o seu grau cultural, solidariedade de gestos que eu desconhecia no nucleo que eu acabava de deixar. Fui recolhendo os cacarecos. Os reporteres partiram. Eu estava cansada. Ageitei as camas e dei banho nos filhos, que ficaram admirados da agua sair quente do chuveiro. Sorriam debaixo do chuveiro. Comeram mortadela com pão e deitaram. Estavam exaustos.

Deitamos e dormimos. Que sono gostoso. A luz eletrica iluminando o quarto. O João sorria porque agora vai poder ler a vontade. Despertei a noite e fiquei pensando na minha vida, que parece uma tragedia. A gente nasce e no decorrer da existencia a vida vai ficando atribulada.

Agora eu estou na sala de visita. O lugar que eu amcionava viver. Vamos ver como é que vai ser a minha vida aqui na sala de visita.

31 de agosto Passei o dia em Osasco. Lavei as roupas que estavam sujas. O senhor Antonio Soeiro Cabral pediu comida no restaurante para mim. Quantia amabiiidade! Quanta comida!

Vou preparar as roupas, porque amanhã eu vou a Santos autografar livros na Livraria Recanto do Livro. O senhor Antonio Soeiro Cabral comprou os jornais que citava que eu havia mudado da favela com pedradas. Gestio que eu já esperava: confeti de favela é pedra.

— Fiquei admirada do Andálio não aparecer em Osasco. Será que ele queria que eu ficasse na favela?

1 de setembro Levantei as 5 horas, preparando os filhos para irmos a Santos. Estava chovendo. Fomos de trem, porque os filhos diziam que queriam andar de trem.

— Que tal é andar de trem?
Não responderam.

— Eu não disse que um dia vocês iam andar de trem?

Quando chegamos na estação tomamos um taxi até a Livraria Francisco Alves. O senhor Thomas Parreira é que vai levar-me em Santos. Fomos até o ponto do onibus. O povo está perguntando porque é que os favelados atirou-me pedras.

... Todos os olhares estavam fixos no meu rosto. O senhor Thomas Parrilho comprou as passagens e partimos. O onibus ia superlotado. Os filhos ia andando as ruas de São Paulo e alvenarias de luxo. Cada qual mais bonita que a outra. No Ipiranga elles viram o Museu e o Monumento e a casa de D. Pedro I. Acharam a casa simples e feia. Fomos cantando no onibus.

Quando chegamos em Santos estava chovendo. Tomamos um carro e dirigimos para o Recanto do Livro. O senhor Osvaldo de Oliveira nos recebeu com cordialidades e dirigimos para a Câmara Municipal. Fui recebida pelos vereadores. Fiquei encantada com o luxo da Câmara de Santos. Fui apresentada ao vice-prefeito, que recebeu-me com cordialidade. Tomamos café.

... Fomos no Recanto do Livro autografar o meu livro. As 5 horas da tarde dirigimos para a Associação Ebano Atlético Clube. Fui bem recebida pelos diretores. Todos de côr.
Sainos do Ebano, fomos para o Recanto do Livro. Autografei o resto dos livros e saímos para procurar um onibus. Não encontramos. Alugamos um automóvel que nos conduziu até Osasco. A Vera adormeceu dentro do automóvel.

2 de setembro Levantei as 7 horas. Trocamos e dirigimos para São Paulo de trem. Os filhos que viam insistindo para andar de trem, não apreciaram. Pensei: tem pessoas que ambicionam algo e quando consegue não emociona.

Quando chegamos em São Paulo fui a livraria autografar. Que suplicio. Suportar os filhos. Almoçamos no restaurante. Autografei varios livros até as 5 horas da tarde. Despedi e voltamos para Osasco. Esses dias eu tenho andado demais. Que confusões na minha vida. Os retratos nos jornais todos os dias, o povo felicita-me e pede-me para eu continuar escrevendo. Os filhos reclamam que não gostam das comidas dos bares. Vou cosinhar para elas.

3 de setembro De manhã o Senhor Antonio Soeiro Cabral conversou comigo. Ele está horrorizado porque o Audálio não retrou-me da favela.

— É que o Audálio é sósinho para escrever e não tem tempo para arranjar uma casa para mim. Preparei os filhos e fomos para a cidade. Varias pessoas parava e perguntava se eu sou a autora do "Quarto de Despejo". Elogia o livro. Fico contente porque ainda não vi critica desabonadora. Eu passava pelas ruas e o povo ia dizendo:

— Olha a escritora.

Dirigimos para a redação do "O Cruzeiro". O Audálio disse-me que eu ia ser entrevistada pelo

reporter do Laife⁽⁶⁾. O Senhor George Torko deu varios gibis para os meus filhos. Eles ficaram contentes e dirigia uns olhares meigos ao Senhor George Torko. Despedimos e voltamos para Osasco. Voltamos de trem.

Com esta vida atribulada que eu levo estou cansada, mas os meus esforços são compensados porque o meu livro é o mais vendido.

... Fui ver o reporter, ele disse-me que eu vou receber o dinheiro da primeira edição dia 5. Dá para dizer:
Eu... dia 5!

4 de setembro Eu não vou sair. Conversei com o Senhor Antonio Soeiro Cabral sobre a condição de vida que eu estou levando. Ele disse-me que acompanharia-me amanhã até a Livraria. Eu estou cansada. Passei o dia lavando as roupas. Estou apreciando Osasco por causa da tranquilidade e o ar puro. Dá a impressão que eu sai do inferno e estou no céu. Os vizinhos olham-me e sorri. As crianças são em numero menor porque não vivem nas ruas.

5 de setembro Levantei as 6 horas, preparei café para os filhos comprei pão, preparei o almoço e dirigimos para a cidade. Estou alegre. Quero organizar a minha vida. Dirigimos para a Livraria, eu fiquei na portaria aguardando a chegada do Senhor Antonio Soeiro Cabral. Ao meio dia ele chegou. Apresentei-lhe para os funcionários da livraria e disse-lhes:
— É este homem que deu-me um quarto em Osasco.

Galgamos no elevador até o terceiro andar. Apresentei-lhe para o Dr. Lelio de Castro Andrade. Ele perguntou ao Dr. Lelio por que é que ele não retirou-me da favela antes de editar o livro.

(6) A autora refere-se à revista norte-americana "Life", cujo nome aportuguêsou. (A. D.)

O Senhor Antônio Soeiro Cabral continuou dizendo que eu devo depositar o dinheiro num Banco e ser a dona do meu dinheiro.⁽⁷⁾

Que ele havia escolhido o Banco I... O Audálio não estava. Eu havia telefonado para ele que o Dr. Lelio já estava na livraria. O Dr. Lelio resolven parar sem a presença do Audálio. O Senhor Antônio Soeiro disse-lhe que não tinha pretenções de intervir-se nos meus negócios. Reconhecia que eu não posso viver como estou. Que ele não aprovava o descaso do Audálio não comparecendo em Osasco.

Eu pedi para ele levar o dinheiro, que eu tenho medo de andar com somas elevadas. Ele telefonou para o seu amigo vir até a livraria para nos acompanhar e ser testemunha que ele havia depositado o dinheiro. Citou os lugares que já trabalhou. O Audálio chegou. Apresentei o Senhor Antônio Soeiro Cabral. Ele disse-lhe que o dinheiro devia ser depositado no Banco I... O Audálio não se opôs.

Quando eu seguia pelas ruas o povo reconhecia-me. No Banco fui apresentada para o irmão do Senhor Antônio Soeiro Cabral. Ele contou o dinheiro. Eu tirei 20 mil cruzeiros para gastar. Recebi um talão de cheque emocionada, porque eu não pretendia ganhar tanto dinheiro assim. O João olhava o dinheiro e sorria. A Vera demonstrava alegria e dizia:

— Agora eu tenho dinheiro para comprar sapatos.

O gerente deu o talão comprovante e um de cheque:

“Banco I... S.A. — Serie B. N.º 864.081 a 864.090.

Nota: estes cheques só poderam ser usados pelos próprios correntistas”. Depositei 176.000 cruzeiros.

O Dr. Lelio deu-me a conta do que venho recebendo do meu livro “Quarto de Despejo”, primeira edição — 10.000 exemplares a 24 cruzeiros:⁽⁸⁾

10.000	24,00
	40 000
	200 000
	240.000,00

Eis o total que recebi do meu livro. A favela deu-me aborrecimentos e um fim maravilhoso.

Saimos do banco fomos até a redação dos Diários. O Audálio ia conversando com o Senhor Antônio Soeiro Cabral. Eu queria ouvir o que eles diziam, mas preceava olhar os filhos que ficavam atraz.

Na redação encontrei o reporter David St. Clair, que queria fazer uma reportagem comigo para o *Laife*. Ele interrogou-me. Perguntou-me onde nasci. O Senhor Antônio Soeiro Cabral ficou na sala para ouvir os interrogatórios do reporter. Mas que reporter! Eu tive a impressão que estava na presença de um juiz. Combinamos que eu devo ir na favela amanhã para ele fotografar-me. Despedi. Sai com o Senhor Antônio Soeiro Cabral. Ele pagou o automóvel até Osasco.

6 de setembro Tomamos o bonde. Quando cheguei na redação encontrei o reporter David St. Clair. Perguntei-lhe por que é que ele é St. Clair, que éste nome é francês. Ele disse-me que é inglez. Tomamos um carro e dirigimos para a favela. Passámos na delegacia para pedir ao delegado dois soldados para nos acompanhar até a favela.

(7) Foram muitas as pessoas que apareceram, depois da publicação do livro, querendo proteger a “pobre favelada”. (A. D.)

(8) A autora refere-se à importância equivalente a 10 % do preço de capa. (A. D.)

O delegado foi gentil e nos deu dois policiais. A Vera estava alegre porque estava usando vestido novo. Ela foi procurar Dona Alice a primeira mulher que eu comprimentei. Fui ver o menino barracão. A Dona Alice desmanchou o quartinho onde meus filhos dormiam. (...) O fotógrafo George Torok fotografou-me. Quando a notícia circulou que eu estava na favela, os favelados afluiram-se. O Audálio disse-me para eu não dizer nada para a Leila. Foi ela que instigou os favelados a apedrejar-me.

... O Audálio e o St. Clair foram ver a Leila. Os favelados acompanhavam. A Leila recebem-nos mal. O Joaquim olhava-me espantado. O Adalberto vagava com o seu andar ocilante por deficiência alimentar. O reporter nos conduziu para a churrascaria na Avenida Duque de Caxias. Os pratos foram variados. O José Carlos molhava o pão no guaraná. Comendo aquela comida granafina, eu pensava nos favelados. E cheguei a conclusão que quem está na sala de visita não sofre, e se sofre, o sofrimento é suave. Eu repreendi os filhos para comportar-se na mesa. A Vera estava alegre, porque é vaidosa. Olhava as mesas com suas toalhas nivias e sorria. O João estava alegre porque o panorama trágico da nossa vida desapareceu. Ele agora sabe que pode almoçar e jantar todos os dias.

Eu estava confusa com os modos peralta dos filhos. O St. Clair disse-me:

— As crianças são iguais em qualquer parte do mundo.
... Eni ia voltar em Osasco para deixar os filhos, porque ia voltar na cidade para ir na Faculdade de Direito. O reporter David St. Clair acompanhou-me. (...) Ele achou que eu estou distante da cidade. Ficou horrorizado quando viu o quartinho que eu estou residindo. Voltamos no mesmo automóvel. O reporter David St. Clair disse-me que vai levar-me nos Estados Unidos depois que eu publicar outro livro.

Quando chegamos na cidade ele despediu-se dizendo que ia comprar um tecido para fazer um agasalho, porque é quer um capote para o inverno. Ele vai nos Estados Unidos no natal. E lá, no natal, tem neve. Ele vai ver a sua mãe. Disse que já faz quatro anos que não vê a sua mãe. Ela é muito bôa. Ele seguiu na minha frente e foi distanciando-se e mesclou-se com a turba.

Fui para o "Cruzeiro" falar com o reporter. Ele estava escrevendo. As 7 horas dirigimos para a Faculdade de Direito. Encontramos o escritor Paulo Dantas. Quando chegamos na Faculdade, os estudantes estavam nos esperando. Fizeram alas para eu entrar. Fui introduzida no salão de honra. Que beleza!

O Senhor Valdir presidente da Academia de Letras da Faculdade apresentou-me ao público e disse que eu ia receber o diploma de membro honorário da Academia da Faculdade de Direito. Que aquele diploma, estava reservado ao escritor Jean Paul Sartre. Mas, devido o escritor francês ter muitos compromissos, não lhe foi possível comparecer e elas resolveram oferecer-me. E disse:

— A França tem Sartre, nós temos a Carolina! Olhando aquela juventude fiquei com dó deles. Pensei em tódas as calamidades que há na terra. O custo da vida, é o flagelo da atualidade. O outro flagelo é a guerra porque dizima a juventude. A guerra tem que ser abolida da face da terra. O homem tem que resolver os seus problemas apoiado na paz.

... Várias autoridades estavam presentes e o auditório superlotado. O Audálio fez a apresentação. (...) Os estudantes perguntaram os fatos da favela. Eu ia respondendo. Disse-lhe que os favelados lutam para alimentar-se. Perguntaram porque é que eu, sendo preta, estava recebendo um diploma da Academia? Foi vaiado. Citaram-lhe que elas ali não admitia preconceito de côr. Perguntaram em quem vou votar.

— Eu ainda não decidi.

O senhor Valdir encerrou a festa. Para mim foi uma festa. Fiquei pensando na confusão da minha vida. Eu não tenho diploma de Grupo Escolar e tenho da Academia da Faculdade de Direito. Os acadêmicos, aos futuros defensores da lei, o meu eterno obri-gado. Espero que o mundo para eles seja um mundo melhor do que o nosso da atualidade. Vivemos intran-quilos com os perigos da época. Vou descrever os perigos:

1 — a fome, proveniente do custo de vida.

2 — devido o custo de vida o pobre não pode residir numa habitação condigna. Tem que residir nas favelas.

3 — a guerra. A guerra não beneficia ninguém. Dizima os países, empobrece o mundo e ceifa milhões de vidas preciosas. As cidades são bombardeadas e as bombas destroem tudo. Depois da guerra tudo tem que ser reconstruído porque as nações não estin-guem-se.

Quando despedi dos estudantes estava emocionada. A Dona Brasília Paganini deu-me um pacote. Ela estava contente naquele núcleo culto. Eu pensava: será que entre este povo culto reina a paz e a harmo-nia? Será que as pessoas do lado de cá são boas ou perversas? A Faculdade estava superlotada. Os estu-dantes espalharam pelas ruas uns boletins que dizia: "Esta Faculdade, que já libertou os escravos, pre-cisa libertar os favelados."

9 de setembro A Vera diz: — Agora nós somos ricos porque temos o que comer até encher a barriga. E dá risada. Vendo-a sorrir eu fico contente e penso em Deus. Ele escreveu outra peça para eu representá-la no palco da vida. Aquela peça de morar na favela e ouvir aquela canção que o custo de vida compôs:

"Eu estou com fome".

Liguei o rádio para ouvir a hora certa, porque hoje eu vou na livraria do Mestre Jou autografar o meu livro. Fui de onibus. Fico horrorizada vendo o sacrifício dos operários para tomar condução de manhã, para ir trabalhar. Uns vão de pé, outros vão sentados. Quando eles chegam ao trabalho já estão exaus-tos. (...) A vida de um operário é dura. Com D maiuscúlo.

... Quando cheguei o Mestre Jou já esperava-me. E disse-me que eu ia para a livraria da Rua Augusta. Quando cheguei na livraria vi uma vitrine com o meu livro e uma faixa que anunciatava a minha presença. Autografei até as 22 horas.

10 de setembro ... Hoje eu vou autografar na livraria da Rua Augusta, a convite da irmã do senhor Giacomo de Camillis. Quando cheguei na livraria era 8 e meia. Comecei a autografar o meu livro. Ao meio-dia eu despedia, chegou um jovem e pediu-me para eu autografar-lhe o livro. Deu-me o seu nome: Eduardo Suplicy Matarazzo. E convidou-me para eu ir almoçar na sua casa. Aceitei o convite. Ele foi telefonar a sua irmã Marina Suplicy Matarazzo, para vir buscar-me de automóvel, porque ele estava de lambreta. A dona da livraria ofereceu-me dinheiro, eu não aceitei. O que eu notei de espetacular foi uma senhora que trabalha na livraria. Ela fala sete idiomas e canta e toca piano. E do Egito. Disse-me que desceende dos faraós. Que vivia na opulência. Descreveu-me seus castelos e os seus criados. E a sua queda financeira, que a política derrotou-a. Que elas eram refugiados... e permaneceram em vários países e ela aprendeu os idiomas. Chega um inglês, ela fala inglês, chega um russo, atende em russo. É viúva e foi empregar-se para viver. Ela é inconformada com a existência. Pediu-me para arranjar-lhe um emprego na televisão. E deu-me o seu cartão.

O automóvel chegou. Despedi e dirigi para a mansão da Avenida Paulista. Eu ia conversando com

a jovem Marina Suplicy Matarazzo, que ia relatando as belíssimas qualidades de sua mãe que tem 11 filhos. Que é muito sensata e que é boa para o seu pai. Admira o seu pai, que tem coragem de criar 11 filhos com todo o conforto. Que o seu pai é um herói.

Quando cheguei na belíssima residência do senhor Paulo Suplicy fiquei abismada vendo aqueles quadros. Mas que quadros! Fui apresentada a senhora Filomena Suplicy Matarazzo, vi a sua nora e os outros filhos que foram chegando. (...) Estava presente o senhor Coriolano de Araújo Goes. Quando pronunciaram o seu nome na mesa, fiquei surpreendida e perguntei-lhe:

— Então é o senhor que foi comissário no Rio de Janeiro?

Ele confirmou. Falamos de sua luta e ele está horrorizado com o custo de vida para os pobres. ... A refeição estava otima. A D. Filomena foi mostrar-me a casa e os criados. Pretos e brancos. A cosinheira é preta e o senhor Paulo Suplicy disse-me que gosta muito dela porque ela está sempre alegre e é de confiança.

Despedi de D. Filomena, porque precisava falar com o reporter. O senhor Eduardo Suplicy prontificou-se a levar-me na Livraria Francisco Alves. Quan-

do chegamos a livraria estava fechada, porque hoje é sábado. Mostrei minha vitrina para a senhorita Mariana, que ficou horrorizada, porque ela ignora os dramas dos pobres.

17 de setembro Não tenho tempo para escrever

... o meu diário devido os convites que venho recebendo de varias cidades do interior para autografar livros. Convite que atendo com todo o prazer, porque vou conhecer algumas cidades do Brasil. Eu estou cansada. Não tenho tempo para ler. O reporter disse-me que este entusiasmo do povo passa.

Fui autografar livros em Mogi das Cruzes (...). O senhor Antonio Soeiro Cabral não reclama a nossa permanencia na sua casa. Dia 17 de setembro fui com o reporter em Bauru. Dia 21 de agosto eu mudei para a Rua Antonio Agu, 908 e comprei moveis de quarto, cosinha e sala. (...) O quintal estava superlotado de lixo. O dono da casa, senhor Victor, ficou admirado de ver eu trabalhar com tanto afan. Recebi a visita do jornalista Renato da "Gazeta". Ele disse-me que eu não devo aceitar as imposições do editor para autografar livros. Que eu não sou obrigada a comparecer. Ele deixou um bilhete para eu ir procurá-lo na rua Barão de Itapetininga.

A casa estava em desordem. Procurei uma empregada para auxiliar-me. O José Carlos arranjou uma senhora branca, D. Helena. (...) Quando eu fui em Sorocaba ela não tomou conta dos meus filhos. A Vera ficou com uma senhora, paguei-lhe 200 cruzeiros. Fui a Sorocaba com o acadêmico Paulo Breda Filho. Que homem agradável! Fomos de carro. Ele guiaava. Eu ia olhando as paisagens deslumbrantes e as plantações de uva, nas imediações de São Roque. Tem varios restaurantes na estrada. Contei 45 igrejas e capelas na beira da estrada. É que os habitantes de sitio não tem distração a não ser a religião. Por isso é que os habitantes dos sitios são humildes. Na rodovia os restaurantes anunciam frango assado. O Dr. Breda Filho levou-me num restaurante para eu almoçar. A dona do restaurante olhava-me. Para disipar a sua dúvida eu disse-lhe que ela já havia visto-me na televisão. Ela recordou e disse:

— Carolina Maria de Jesus, a senhora que escreveu um livro!

O senhor Paulo Breda Filho ia citando que a maior região vinícola de São Paulo era São Roque. Ele comia o frango desinteressado e eu comia com gulá e com avidez. Ele ofereceu-me vinho, recusei porque eu não queria amizade com bebidas alcoólicas.

Quando chegamos era 3 horas. Fui para a livraria Gutierrez. Fui recebida com aplausos e fui autografar os livros. Dei entrevista na Radio. Fomos no Centro Acadêmico Rubino de Oliveira, que estava superlotado. Fui aplaudida. O Dr. Paulo Breda Filho apresentou-me a assistência. Eu estava alegre porque não estava com fome. (...) Depois do debate fui escrever no livro de visitas. Encontrei a assinatura de D. Pedro II.

Os debates foi animado. Falamos do problema dos favelados. Um senhor ofereceu 10 lotes de terra para ser distribuído aos favelados.

Fui dormir na Escola Monteiro Lobato. Só para meninos. Uns são orfãos, outros são abandonados pelos pais. Fico pensando na ação infame da mulher que abandona o filho. A Dona Avelina Garcia é a zeladora do Orfanato.

De manhã eu fui ver as crianças. Admirei a refeição matinal para as crianças: leite puro e pão com manteiga. (...) A Dona Avelina mostrou-me o interior do Orfanato. Tem 15 alqueires de terra que ela cultiva. Planta arroz e feijão. Pedi-lhe para arranjar-lhe um trator. Prometi arranjar. Fiquei pensando no valor do homem do passado, que contava com os seus próprios braços. O homem do passado é que se alimentava com o suor do seu rosto. Os atuais tem as máquinas. As colheitas são mais faceis.

Já que as colheitas são mais faceis, então não há razão para elevar-se os preços dos gêneros "alimentícios".

Fui na lavanderia. Duas mulheres lavavam as roupas das crianças. E ferviam num tacho. Olhei as duas mulheres. Davam a impressão de ser dois esqueletos trabalhando. Cumprimentei-as, elas não deu-me atenção. A Dona Adelina disse-lhes que eu sou escritora. Elas ouviam, dizendo:

— Hum! Hum! Hum!

Abri a bolsa e dei-lhes uma cédula de 1.000 cruzeiros. E disse-lhes:

— É para vocês.

Ela pararam bruscamente, olharam a nota de mil cruzeiros. Depois olharam-me. E sorriam. Pensai: Ah, dinheiro... invenção diabolica que escravisa o homem e liberta o homem.

... Tenho que voltar a São Paulo para ir no Baile da Primavera no Salão de Festas Fazano. (...) Fomos de ônibus porque não tinha automóveis. Os motoristas estavam em greve. Quando cheguei no salão fiquei abismada com o luxo do elevador do Clube Fazano. É maior do que o meu ex-barracão. A escada é forrada com veludo, as mesas são adornadas com flores. A espôsa do senhor George Tork estavam alegre. Contei três senhoras brancas. Todos olhavam a minha mesa. O reporter chegou tarde. O senhor Silva Netto, reporter da "Manchete", estava alegre e atencioso. Fiquei contente quando o reporter chegou. Iniciaram a coroação da Rainha. Eu coroei a Rainha, a senhorita Ester Brasil. E o senhor Silva Netto coroou a princesa. A senhora Aparecida de Campos saudou a Rainha. Eu era o alvo dos olhares por causa do meu livro. O sono dissipou-se. Fiquei conhecendo o diretor do Fidalgo Clube.

... Eu estive em Bauru com o reporter. Fui bem recebida pelos vereadores e o ilustre poeta Nidoval Reis. Que homem amavel. Almoçamos no Clube de Campo. Que clube magnífico! Um fotógrafo acompanhava-nos. Fomos na Câmara Municipal e na Televisão. (...) Eu estava conturbada por causa da viagem de avião. Tinha impressão que estava no espagão. Quando fui jantar estava sem fome, mas guardei uns pedaços de frango para comer se tivesse fome.

... Passei a manhã de domingo na residencia do poeta Nidoval Reis. Sua ilustre esposa preparou um

almôço para nós. Mas que almoço! (...) Ao meio-dia fomos para o campo de aviação. O poeta Nidoval nos acompanhou e nos fotografou ao lado de uma prímavera em flor. Eu olhava as flores vermelhas, a minha côr predileta. A minha vista percorria aquelas terras. Que imensidade de terras há no meu Brasil. Não é necessário existir favela neste país, nem o custo de vida tão elevado.

Fomos sentar no alpendre enquanto aguardavamos o avião. Conversei com as pessoas presentes e recitei uns versos. Fiquei assustada quando ouvi o ruído do avião. O meu coração foi murchando igual uma hexiga quando vai expelindo o ar.

Despedimos do poeta Nidoval Reis e penetraram no avião. Ele oscilava. E eu xingava no pensamento, dizia comigo: eu não vou escrever mais! eu vou voltar para a lavoura! Pensava nas pessoas que morreriam nos aviões. O Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, o Dr. Casper Libero, o jornalista Benjamin Soares Cabello e outros. Carole Lombard. O reporter ia encorajando-me. A volta foi pior porque havia nevoa seca. Que alívio, quando eu li — “Aperte o cinto”. Enfim chegamos em São Paulo.

... Fui tomar o onibus para ir a Osasco. Os filhos queixou-se que o vizinho dos fundos espancou-os porque eles pularam o muro. E que o vizinho é impudente. Eles não atinge o muro do vizinho. O homem xingou os meus filhos. Disse-lhes que nós somos vagabundos que estamos habituados a comer coisa do lixo.

Não preocupei com as confusões.

... Eu estive em Bauru dia 24 de setembro. Em São José dos Campos, dia 17. Autografei livros, visitei colégios, fui saudada pela fanfarraria. Os meus filhos apreciaram. Visitei um colégio de meninas e recitei. Quem acompanhou-me foi o Dr. Alvaro Gonçalves. Que preto distinto!

Eu encontrei o jornalista Mauricio Loureiro Gama. Ele convidou-me para eu ir no seu programa Edição Extra, na Televisão.

O “Time” de 26 de setembro publicou uma reportagem para mim na página 20. Quem fez a reportagem foi o reporter David St. Clair. (...) Eu recebi convite para ir na Associação Cultural do Negro, no predio Martinelli, no dia da Mãe Preta. Ganchei um jongo de chá. Os componentes do Teatro Experimental do Negro cantaram um samba para mim.

Eu estou residindo na Rua Antonio Agu, 908. A casa é nos fundos. Dois comedores e cozinhas. Vou reiniciar o meu diário, dia a dia, porque aquela agitação está diminuindo.

16 de outubro Levantei as 5 horas. Acendi o fogão a gás e fiz o café. Os filhos estão comendo pouco. Eles trocaram roupas. Hoje elas vão no cinema. A Dona Rosa, uma professora que é dona do Salão Grenat, veio visitar-me. Ela escreveu um documentário de sua aluna e deu-me para eu ler. É muito bonito. Está escrito há 10 anos.

... Eu fui na feira, ver se comprava camisas para os filhos. Não encontrei camisas do meu gosto. Comprei adorno para a Vera porque vamos no Rio amanhã. Comprei jornal para ver a classificação do meu livro. Está no primeiro lugar.

17 de outubro ... Chegou um senhor que veio pedir-me para eu escrever uns versos para ele gravar uns discos, que está desempregado. Que assim como eu venci na vida, ele também há de vencer. Ele compôs. Dei uns versos para ele cantar. Cantou. Ele não conhece ritmo. Percebi que ele é um tipo que quer serviços leves. Eles esquece que homem, para vencer, tem que enfrentar...qualquer especie de trabalho.

19 de outubro ... Alguns criticos dizem que sou pernóstica quando escrevo — os filhos abhiram-se —

Será que preconceito existe até na literatura? O negro não tem direito de pronunciar o clássico?

21 de outubro Levantei de manhã e escrevi até o astro-rei despontar. Fiz café e comprei leite para os filhos. Eles abluíram-se. (...) Estava ageitando a casa quando chegou o preto Roberto. Ele está desempregado. Dei 1.000 cruzeiros para o preto Roberto, porque ele queria suicidar-se. Que baixezas! Um homem forte no físico e fraco nas resoluções.

24 de outubro ... As 11 horas chegou o Rubens. Disse-me que conseguiu 170.000 cruzeiros emprestado com o seu tio e quer que eu lhe empreste 180.000 cruzeiros, que ele quer comprar um caminhão. O caminhão custa 350.000 cruzeiros. Eu nunca pedi dinheiro emprestado para ninguém. Pedia pão para os meus filhos e sobra de comida.

... Eu disse que estou juntando dinheiro para comprar uma casa ou um sítio, porque as coisas vêm piorar e eu quero ter terras para plantar. Ele disse-me que arranjou um emprego num escritório e precisa de 3.500 cruzeiros para dar de fiança. O João disse-me para eu não dar-lhe dinheiro.

26 de outubro ... O reporter convidou-me para irmos no Banco. O numero do meu depósito em conta corrente é 36.427. Depositei 150.000 cruzeiros. Conversamos com os bancários. Eles congratularam-se comigo. Despedimos dos bancários e fomos para a reunião. Eu estava conversando com o reporter. Falamos do pai da Vera. Ele vai dar-me uma caneta. Quero duas. Uma para o reporter.

— Agora ele quer dar caneta?

A porta abriu e o David St. Clair e outro senhor entraram-se.

— Oh! — exclamei contente. E dei um abraço no David St. Clair.

... Propuz ao David St. Clair para irmos na Livraria. Eu ia escrever um artigo. Despedi do reporter e saí com o David St. Clair. As pessoas que abordava-me eu parava e apresentava o David St. Clair e dizia:

— Ele é o reporter do "Time".

Elle sorria. Apresentei-o na livraria da Praça Ramos. Paramos para comprar a "Tribuna da Imprensa", mas já estava esgotada. Chegamos na livraria eu apresentei-o:

— Este é o reporter do "Time".

... Saimos da livraria. Despedimos e ele disse-me:

— No Rio você vai jantar comigo.

27 de outubro ... Fomos na Televisão Canal 2 ver a Dona Suzana Rodrigues que convidou-me para tomar parte no seu programa. Sentamos na sala de espera. Conversei com as ilustres senhoras que estavam presentes. Falamos da transformação da minha vida. As mulheres dizia:

— Você deve adorar o reporter. Que homem bom!

— Ele faz tudo de graça para a senhora?

— Faz. O que ganho num mês é ganha em 6 meses. Tem dia que o reporter diz que o seu ordenado é pouco e eu digo: sim! não! poder dizer-te o mesmo.

As mulheres sorriam. A Dona Suzana Rodrigues disse-lhes que eu tenho mais dinheiro do que ela. Mostrei-lhe os recibos dos bancos. Ela disse-me para eu ter cuidado.

— Não tem perigo.

... Disse-lhe que quando recebo 100.000 cruzeiros, recebo 200 mil de aborrecimentos. Estou angariando amigos e inimigos, porque não posso satisfazer certos pedidos impossíveis — Há os que querem casas, há

os que querem caminhões. Percebo que todos desejam algo, mas eu não posso solucionar. Eu tenho que lutar pelos meus filhos.

28 de outubro Levantei as 5 horas porque deitei tarde. Preparei a refeição matinal. Pão, café com leite e aveia. Como é bom ter o que comer. Eu compro verduras, ovos e frutas A minha pele está renovando, estou engordando.

... Pedi ao João para varrer a casa e o quintal. Não quiz. Ele está nervoso porque eu disse-lhe que vou casar com o David St. Clair.

— A senhora casando com o David St. Clair o dinheiro dos livros é dele. A lei dá direito ao homem e eu queria e quero ser o herdeiro dos direitos dos livros.

Fiquei horrorizada O meu filho está ao par do Código Civil melhor do que eu.

29 de outubro ... O João quando fica zangado comigo procede assim. Se pego para fazer um serviço, diz que não gosta de mim. Eu pergunto porque é que ele me trata assim. É que eu brinquei com ele que vou casar com o David St. Clair e ele não quer. E deu-me ordem para não falar em casamento, que sou velha e muito feia.

Recebi a visita de uma senhora por nome Arlete. Disse-me que é amiga da Dona Rosa — mas que amiga... Falou que a Dona Rosa é rica, mas é muito segura. (...) A mulher prosseguiu dizendo que foi casada e separou-se do seu esposo. Saía para trabalhar e deixava suas filhas com a empregada. Ela é de Recife. E foi lá de avião e gosta de viajar de avião. Eu disse-lhe que vou no Rio de Janeiro. Vou de ônibus. Eu gosto por causa das paisagens. (...) Dei graças a Deus quando a mulher despediu-se.

... Eu ainda não habituei com este povo da sala de visita — uma sala que estou procurando um lugar para sentar.

30 de outubro Levantei as 5 horas, preparand-nos porque hoje eu vou na festa da "Última Hora", no Alto do Ipiranga. Fui preparando o almoço e troncando as crianças.

A Dona Rosa e o Juvenal vai ver a festa. Eu vou com todo o prazer porque é festa do jornal. O Juvenal foi o primeiro a chegar. Depois chegou a Dona Rosa. Um senhor e um menino veio visitar-me. Eu conversei com eles no ônibus. Ele disse-me que admira o meu livro. (...) Quando descemos do ônibus levei o Juvenal na livraria para ele ver a minha vitrina com os meus cadernos sujos e velhos. Ele gostou do meu quadro.

... Quando chegamos no Museu não vimos sinal de festa. Perguntei a um guarda onde era a festa. O guarda respondeu:

— No Monumento.

Descemos para o Monumento. Os filhos queriam ver a casa do D. Pedro I. A Vera perguntou ao guarda:

— Seu guarda, o D. Pedro está?

O guarda sorriu e disse:

— Ele está viajando.

Ela correu na minha direção dizendo:

— Mamãe, o guarda disse que o D. Pedro está viajando.

Entramos na casa de D. Pedro, os filhos ficaram admirados do primitivismo. A candeia a óleo, as malas de couro, as camas, os arreios, as selas. Objetos que representa uma época distante. Naquele tempo o Brasil era pobre, porque o nosso ouro ia para Portugal. Hoje o Brasil é pobre porque as verbas do País não vai para o Tesouro. Vai para os bolsos dos mafiosos que duplicam dia a dia igual as estrelas do céu.

Saimos da casa de D. Pedro, dirigimos para o Monumento. Vimos a tendinha da "Última Hora". Os jornalistas começaram a aproximar-se para nos cumprimentar.

mentar. Os artistas foram chegando e ficaram entre o povo, porque a D. D. P. — Divisão de Diversões Públicas queria impedir os festejos. O animador da festa foi falar com o diretor da Divisão de Diversões Públicas, deixando o povo a espera. Nós que estávamos ali eramos amigos da "Última Hora". Se elas fossem presas, o povo acompanhava-os. Percebi que "Última Hora" é querida do povo e patrocinando estes espetáculos ao povo vai angariando mais amigos. Belo gesto da "Última Hora", porque o custo de vida impede o povo de frequentar teatros.

Fiquei horrorizada vendo a Dona Lei intervir-se numa festa inofensiva.

Quando o espiquei apresentou-me no palco eu disse que o meu sonho é ver o custo de vida ao alcance de todos. Temos que lutar unidos para subjugar este flagelo.

Os artistas foram para o palco depois que o diretor da Diversões Públicas deu permissão. Ele resolveu ceder por causa da multidão. (...) A Ruth de Souza disse-me que quer filmar o meu livro. Eu disse-lhe quem quem solucionaria tudo que refere-se comigo é o reporter.

— Vou procurá-lo.

Sai e voltei com o reporter. Ele citou que está preparando os "scripts" e dá preferência a ela. Ela deu o seu endereço para o reporter. Ela ficou alegre e agradeceu.

... O conjunto do Teatro Experimental do Negro cantou o samba "Quarto de Despejo".⁽⁹⁾

1 de novembro ... O João tratou dos dentes. Quando acaba de comer vai olhar no espelho para ver se o ouro saiu. Ele pensa que é importante. E a ingenuidade. Eu tenho dó das crianças.

(9) Samba de autoria do compositor B. Lobo, em homenagem a Carolina. (A. D.)

... Vou cosinhar feijão. Os filhos não comem sem feijão. O feijão para eles é o prato de Gala. A Vera quando vê comida, canta.

2 de novembro Levantei as 3 horas para escrever e ler um pouco, porque não tenho tempo durante o dia. Porque os meus filhos reinam muito. O José Carlos fala:

— João, você precisa comportar-se melhor para não deixar a mamãe nervosa. Ela tem um coração e o coração é o relogio do corpo humano. Esse relogio pode parar um dia. É um relogio que não tem corda. Passei o dia cuidando das roupas dos filhos, porque que nós vamos ao Rio de Janeiro no dia 7. Eu não sabia que hoje é feriado, mas o meu vizinho deu-me a honra de vender-me leite, pão e açucar.

Abri a porta da frente e vi o bom povo de Osasco percorrendo as ruas conduzindo flôres aos seus entes amados que deixou este mundo para sempre. Do geito que o mundo vai... dia chegará em que havemos de dizer:

— Viva os mortos!

4 de novembro ... De manhã recebi a visita do senhor João José Fech — economista. Veio propondo se quero ser socia numa fabrica que ele vai abrir. É uma fabrica de armação para guarda-chuva. Eu não tenho dinheiro para investimentos. A unica coisa que eu quero é comprar uma casinha. Eu sei negociar, mas não quero porque o meu ramo são os livros. O senhor João disse-me que é casado com judia. Que a raça judaica é unida e que elas auxiliam-se. São unidos porque seguem os preceitos de Moysés, que aconselhou-os para ser unidos.

6 de novembro ... A Dona Rosa veio visitar-me. Convidei-a para ir comigo a televisão. (...) Eu ia mandar os filhos ao cinema, mas elas estão reinando muito. Esquentei agua para abluí-los e preparei janta

para êles. Troquei-me e saímos. O senhor Joaquim Rosa saiu comosco, mas desistiu de nos acompanhar aludindo que estava com frio. (...) Quando chegamos na Televisão fui encontrando as pessoas amigas. O notável Helio Souto foi gentilíssimo. Eu disse-lhe para pedir ao reporter o conto que escrevi — “A Feijarda” — para radiofonizá-lo. Expliquei-lhe a história. Ele organizou uma favela no estúdio com um varal de roupas velhas. A D. Carmelia Alves cantou uma samba para iniciar o programa. Percebi que o meu livro deu muitos derivados. Estou contente. A televisão estava animada. O senhor Helio Souto entecen o meu livro e fez uns comentários. Despedi dos artistas e do senhor Helio Souto. Quando chegamos em Osasco era 23 horas. Despedi da Dona Rossa e entrei. Fui preparar a minha bagagem, porque amanhã eu vou ao Rio.

7 de novembro Despertamos as 3 horas da manhã. Mandei o João ligar o rádio para ouvir as horas. Era 3 horas. Fiz café, o João foi trocar-se. Despertei o José Carlos e a Vera. Fechamos a casa e fomos para o ponto de ônibus.

... A condução dos operários estava superlotada. Que sacrifício para colocar a mala. Uns iam sentados, outros de pé. Reclamavam que a minha mala estava obstruindo o espaço. Eu disse que ia viajar.

— Onde vai?

— Ao Rio de Janeiro.

— Onde é que vai hospedar-se?

— No Hotel Serrador.

O preto jocoso que me interrogava, sorriu. O eco de sua gargalhada fez com que outros olhassem. Ele continuou interrogar-me:

— Quem vai hospedar-se no Hotel Serrador viaja de ônibus. Quem hospeda-se no Hotel Serrador viaja só de cadeia. Os passageiros sorriam.

— É que o dinheiro que eu tinha para pagar o automóvel emprestei para um senhor que está desempregado.

O preto continuou. Ele foi contando anedotas e os passageiros sorriam. Quando chegamos na cidade dirigimos para a livraria. As malas estavam pesadas. A livraria estava fechada. Bati. Não atenderam. O senhor Assumpção ouviu o ruído dos filhos, desceu e abriu a porta, dizendo que sabia que eu ia ao Rio. Que o Dr. Lelio de Castro havia deixado 3 passagens.

... Tomamos um taxi. Paguei 38 cruzeiros. Na empresa Auto-Onibus fui reconhecida por várias pessoas. Cumprimentei-as e fui escrevendo a poesia “Noivas de Maio” para ler na Televisão no Rio. Quando entramos no ônibus surgiu um incidente. Havia o José Carlos queria sentar sozinho e nós tínhamos só 3 poltronas. Eu disse para o motorista:

— Se o senhor obrigar-me a descer do ônibus eu volto para Osasco e não apareço no Rio. E os jornalistas do Rio estão esperando-me.

Por fim decidimos que eu devia dizer ao fiscal que a Vera está com 5 anos. Abri a bolsa, dizendo que podia comprar uma passagem para a Vera. E retirei uma cedula de 1.000 cruzeiros. Os passageiros foram acomodando-se e o ônibus partiu. A Vera queria ir na janela. Xinguei-a, porque eu estava supermervosa. Nós íamos olhando as ruas que eu percorria catando papel. Já habituei: quando passo por uma rua olho se as latas de lixo já estão na rua. Quem catta, algo no lixo não está roubando.

O auto descia a Avenida Tiradentes e eu ia olhando os recantos conhecidos. E olhei com amor e simpatia a casa do senhor Rodolfo, porque ele auxiliou-me muito. Os meus filhos estavam tristes e eu também. Parece que a tristeza contagia. Os filhos já conhecem aquele roteiro, porque já fomos à São José dos Campos.

... Quando chegamos ao Rio fui avistando as casas de tabua. Eu tenho pavor das casas de tabua. Para

min elas representam o símbolo da pobreza, o distinto da miseria. Os passageiros estavam levantando-se para agitar as bagagens. Minha mala vinha no de-
pósito. Eu havia dado 20 cruzeiros ao carregador em São Paulo. Quando o ônibus foi chegando eu ia olhan-
do para ver se via os jornalistas. Quando vi reanimei
e sorri, acenando-lhes a mão. Eles reconheceram-me.
Fui filmada. Cumprimentei as pessoas presentes. Os
jornalistas foram fotografando-me. A Vera queria
chegar ao hotel depressa. Depois dos cumprimentos
fomos para o Hotel Serrador. Que predio magnífico!
Fomos para o nosso apartamento no 11 andar. Um
apartamento maravilhoso. A cama nivia e a vista
maravilhosa. Tudo que é do Rio é belo. A governanta
do hotel tratou-me bem. É Dona Luiza Fiori. Auxi-
liou-me a guardar as roupas e dizia que estava con-
tente porque gosta de crianças.

O senhor Homero Homem, um poeta culto, disse-
me que nós íamos a um programa de televisão. Jan-
tamos, trocamos e saímos para a Televisão.
chegamos a reporter perguntou pelo Audálio.
— Ele não veio — respondeu o senhor Homero

Homem.

A reporter combinou com o senhor Homero Ho-
mem e resolveram transformar o programa, apresen-
tando-me num barracão com os filhos, o senhor Ho-
mero Homem e o senhor Barbosa Mello. Falamos dos
meus livros que eu pretendendo escrever e do atual livro.
Eles citaram trechos do livro.

Saímos da Televisão, andamos por aí e fomos
jantar na Churrascaria Gaucha. A Dona Luiza Fiori
acompanhou-me. Alugaram um carro e fomos para
o Hotel Serrador. Que alegria quando deitamos. A
cama nivia e macia!

8 de novembro Levantei as 4 horas. Fui até a
janela contemplar as paisagens deslumbrantes do Rio
de Janeiro. Os carrinhos de pão circulavam pelas

ruas. A Dona Luiza surgiu perguntando-me se eu queria tomar café.

Ela pediu café. Os filhos ficaram admirados quando viu as frutas, manteiga. A Vera sorria quando os nossos olhares cruzavam. Nós agora somos ricos.

Desci no elevador para encher as canetas. Os empregados do hotel olhavam as canetas e sorriam, co-
mentando que as canetas eram velhas. Pedi o jornal
para ler. Eu estava em todos. Conversei com os fun-
cionários e subi no elevador para ler. Estava cansada,
mas estava contente porque a vida no Rio transforma.
É um recanto de fadas. O carioca é agradável.

O hotel parece um palácio encantado. Tem tudo
que desejamos. O rádio, telefone e as vistas agrada-
veis. A D. Luiza Fiori é culta e laboriosa. Troquei
os filhos e fui girar pela cidade. Os cariocas estavam
comentando o meu programa da televisão. Fui a Ci-
nelândia olhar os locais onde ia realizar os autogra-
fos. E li os nomes das editoras. Sentamos para ler
a "Última Hora". Achei grata, quando li: — "Relogio
de ponto para os deputados". As pessoas nos reco-
nhecia. Circulamos pelas ruas procurando tinta. As
coisas que me faz falta: livros, tinta e papeis. Encon-
trei uma loja de canetas e perguntei se tinha tinta.
Responderam-me que sim. Perguntei o preço: 12 cru-
zeiros. Contei o dinheiro, faltava 5. O jovem disse-me
que eu podia levar o vidro de tinta e pagá-lo depois.
Fiquei surpresa, porque aquele jovem me via pela pri-
meira vez. Eu disse-lhe que estava hospedada no
Hotel Serrador.

— Eu confio na senhora. Pode levar a tinta.

... O que fascinou-me foi as maneiras cultas dos
funcionários do hotel. Quando olhava-me sorriam. Dá
a impressão que estamos no céu. A D. Luiza disse-
me que eu devia tomar banho. Obedecei. O ilustre es-
critor Homero Homem chegou e telefonou. Pedi para
ele subir.

Não estou trabalhando. Recordei aquela época em que cavaia papel até as 11 horas para conseguir dinheiro para comprar o que comer.

Quando o senhor Homero Homem chegou sorriu antes de nos cumprimentar. Disse-me que eu devia trocar-me para ir autografar na "Revista Leitura". A D. Elza Heloisa estava presente. E a D. Jurena Finamour. Começaram os telefonemas dos cariocas saudando-me. O senhor Homero Homem despediu-se. Os meus filhos estavam abismados. A Vera olhava tudo ao seu redor com assombro. O que impressionou-a foi a banheira. Ela dizia:

— Como é que a agua pode sair quente de dentro da parede? Mamãe, esta casa é a casa das fadas que falam os livros?

— Não é a casa das fadas, não é casa dos livros. É o hotel.

A D. Elza Heloisa saiu com os meus filhos e eu fui autografar livros na redação da "Revista Leitura". Quem acompanhou-me era o senhor Barboza Mello, que ofereceu-me um refresco de caju. Gostei, porque foi a primeira vez que bebi. Galgamos os degraus. O senhor Homero Homem estava sem palitó, sentado escrevendo. Circulei o olhar pela redação. Fiquei contente. Vi vários livros nas prateleiras. Sentei para autografar os meus livros. Chegou um mulato. Cumprimentou-me sem dizer o seu nome. Perguntou ao senhor Homero Homem se eu estava comprovando ser a autora do livro. A sua voz era sutil. Mas eu percebi.

— Está — confirmou o senhor Homero Homem com sua voz calma.

Chegou o escritor Walmir Ayala. Cumprimentou-me e olhou-me minuciosamente. Tinha a impressão que estava diante de um juiz. O senhor Homero Homem apresentou-me, dizendo:

— Este é o Walmir Ayala.....
Agradeci o artigo que ele escreveu para mim no "Jornal do Brasil" no dia 1 de setembro de 1960. Continuei autografando os livros. O senhor Barboza Mello perguntava-me todos os instantes se eu estava cansada. Respondi que não porque agora eu não canso.

9 de novembro Despertei as 4 horas porque já estava habituada. (...) O telefone tocou. Fui atender, era a D. Elza Heloisa. Disse-me que vinha retirar os meus filhos para passear. O meu quarto estava superlotado de visitas. A D. Eva Vastari, da revista finlandesa, uma loura muito educada, estava presente. O telefone tocou. Fui atender. Era o senhor Ferrão. Ele disse-lhe para subir.

... A noite estava tepida, o céu adornado de estrelas. E as ruas do Rio superlotadas de transeuntes. O senhor Ferrão acompanhou-me até a Cinelandia, que estava com as arvores iluminadas. Quando cheguei na Feira do Livro a multidão aplaudiu-me. Acelei a mão e dirigi para o palanque. Iniciei os autógrafos com dedicatórias. A praça estava superlotada. Não me foi possível ser mais atenciosa com o povo, por causa do horário. Eu devia ir na televisão. Que suplicio para deixar a Cinelandia. O povo segurandom-me, pedindo para eu autografar livros. Conseguimos tomar um taxi. Eu estava cansada de ficar de pé. Fomos jantar. No restaurante nós escolhemos o que comer. Eu fiquei horrorizada porque as madames jogavam a metade das comidas fora. E no prego que está os gêneros alimentícios!

Fui que eu estava habituada a aproveitar tudo e por isso não sei dissipar.

Que luxo no restaurante! Os garçons atenciosos, fitando-me com curiosidade quando ouvia alguém pronunciar o meu nome.

10 de novembro ... O senhor Homero Homem telefonou-me que ia buscar-me para ir autografar livros. A D. Elza Heloisa prontificou-se a levar-me. Nas ruas do Rio eu notava as mesmas confusões de São Paulo. O corre-corre. Eu e D. Elza Heloisa an-

davamos depressa. A D. Luiza Fiori foi ao cinema com os meus filhos. O que eu admirrei no carioca é a solidariedade. Um povo unido e comunicativo. O senhor Homero Homem e o senhor Barboza Mello estavam na redação da "Revista Leitura". Cumprimentei-os e sentei para autografar os meus livros.

Eu disse ao senhor Homero Homem que simpatizava com ele e estava disposta a comprá-lo a prestaçao. Ele disse-me:

— Eu só me vendo a vista.

O senhor Walmir Ayala saiu bruscamente sem despedir-se. O senhor Barboza Mello estava atencioso. O senhor Homero disse-me:

— Sabe, Carolina, eu sou pescador. Eu vou escrever um livro igual o seu. E vou comprar um barco e vamos fazer um raide pelo mar. Todas as sextas-feiras eu vou pescar.

O senhor Barboza Mello perguntou-me se eu estava cansada. Eu que élê não conhece a minha vida. Não canso com qualquer coisa. Fui trocar as roupas porque eu ia autografar na praça. Quando cheguei ao hotel encontrei o senhor Raimundo Beviláqua. Ele disse que quer casar-se comigo. Achei grata.

... Quando cheguei na praça para autografar, a multidão estava aguardando-me. Eu autografava e contava algumas anedotas para os cariocas. (...) Surgiu um jovem e pediu-me para autografar-lhe uma cedula de 5 cruzeiros:

— Não posso autografar na cedula.

— É que eu não posso comprar o livro.

O senhor Fierrão deu-lhe um livro e eu autografei. O jovem sorriu quando recebeu. Sorriu satisfeito como se tivesse recebido um presente de alto valor.

A Dona Jurema Finamour e a Dona Luiça estavam ao meu lado. Eu ia ser entrevistada na televisão as 22 horas. Fomos de carro para a Urca.

... Quando saímos da televisão o esposo de Dona Jurema Finamour levou-me ao hotel. Deitei pensando

que devia levantar cedo, porque eu havia combinado com a Diva que ela devia ir procurar-me de manhã para eu assistir a missa com o bispo D. Helder Camara.

11 de novembro Levantei as 5 horas, preparei-me e desci no elevador. Encontrei a D. Diva e sua irmã, que é professora. Ela ia guiando o carro. Confundia as ruas e guiaava contra mão.

... Quando chegamos na Escola de Enfermagem Ana Nery, o D. Helder estava celebrando a missa. Fiquei horrorizada com o aspecto da capela, que não tinha ninguém. Contei onze pessoas dentro da igreja. O D. Helder diz a missa completa, com tanto prazer que impressiona.

Quando ele deixou o altar eu fui para a sala de audiencias. A Dona Diva apresentou-me. Ele é mininho. Eu disse-lhe que venho acompanhando as suas obras filantrópicas. Ele começou a falar:

— Temos que melhorar a situação do mundo. Quando eu olho o mundo vejo que temos grandes reformas sociais a realizar. Não é possível que um terço da humanidade tenha tudo e dois terços não tenham nada. (...) Temos que ser bons para multiplicar os exemplos. Eu quero bem aos ricos e quero bem aos pobres. Porque os ricos devem ser de Deus e os pobres devem ser de Deus.

Ele comentou uns trechos do meu livro. Despedimos e voltamos.

... Quando cheguei ao hotel encontrei os repórteres da revista, para entrevistar-me. Chegou duas senhoras que foi visitar-me. Comegemos a conversar. O meu quarteto era adornado com belíssimas flores que os cariocas enviam-me. Tinha uma mulher obesa que falava por cem, demonstrando suas habilidades. Era compositora e escritora. Não permitia que o reporter me entrevistasse. Ele ficou nervoso e fomos concluir

a entrevista noutro local. Fui para o outro quarto. Ele estava maldizendo que não tolera mulher faladora. Pensei ser indireta... Ele entrevistou-me e prometeu dar-me um livro — “O Pequeno Príncipe”.

A Dona Júrema Finamour chegou e começamos a conversar. Chegou os reporteres da revista “Manchete” e convidou-me para percorrer as favelas. Fomos na favela do Mangue. Fui mal recebida pelos favelados. (...) Percorri as praias olhando os cariocas em trajes de banho, deitados na areia, despreocupados como as aves que vagueiam na amplidão.

Dirigimos para o hotel. A Dona Luiza Fiori nos esperava para almoçar. Chegou a Dona Helena Figueiredo. Convidou-me para sair com ela, que ia fotografar-me para uma reportagem. Alugamos um taxi. Ela fotografou-me na porta da Academia Brasileira de Letras. A porta estava fechada.

Eu sentei a Vera e o José Carlos perto do busto de Machado de Assis.

... Eu estava cansada. Os pés doíam e estavam inchados. Entramos num carro e fomos tomar o ônibus para São Paulo.

12 de novembro O Dr. Lelio disse-me que eu devia ir na televisão. (...) O Carlos Felipe Moysés acompanhou-me. Chegamos na Televisão Tupi era 11 e meia. Quando sentamos na mesa contei 18 pessoas. O senhor Mauricio Loureiro Gama, o Primo Carneiro ao meu lado e a cantora Carmelia Alves. Iniciamos o almoço. O Primo Carneiro reclamou que a comida era pouca. Fiquei horrorizada com o tamanho das mãos e os pés do Primo Carneiro. O senhor Mauricio Loureiro Gama pediu-me para perguntar ao Primo Carneiro se queria lutar com o José Carlos de Moraes, o “Tico-Tico”.

... Fui falar com o repórter, para combinar a nossa viagem ao Rio. Nós íamos na festa do Clube

Renascença. O repórter disse que eu devia estar na redação as 9 horas para tomar o avião.

13 de novembro ... Tomamos um carro e dirigimos para o Aeroporto. Encontramos uns jornalistas amigos. Perguntaram-me se gostava de andar de avião. Estava chovendo quando tomamos o avião. O meu coração oscilava dentro do peito quando o avião inclinava-se. O repórter ia ao meu lado conversando e lendo os jornais. O avião ia singrando e ultrapassando as nuvens de chuva. As nuvens girando no espaço vinham de encontro ao avião. São nivias como flocos de algodão. Eu ia rezando, pedindo a Deus para chegar sem incidentes.

Quando chegamos ao Rio vi os rostos conhecidos aguardando-me. O escritor Homero Homen, o senhor Oscar, diretor do Renascença Clube, o senhor Barboza Mello e o poeta Raimundo Bevílaqua e outros jornalistas que fotografava-nos. Eles não conheciam o Adriálio. Seguimos para a casa do senhor Oscar, que é advogado. Que casa magnifica. Vários pretos foram cumprimentando-me.

... Eu estava com fome, a esposa do Dr. Oscar ofereceu-me feijoada. Tomei banho, passei o meu vestido e dirigimos para o Renascença Clube. Um preto que é advogado conversava comigo citando a sua luta para estudar. Disse-me que foi servente de pedreiro. Estudava a noite.

... No Clube Renascença a festa estava animada. Os pretos do Rio estavam bem vestidos. Os jornalistas estavam presentes. A festa iniciou-se com um desfile de modas, para concurso. Foram classificados quatro modelos. Fizeram discurso citando que eu estava presente. Fui aplaudida.

... Despedi do Dr. Oscar e sua esposa e saímos com o jornalista Darwin Brandão e a sua esposa. Fomos jantar em Copacabana. O escritor Homero Homen nos acompanhava. Eu ia observando os modos

cultos do senhor Darwin Brändão. Ele guia o carro observando bem o sinal do tráfego.

Depois do jantar élé nos conduziu. Seguimos para a residencia do Dr. Oscar. Era 2 horas da manhã.

14 de novembro ... Depois do café o Dr. Oscar nos conduziu de automovel até o Aeroporto. Quando embarcamos no avião o reporter viu a Dona Sarita Campos e cumprimentou-a.

— Quem é essa senhora?

— É a Sarita Campos.

Fui sentar ao lado da Dona Sarita Campos. Ela estava com um rosario rezando. (...) Quando chegamos a São Paulo a Dona Sarita reanimou-se. Despedimos.

... Fui ver os filhos e trocá-los, porque íamos visitar o Prefeito Adhemar de Barros. (...) Na sala de espera varias pessoas aguardavam audiencia. A Televisão estava aguardando. Quando o Dr. Adhemar saiu para receber-me caminhei na sua direção e cumprimentei-o e recitei uns versos. Ele disse-me que ia organizar uma comissão para construir casas proprias para os favelados.

17 de novembro ... Eu ia numa noite de autografos organizada pela colunista Alik Kostakis. Eu estava com o casaco vermelho. (...) Tomamos um taxi e fomos para a Avenida Paulista no Conjunto Nacional. Os livros eram em beneficio do Lar Escola São Francisco. As barraquinhas ornadas com flôres de diversas tonalidades. A minha barraca estava no fim do salão. As madames chiques de São Paulo compareceram. A minha madrinha foi a Dona Bia Coutinho. Primeira vez que a vejo. Tratou-me admiravelmente bem. Não deu-me o seu endereço e não convidei-me para ir a sua residencia.

... O mais alegre era o Conde Ermelindo Mata-razzo. Estavam presentes escritores e artistas. Os

escritores foram na minha barraca. Dona Adalgisa Nery, Dona Maria Dezone Pacheco Fernandes, Matos Pacheco, senhor José Tavares de Miranda.

... Fiquei horrorizada ouvindo uma senhora da alta sociedade dizer que ficou contente quando o seu esposo faleceu. Tenho impressão que estou vivendo num mundo de joias falsas.

18 de novembro ... Vou a São José do Rio Pardo. A Vera estava animada. Fomos de onibus. Eu ia contemplando as exuberancias do nosso País e a imensidate de terras sem cultivar. Não culpo o homem do campo por abandonar as terras, porque elés trabalham e nunca tem nada. Eu já fui do campo. (...) Eu ia revendo as paisagens agrestes, contemplando a revoada das aves na amplidão. Quando chegamos em São José do Rio Pardo, o senhor Thercio Gonçalves nos esperava. Um homem culto e agradável. Presidente do Gremio Estudantil Euclides da Cunha. O que notei na cidade: todos admiraram e veneram o sandoso Euclides da Cunha.

... A cidade estava tepida. Os habitantes serenos. Tão diferentes do paulistano agitado e grosseiro para andar nas ruas. O paulistano empurra quem está na frente, pizza no pé dos que estão ao seu lado. Fomos hospedar num predio antigo, mas gostoso. (...) As recepções foram agradaveis.

O que impressionou-me foi o jantar no hotel. Que comida gostosa! Eu estava alegre, calma e feliz. Sorria a todo instante. Para mim eu estava noutro mundo. Um mundo sublime e sem confusões. (...) Passamos o domingo em São José do Rio Pardo. O Dr. Osvaldo Gallotti nos conduziu de automovel para conhecermos os recantos da cidade. Fui ver o barra-cão onde o nosso Euclides da Cunha escreveu "Os Sertões."

... O Dr. Osvaldo Gallotti e o senhor Thercio Gonçalves levou-nos a usina elétrica de São José do Rio Pardo, que fornece energia para as cidades visi-

CAROLINA MARIA DE JESUS
 ... Admirei as quantidades de nhas até Mococa. (...) Admirei as quantidades de mangueiras espalhadas pelos prados. Que dia magnífico! As aves perpassavam em revoada. Espectaculo que as pessoas residentes em São Paulo não aprecia. Parece que as aves tem pavor do céu de São Paulo por causa das fumacás das fabricas.

... Fomos ver o subterraneo onde está localizado os geradores de energia. O tunel tem aspecto de caverna.

Fomos visitar a mãe do Dr. Gallotti. A casa é ampla. É casa-matriz apropriada para receber os netos nas ferias. Fui ver a casa. Que casarão! com seus moveis antigos. Quando eu era jovem sonhava ser dona de uma mansão com varias dependencias.

... Fomos ao Orfanato ver as crianças que estão aos cuidados das Irmãs. Olhando aquelas crianças elas são tristes. Devem sonhar com a liberdade, mas elas são mais felizes que as que perambulam por aqui, sem teto para abrigá-las. Elas cantaram a canção "Criança Feliz". A Vera disse-me:

— Eu sou mais feliz do que elas porque tenho mãe.

E olhou-me com ternura.

... Passamos o domingo sem notar. O dia foi minusculo. Dias longos eram os da favela: fome, briga e Radio-Patrulha. Fiquei contente com o presente que o senhor Therecio Gonçalves deu-me — um livro. O livro é "Os Sertões".

Os meus agradecimentos ao povo de São José do Rio Pardo. Fui recebida com deferencia especial. Essa acolhida amavel que o povo dispensa-me estimula-me a escrever outros livros e estudar.

Viajarmos a noite. Eu vinha cantando na viagem. Oh vida boa! Minha vida está aveludada. Agora eu tenho comida, tenho casa, tenho o que vestir. Compro roupas novas para mim. Quando eu catava roupas no fixo para usá-las pensava: algum dia hei de comprar roupas para mim. E Deus ajudou-me. Estou contente.

23 de novembro Não estou tranquila com a ideia de escrever o meu diario da vida atual. Escrever contra os ricos. Eles são poderosos e podem destruir-me. Há os que pedem dinheiro e suplicam para não mencioná-los. Tem uma senhora que quer dinheiro para comprar uma casa. Eu não tenho. Ela ficou demal comigo. Ela quer 500.000 cruzeiros. Estes dias eu não estou escrevendo. Estou pensando, pensando, pensando. Quando escrevi contra os favelados fui apedrejada...

... Todos os dias chega cartas de editor internacional que quer traduzir o livro. Até eu estou abismada com a repercussão do livro.

24 de novembro Os filhos andam alegres porque podem comprar frutas para comer. Eles que catavam no lixo. O José Carlos diz:

— Parece que estamos sonhando. Há tantas coisas para comer, mas é preciso ter dinheiro para comprar. Quem inventou o dinheiro?

— Foi um povo chamado fenícios.

— Invencão idiota, não, mamãe? Eu estou pensando onde deixar a Vera quando for viajar. Eu não contava com essas viagens. Fui a cidade. O Dr. Lelio disse-me que já enviou livros para Porto Alegre. Encontrei a Dona Elza Heloisa. Disse-me que acompanha-me na viagem a Porto Alegre. Comprei meias e vestidos. Quando cheguei a Osasco encontrei o José Carlos queixando que o senhor Antonio Soeiro Cabral havia exparcido-o. O José Carlos é intelectual no falar, mas reina muito.

26 de novembro Os meus filhos estão confusos com a mudança brusca de nossa vida. Eles compram maçã, ficam sorrindo e comentando:

— Que bom poder comprar o que desejamos.

A Vera pergunta:

— Nós vamos viver sempre assim?

— Agora eu estou na casa de alvenaria.

— A senhora recorda das enchentes da favela? A agua entrava dentro de casa. Coitada da Nenê e a Ivaniê. Como é horrível ser menina de favela.

O livreiro Paulo Rolim de Moura veio queixar-me que a Prefeitura quer fechar a sua livraria na Penha. Pediu-me para eu ir falar com um político para deixá-lo em paz. (...) Citei-lhe que não tenho prestígio com os políticos porque não os bajulo.

— Vai, Dona Carolina. A senhora consegue tudo, até o sol te atende.

Sorri achando graça. Quem sou eu, um colibri falar com uma agua. Eu casei de explicar-lhe a nulidade de minha interferencia. Ele despediu-se tristonho.

30 de novembro Levantei as 4 horas, preparamo-nos para ir a Porto Alegre. Pedi para a Dona Maria cuidar da casa, lavar as roupas e olhar os meninos. Eles reclamaram muito e os vizinhos reclamaram, aconselhando-me para interná-los. Quando estávamos na favela passando fome eu não os internei. Agora que posso dar-lhes o que comer é que vou interná-los? Seria injustiça da minha parte.

... Vesti o meu casaco vermelho e tomei um taxi. Eu parava nas filas de onibus e convideava alguém para ir até a cidade. Uns recusavam, pensando que teriam de pagar a viagem. Doulhês razão, porque o dinheiro do operário é conta-gôtas. Uma portuguesinha que trabalha no Jardim America aceitou o convite. Eu ia conversando com o motorista. Estava alegra. Estou conhecendo o Brasil.

Quando cheguei no Aeroporto os carregadores vieram ao meu encontro dizendo-me:

— Olha a minha namorada!

Era 7 horas, o céu estava cinzento e frio.

— Para onde vai?

— Para Porto Alegre.

Fiquei circulando e olhando o reiôgio a todo instante pensando na Dona Eliza Heloisa. E se ela não aparecer? Não sei viajar sozinha. As pessoas que iam chegando reconhecia-me. As 8 horas a Dona Eliza chegou e foi preparar as passagens. Uma senhora perguntou-me:

— Essa senhora é a tua dama de companhia?

— É uma jornalista que vai acompanhar-me até Porto Alegre. Não tenho pratica de viajar sozinha. Eu era da favela. E o roteiro que favelado conhece é Santa Casa, Central de Policia e Gabinete de Investigações.

Quando o avião partiu eu estava tranquila ao lado de Dona Eliza Heloisa, que ia dizendo que já residiu em Porto Alegre. (...) Eu ia contemplando as paisagens magestosas e a quantidade de terras cultivadas. Ficava pensando: com tantas terras abandonadas e o povo passando fome! Essas terras pertencem aos capitalistas. Ninguem pode chegar e plantar algo sem o seu consentimento. Eles tem dinheiro para pagar a Dona Lei e suas confusões. O mundo para ser bom é preciso que as terras sejam livres. O homem poderá desfrutar a terra, porque ela é imesgotável. As terras sendo livres todos plantam e a miseria extingue-se. Um povo bem alimentado é um povo feliz. (...) Porque é que o governo não distribui as terras para o povo?

Eu penso isto, mas não digo porque se eu disser isto os capitalistas vão dizer:

— A Carolina é vermelha. É ignorante e semi-analfabeto.

Com o percurso que o avião fazia o aspecto do espaço ia modificando-se. Metamorfoseando-se. Uns recantos inesquecíveis. Há pessoas que tem dinheiro e dizem que vão conhecer a Europa, deixando de conhecer os nossos recantos-ridentes.

Em Porto Alegre o senhor Assis Marques, distritador da Livraria Francisco Alves, estava aguardando-me com fotógrafos e jornalistas.

... Fomos almoçar. Que comida gostosa. Que carne deliciosa. Sentada no restaurante chique, eu pensava nos infelizes que catam os restos de feira para comer. Tenho impressão que os infelizes que passam fome são meus filhos. Eu saí da favela. Tenho impressão que saí do mar e deixei meus irmãos afogando-se.

Findo o almôço fomos a estação de radio. Os gauchos olhavam-me com curiosidade. O senhor Assis disse que íamos em Pelotas. Fomos de auto. A esposa do senhor Assis nos acompanhou. Saímos as 5 da manhã. Quantas terras! Eu ia contemplando os trágicos com sua cor de ouro. Tem mais lavouras no Rio Grande do Sul. Olhando os lavradores trabalhando na enxada lembrei a minha infância. Como é belo o mundo nesta época!

Quando chegamos em Pelotas circulei o olhar ao redor como se estivesse despertando de um sonho. Revendo as cidades que lia na Geografia e a minha saudosa professora explicando-me:

— Pelotas é a cidade doce. Tem fabrica de doces. E eu ficava pensando: o que será a palavra fabrica? O meu sonho era conseguir um dicionário, porque a Dona Lântita⁽¹⁰⁾ disse-me que eu podia aprender muitas coisas lendo o dicionário.

A minha vida está girando. Varias pessoas aguardava-me. Entre as pessoas estava o Dr. João Carlos Gastal, o Prefeito. Fomos para o hotel. Que cidade tranquila. O povo andando calmo. As duas horas fomos almoçar. A minha pressão havia normalizado. Eu estava alegre.

A Radio transmitia a minha entrevista. O senhor Prefeito ouvia no radio portatil. Eramos 25 à mesa. Eu estava sentada ao lado Prefeito. Pensava: que diferença! Outro dia sentava nas Radio-Patrulhas e

(10) Dona Lântita Salvina, professora que ensinou as primeiras letras à autora, em Sacramento, Minas Gerais. (A. D.)

agora ao lado do Prefeito. A Dona Heloisa esposa do Prefeito dizia:

— O que admiro é que a Carolina foi de favela e sabe comer de faca e garfo.

Eu dava risada. Olhando as mesas nivias e guarnecidas com jarros de flor, pensava: estou vivendo um trecho histórico. Isto aqui é um palacio. Isto é um paraíso.

... Eu fui autografar livros na praça onde estava a Feira do Livro. Varias pessoas aguardava-me. Oviu um jovem dizer:

— Que negra feia!

Eu sorri e disse-lhe:

— Eu acho feio os indolentes e os ebrios. Eu ia autografando os livros com todo o carinho. Eu queria olhar a praça para descrevê-la, mas não era possível devido a quantidade de livros para autografar. Vi apenas uns arvoredos verde-garrafa e algumas barraquinhas de livros espalhadas. Para mim a praça estava adornada. Tinha livros. Um pretinho circulava e dizia em voz alta:

— Sabe, Carolina, pego-te para incluir no teu diário que há preconceito aqui no Sul. Os brancos que estavam presentes entreolharam-se, achando incômodo as queixas do pretinho. Parei para ouvi-lo. Creio que devo considerar os meus irmãos na cor.

— Está bem. Incluirei tua queixa no meu diário. Quer dizer que há preconceito no Sul do Brasil? Será que os sulistas brasileiros estão imitando os norte-americanos? O pretinho despediu-se e saiu contente como se tivesse realizado uma proeza. Pensei: ele confia em mim e sabe que vou inclui-lo no meu diário. Vou registrar a sua queixa.

... Comprei um livro: "Doces de Pelotas". A autora autografou para mim. Paguei 150 cruzeiros pelo livro. A dedicatória é nestes termos:

"Para Carolina Maria de Jesus, o fenômeno do século. Com grande admiração de uma modesta do-

CAROLINA MARIA DE JESUS
ceira da Princesa do Sul. 30-11-1960 — Maria Collares Polavera."

Findo os autógrafos, fomos a estação de rádio e depois ao Clube. "Fica Aí" — clube de pretos. Que clube suntuoso. O salão é amplo, tem um lugar próprio para o orquestra. O senhor Prefeito estava presente com sua esposa, saboreando os doces com todo prazer. Quando os pretos queixavam da segregação racial, o Prefeito ficava afônico. Seus lábios cerravam igual os ponteiros de um relógio quando param. Pensei: este homem sabe viver. Não desagrada o Piatos nem o Cesar.

Depois dos comes e bebes foi os discursos dos pretos. Um discurso esquisito. Queixas raciais. Pensei: até quando esta polêmica de pretos e brancos? Tem tanto espaço no mundo para viver. O homem não é eterno. Na sua trajetória terrestre deve procurar viver em paz. O homem tem o dever de educar a sua mentalidade para o bem. O belo e o puro. E não cultivar o rancor contra os semelhantes.

Quando me foi dado falar, agradeci as homenagens. (...) Ganhei uma lembrança do Clube "Fica-Aí". Um livro de prata com a inscrição:

"Só o livro immortaliza um povo. A Carolina Maria de Jesus, Clube Cultural Fica-Aí. Pelotas, 30-11-60."

... O retorno foi delicioso. Eu vinha revendo as lavouras. Vi uma casa bonita. Plantaram uma roseira e a haste entrelaçou-se nas paredes. Estava florida. Gostaria de residir naquela casa.

Quando chegamos em Porto Alegre, a ponte do Rio Guaiaba estava reerguendo-se para dar passagem a um navio que singrava. Espetáculo belíssimo.

1 de dezembro ... A tarde fui autografar livros na Livraria do Globo. Eu já conhecia o predio através de fotografias. O povo estava triste e agitado com a falta de pão. As padarias estavam em greve, vissando

aumento. (...) Enquanto autograjava não admitia fila. Eu queria ficar no meio daquele povo.

... Visitei o Prefeito senhor Loureiro da Silva. Citou que visita as favelas, porque foi eleito pelos favelados. Mandou construir escolas e canalizar 9 quilômetros de água. Construiu o Centro de Arte. Disse para eu pedir informações de sua administração aos favelados.

A noite visitei a Televisão. Agradei ao povo de Porto Alegre e aos habitantes de Pelotas. Compareci ao Teatro. Assisti a peça "A Farsa da Espôsa Perfeita", de Dona Edy Lima. Eu havia encontrado Dona Edy Lima no Aeroporto. (...) Dei graças a Deus quando fui deitar. Estava cansada. Iamos voltar no outro dia.

2 de dezembro Levantamos as 4 horas, preparamos as malas. O senhor Assis chegou as 7 horas, avisando que o Governador havia solicitado a minha presença no Estado por mais um dia. Para eu visitar as favelas. Fui comprar jornais. Saí com o senhor Assis. Fiquei contente ao chegar no Palácio. Vi vários criados de côr. A camareira conduziu-me até a sala, onde eu devia falar com Dona Neuza Brizola. Sentei observando os adornos. Quando a Dona Neuza Goulart Brizola surgiu observando-a atentamente. Foi a primeira esposa de governador a receber-me depois que saí da favela. Conversando com Dona Neuza percebi que o magestoso palácio que ela habita não envaidece-lhe. Achei lindo ela dizer:

— Carolina, este palácio não me envaidece. Tenho pavor desta casa. O meu esposo é político. E os políticos não tem amigos.

... Ela despediu-se. Fui falar com o Dr. Leonel Brizola noutra sala. Perguntei-lhe como vai indo o desenvolvimento do Estado. (...) O Dr. Leonel Brizola pediu-me para não envaidecer e não desprezar os pobres.

— Você deve voltar periodicamente a favela, para não perder a sua autenticidade. Você vai visitar as favelas de Porto Alegre e dizer aos favelados que elas precisam e devem estendar. Faça-me esse favor. O meu sonho é acabar com analfabetismo no Estado. O meu carro está ao seu dispor.

Dei uma risada e comentei:
— Que honra para mim. Eu que estava habituada a andar só na Radio-Patrulha.

Eu e o senhor Assis despedimos do Dr. Leonel Brizola. Que carro gostoso! As almofadas parecem painas. Fiquei aguardando no hotel a visita da secretaria da Dona Neuza Brizola, que ia acompanhar-me nas favelas. (...) As 3 horas a secretaria chegou com o seu esposo. Percorri os bairros pobres de Porto Alegre. Fiquei abismada quando vi as favelas do Rio Grande do Sul. As casas são de tabuas bem construídas. Tem muita agua e varios tanques. As mulheres não brigam por causa da agua. (...) Algumas pessoas da favela conneictam-me de nome. Vi uma sala ampla com poltronas e um quadro negro, onde as crianças estudam. Quem leciona as crianças são as freiras e os padres.

Quando o povo aglomerou-se fiz o discurso pedindo ao povo para estudar. Saber ler é bom e a vida é mais agradável. Uma menina que prestava atenção nas minhas palavras, perguntou:

— Mamãe, esta negra é doida? Será que ela fugiu do hospício?

É que o hospício é perto da favela. Dei uma riada. Eu estava alegre. (...) A favela é num topo. Para galgá-la fomos de perna. O local onde está a favela é belo. Avista-se toda a cidade. O local é seco. Um senhor que nos acompanhava dizia:

— Estes pobres do Rio Grande do Sul são ricos. Pobres são os favelados de São Paulo, do Rio e do Norte.

— Que impressionou-me na favela de Porto Alegre foi a quantidade de agua. Quando abre a torneira em dois minutos enche-se uma lata. As mulheres lavam as roupas com agua canalizada desinfetada com cloro. ... Voltamos a Porto Alegre. Eu estava contente. A segunda favela a ser visitada foi a Vila Vargas, conhecida como Coreia. (...) Em todas as favelas que visitei, dizia:

— Vocês devem aprender a ler.

Uma senhora perguntou:

— A senhora sente-se bem fora da favela?
— Sinto melhor. A favela é um quarto de despejo e o meu sonho é residir numa casa de alvenaria. Se eu não soubesse ler teria que ficar na favela até o fim da minha vida.

... Uma preta idosa deu-me um ramalhete de flor. Agradeci e beijei as flores. O tempo não dava para percorrer as favelas, que são espalhadas. Despedi da auxiliar de Dona Neuza Brizola.

... A noite de quinta-feira tivemos uma recepção no Galeto Sherezade. A homenagem conjunta da Associação Biogrändense de Imprensa e Instituto de Idiomas Yazigi, que nos ofereceu um banquete.

... Fomos na Camara ver o II Congresso Estadual de Vereadores. Estava empolgante. O Governador Brizola estava presente. Eu disse-lhe:

— O senhor está perseguindo-me...

Ele sorriu comentando:

... — Não, Carolina. Quem está perseguindo-me é você. Eu cheguei na frente.

... O presidente interrompeu os debates para receber-me. E apresentou-me aos presentes, convidando-me para tomar parte nos debates. Perguntei-me qual é a causa das favelas nas grandes cidades. Respondi:

— Nós os favelados somos os homens do campo. Devido os fazendeiros nos explorar ilimitadamente

deixamos as fazendas e vamos para a cidade. E nas grandes cidades os que vivem melhor são os cultos. Nós os incultos encontramos dificuldades de vida. Mesmo trabalhando na cidade como assalariado, encontramos dificuldades para viver porque o salário não cobre as despesas. Não há possibilidade de pagar uma residência decente. Temos que habitar as terras do Estado.

Cheguei a escrever uns versos e publicá-los em vários jornais. Minhas observações com o colono e o fazendeiro:

*Diz o brasileiro
que acabou a escravidão.
Colono sua o amo inteiro
e nunca tem um tostão.*

*Se o colono está doente
é preciso trabalhar.
Luta o pobre no sol quente
e nada tem para guardar.*

*Cinco da madrugada
toca o fiscal a corneta
despertando o camarada
para ir para a colheita.

Chega a roça ao sol nascer
cada um na sua linha
suando, e para comer
só feijão e farinha.*

*Nunca pode melhorar
esta negra situação
carne não pode comprar
prá never ao patrão.*

*Fazendeiro, ao fim do mês
dá um vale de cem mil réis
artigo que custa seis
vende ao colono por dez.*

*Colono não tem futuro
e trabalha todo dia
o pobre não tem seguro
e nem aposentadoria.*

*Ele perde a mocidade
a vida inteira no mato
e não tem sociedade
onde está seu sindicato?*

*Passa o ano inteiro
trabalhando — que grandeza!
enriquece o fazendeiro
e termina na pobreza.*

*Se o fazendeiro falar:
— Não fique na minha fazenda
colono tem que mudar
Pois não há quem o defende.*

Fui aplaudida. Meu olhar avançou para o rosto do Dr. Leonel Brizola. Ele estava sorrindo. (...) Autografei alguns livros para os vereadores. ... Se eu pudesse percorrer todos os Estados do Brasil! Eu estava alegre. Pensava: isto é um sonho! Outro dia eu estava em São Paulo percorrendo a Avenida Tiradentes, fustando as latas de lixo. Chorando com fome. E hoje... estou entre os vultos de destaque do país.

Li as histórias das fadas que transformavam a vida dos infelizes em príncipes e princesas. Eu vivia dizendo: a felicidade virou-me as costas. Agora pegou-me nos braços. (...) Quando saí da Câmara ganhei uma flamula azul com a inscrição: "II Congresso

CAROLINA MARIA DE JESUS

Estadual de Vereadores — 1 a 3 de dezembro de 1960

— Porto Alegre — Rio Grande do Sul”.

Cheguei no hotel fui preparar as malas para o retorno.

3 de dezembro Levantei as 6 horas, fui comprar jornais para trazer para São Paulo. Passei num bar para tomar uma taça de café. Comprei o “Diário de Notícias”. O povo queria autógrafos e eu atendia, com receio de perder o avião.

... Deixamos Porto Alegre as 8 horas. O céu estava azul e o avião não trepidava. Eu ia olhando aquelas terras planas, as lavouras. Distinguia as plantações de trigo por causa da cor amarelo-ouro. (...) Vieram direto para São Paulo.

... Vamos hoje para o Rio as 3 da tarde. (...) Quando chegamos no Aeroporto os carregadores perguntaram-me:

— Já? Para onde vai? Quem paga as viagens de avião?

— As revistas ricas. A “Revista Leitura”, o “Time”, o “Life” e “O Cruzeiro”.

Um carregador sorriu dizendo:

— F... eu vou escrever o meu diário.

O Andalio já estava no Aeroporto. Era sábado. Os filhos estavam alegres, dizendo:

— Nós vamos para o Hotel Serrador. Eu vou tomar banho na pia grande! Nós agora somos ricos e podemos andar de avião.

As 3 horas o avião zarpou-se. Os filhos foram cantando. As 4 horas estávamos no Rio. A gente tinha impressão que deu um pulo de São Paulo ao Rio. O David St. Clair estava no Aeroporto. (...) Ele veio ao nosso encontro acompanhado com uma fotógrafa. Depois dos cumprimentos o David St. Clair foi fotografar-me retirando as bagagens.

... Tomamos um taxi que percorria as ruas do Rio. Fomos para o Copacabana Palace. Fui bem recebida pelo dono do hotel. O David St. Clair estava

alegre pedindo a fotógrafa para fotografar-me diante do espelho. Perguntava:

— Carolina, você gosta desse quarto?

... Os meus filhos estavam inquietos, achando o quarto incômodo para êles, porque os moveis impediamos de andar. (...) O David St. Clair muito atencioso disse-me que ia arranjar uma senhora para tomar conta dos meus filhos. Pediram o jantar. Os filhos estavam reclamando no banheiro. Eu estava com vontade de dar uns tapas no José Carlos, mas não queria dar escândalo no hotel. Trouxeram para o jantar um risoto de frango com leite. Os filhos não gostaram. Depois que deixamos a favela os filhos são exigentes no paladar.

... Chamei a governanta. Pedi se podia lavar um vestido para mim às pressas.

— Não, só segunda-feira. A lavanderia está fechada. De onde a senhora é?

— Sou da favela.

— Favela? — interrogou-me alterando a voz, meneando a cabeça e olhando-me com repugnância, repetindo — da favela! ah hotel, ah hotel!

Pela pronúncia percebi que ela era estrangeira. Despediu-se dizendo que não podia ficar ao meu dispor. Quando ela saiu eu xinguei-a:

— Maria Stuart destronada!

A mulher que ia tomar conta dos filhos chegou exigindo que elas devem dormir.

... Saí com o meu vestido de bolinhas. Fomos jantar no restaurante “Bon Gourmet”. Que luxo! Vi varias senhoras ostentando joias caríssimas, bebendo champanha e vinhos. Olhando a lista do cardapio, escolhendo com indiferença o que iam comer. Dá impressão que elas não estão com fome. Elas são ricas e desde criança estão habituadas a ouvir isto:

— Come, minha filha! Come, meu filho!

... Varias senhoras vieram falar de pobreza para mim, dizendo que eu devo resolver a condição desu-

mana dos favelados do País. Eu apresentei os fatos. Compete aos burgueses que predominam no País sozinhos... Eu não conhecia os cardapios. O reporter ia explicando-me. Pedi uma sopa de aspargos e *creme suzette*.

Comi aquela confusão e fiquei com fome.

Um senhor disse-me que ia enviar um donativo para os favelados. Percebi que eles queriam impressionar os jornalistas americanos e os fotógrafos que nos fotografavam. Prepararam a minha refeição na mesa. Só a minha mesa estava adornada com flores — rosas vermelhas. Eu gosto de rosas. No buquê de rosas estava um cartão escrito: "Life". Ao nosso lado estava um jornalista nos observando. Eu estava tranquila por estar ao lado do Audálio, o meu guardião amigo. (...) Quando eu queria exaltar com as marcas noturnas que aborrecia-me, ele dizia:

— Não exalte. Escreve. Dê a sua resposta no diário.

O David St. Clair nada dizia. Apenas ouvia. O seu olhar estava fixo no meu rosto. (...) Eu estava ansiosa para deixar aquele restaurante. Dá impressão que aquelas madames vão exhibir seus ricos toilettes, cada qual querendo ser mais chique do que a outra. Vi um preto alto e fino parecendo peixe espada circulando com imponência no recinto. Comentavam:

— E o cantor.

— Tomamos um carro. Quando chegamos no "Nigth and Day" as mesas estavam lotadas. Fui recolhida quando entrei. Sentei numa mesinha com os guardiões: o Audálio e o David St. Clair. Ele foi avisar ao Grande Othelo para apresentar-me no palco. Depois que o Grande Othelo cumprimentou-me a curiosidade em torno da minha pessoa duplicou-se. Alguns iam a minha mesa. (...) As mulheres que estavam na minha mesa falavam em reforma social.

— Não é justo deixarmos os favelados relegados no quarto de despejo. Você fez bem em nos alertar para

esse problema. Temos que amparar os infestos. Você demonstrou coragem lutando para sair daquele antro. Eu pensava: elas são filantropicas nas palavras. São falastronas. Papagaios noturnos. Quando avistam-me é que recordam que há favelas no Brasil.

... Tomamos um taxi e fomos para o Hotel Copacabana Palace. Quando chegamos no hotel os filhos estavam dormindo. Eu a governanta que estava com eles despediu-se dizendo:

— Credo! Esses meninos vieram do inferno.

Deitei. Não adormeci com o calor. Dei gracas a Deus quando o dia despontou-se e os filhos despertaram. O José Carlos queria saltar da janela, dizendo:

— Eu salto e caio dentro da picina.

— Não faça isso, José Carlos — adverti-o quando ele se inclinava na janela.

4 de dezembro ... Os filhos não tinham o que vestir. As roupas sujas. As 8 horas chegou a governanta, olhando o quarto e dizendo:

— Não deixe os teus filhos tocar no espelho.

Devido a sua aparencia estrangeira, perguntei-lhe:

— Qual é o seu país?

— Sou vienense.

— Ah, a capital das valsas!

Comecei a cantarolar o velho Danubio Azul. Ela sorriu e convidou-me para dançar. Ela olhou o quarto e a desordem das minhas roupas e perguntou-me:

— A senhora tem dama de companhia?

— Dama?... Eu sou ex-favelada e os habitantes da favela não tem nada.

— O que é que a senhora faz?

— Vou estudar mais um pouco e quero ser escritora.

— A senhora não pode estudar e escrever com estes meninos. Cuidado com os espelhos! Não deixe a torneira aberta!

Pensei: meu Deus do céu, com tantas recomendações eu vou ficar louca. Vou voltar para São Paulo a pé. Comecei a arranjar as roupas na mala. Preparei os filhos e saí do hotel.

... Tomei um carro, pedindo ao motorista para conduzir-me ao Hotel Serrador. Ia queixando da vida. Se eu soubesse que a minha vida ia ficar tão confusa assim eu continuava na favela catando papel.

... Fui fotografada nas pícinas. Os hóspedes do hotel olhavam-me comentando:

— Olha a Carolina. Ela está rica.

— Uns vinham conversar com o David St. Clair e aproximavam observando-me Eu não conheço o Rio para citar os recantos que percorremos. Fomos andar num barco. O Paulo Muniz fotografava-me.

5 de dezembro ... As 9 horas o David St. Clair telefonou para eu descer com as malas. (...) O David St. Clair levou-me numa loja em Copacabana para comprar vestidos e fotografou-me experimentando-os. Depois fomos a uma joalheria. Ele apresentou-me aos donos da loja e disse:

— Eles são americanos.

Eles falavam inglês e eu compreendia só o *Garbage Room* (11). Comecei a transpirar. Percebi que um preto na presença de um norte-americano fica intranquilo. Parece que eles olha o preto com repugnância. Como deve sofrer os pretos nos Estados Unidos. Senti pavor, depois pensei: meu Deus, eu estou no Brasil. Sou cidadã brasileira. Aqui branco vota, o preto também vota. Aqui no meu Brasil o preto dança quadrilha vis a vis com o branco. (...) Os meus filhos faziam reinações e eu voltava a realidade. Estava fazendo reportagem. Fimda a reportagem entramos no taxi e dirigimos para o Aeroporto. (...) O taxi corria e eu cantava

a marchinha *Ra Re Ri Ro Rua*. (12) O David St. Clair disse:

— Carolina, você podia cantar numa bruate.

No Aeroporto Santos Dumont o povo reconhecia-me, dizendo:

— Eu gostei do seu livro.

Havia livros no Aeroporto. Os passageiros compravam e pediam para eu autografá-los, comentando: — Os favelados de São Paulo sofrem mais do que os favelados do Rio.

... Entramos no avião. As 13 horas estávamos em São Paulo. Tomamos um carro e fomos para Osasco. Os vizinhos ficavam confabulando as minhas viagens ininterruptas. Não sou eu que pago-as. A casa estava suja, com pulgas. Comprei um litro de lisofome bruto para matar as pulgas. Estava cansada. Deitei e adormeci. Despertei pensando no David St. Clair e nas confusões do Hotel. Dava a impressão de estar ouvindo as críticas da governanta contra os meus filhos. Os meus filhos estavam habituados na lama. Viviam no lixo. Desconheciam os confortos dos ricos. Para elas o lado de cá é sensacionalismo. As casas de alvenaria para os favelados são palácios das histórias encantadas. Todos os favelados ambicionam uma casa de alvenaria, porque ninguém nasce sem ideal.

O ideal é a roupa da alma.

6 de dezembro Eu estava alegre e reanimada. O dia está belíssimo e eu estou cantando. (...) Troquei-me e fui a cidade. Quando passo perto de uma livraria os livreiros convidam-me para entrar para autografar livros. Olham-me sorrindo comentando que eu sou uma felizarda. Com todas as manifestações que venho recebendo eu estou inquieta interiormente. Tenho a impressão que sou ferro banhado a ouro. E um

(11) Título do livro "Quarto de Despejo" em inglês. (A. D.)

(12) Composição de autoria de Carolina gravada em L. P. (A. D.)

dia o banho de ouro esmaece e eu volto a origem natural — o ferro.

... O reporter disse-me que está procurando uma casa para eu comprar para mim. Fiquei alegre interiormente e exteriormente. E sorri. O meu sonho concretizando. Eu vou ter uma casa de alvenaria com salas e outras dependências. Um quarto para tomar banho. Imagina só. Eu tomando banho num banheiro. Eu que levava a vida primitivamente, tomando banho na tina. Eu ganhei uns retratos do langamento do meu livro e vou mandar pôr no quadro para ornamentar a minha casa de alvenaria. (...) Combinamos que amanhã eu devo ir a cidade para procurarmos uma casa para mim. Vou correndo. Parece que estou sonhando. Vou comprar a minha casa de alvenaria. A casa para um favelado é tão importante que casa, para nós deve ser escrito com letra maiúscula — CASA DE ALVENARIA.

7 de dezembro ... Deixei os filhos e fui até a cidade. O povo olha-me com curiosidade. Uns felicitam-me, outros atacam-me, aludindo que o meu livro é agitador. Explico citando que a favela existe e os favelados estão duplicando-se com o custo de vida. Fui a redação. (...) Vi umas casas na Linha Cantareira. Era velha e grande demais. Tinha uns quartos que podiam ser alugados, mas eu não queria morar com inquilinos.

O reporter conduziu-me até a Rua Benta Pereira,⁵⁶² Custamos a localizar a rua. Não gostei do sobradinho porque a casa é geminada. Eu gosto de casa com duas entradas. O reporter gostou da casa, eu devo gostar também. Para uma favelada qualquer coisa serve. Embora eu seja uma favelada com os gostos do rei Salomão. A casa é no topo, tem um jardim e uma janela com uma grade de ferro. A janela é do tamanho da sala. Com uma cortina de matéria plástica estampadas com umas rosas coloridas. O José Carlos desceu do carro e foi ver a casa no interior.

Tem dois dormitórios com varias camas. Uma senhora de pele encardida nos acompanhava dizendo que a casa está a venda. (...) O reporter gostou da sala. É ampla e a divisão deverá ser feita com cortina. Quando saímos da casa fomos de auto até a Imobiliaria que está encarregada de vender. Quem nos atendeu foi o senhor João, um dos sócios da firma. O reporter disse que eu posso comprar a casa e pagá-la. O preço é um milhão quinhentos e cinqüenta mil cruzeiros. Fiquei preocupada com a soma elevada. Fé em Deus, pensei. Parece que os bons ventos estão protegendo-me. É que eu tenho medo de fazer contas. Quando saí da Imobiliaria saí contente. O corretor disse-me que a casa está vazia. Que as pessoas que estão residindo lá são uns protegidos do senhor Carivaldo, dono da casa.

Passamos na Livraria. Disse ao Dr. Lelio que ia comprar uma casa de alvenaria.

8 de dezembro Hoje é feriado. Não vou sair de casa. Não estou escrevendo o *diário* com receio de citar as confusões do povo da sala de visitas. Eles são ambiciosos e comentam com uma dose de despeito:

— A Carolina está rica.

9 de dezembro Levantei as 6 horas. Hoje eu vou fazer almoço e deixar para os filhos. Saí e fui a cidade. (...) Eu não quero dissipar o que estou ganhando. Quero gastar com limites. Quando recebo dinheiro da Livraria vou depositar no Banco. Dinheiro que depositei no Banco e a quantia:

248.500,00
280.000,00
255.000,00
150.000,00
458.000,00
<hr/>
1.391.500,00

Comprei moveis e roupas e utensilios de casa. Comi tudo que desejava comer. Carne, peixe, uva, azeitona, bacalhau e queijo. Quando eu estava na favela eu pensava: oh se eu pudesse comer bacalhau! Estas coisas para mim era abstrata e agora são concretas. Tomo banho todos os dias no chuveiro eletrico e deito no meu colchão de molas.

11 de dezembro Os dias que passaram eu não escrevi. Eu estava preocupada com receio de magoar alguém no meu *diário*. Recebi a visita de um professor de Campinas. Disse-me que é professor de corte e costura. Inventou um método para corte e costura e disse-me que até o analfabeto aprende o corte. Quer 50 mil cruzeiros emprestado para abrir uma fabrica. Citei-lhe que não posso emprestar.

— Eu assino umas promissorias.

Azucrinou tanto os meus ouvidos que convidei-o para irmos na cidade falar com o Dr. Lelio. Xinguei a minha vida. Quando eu não tinha dinheiro não tinha sossego com a fome a envolver-me no seu manto negro. Agora tenho dinheiro e não tenho sossego com os oportunistas, os piratas que querem aproveitar-se da minha situação. Eles vê vender muitos livros, pensam que o lucro é todo meu. Eu ganho comissão nas vendas.

O Dr. Lelio disse ao costureiro de Campinas que não há possibilidade de favorecê-lo. Ele mostrou seus modelos ao Dr. Lelio. Dei graças a Deus quando o Dr. Lelio nos despediu. Na rua o homem continuou insistindo. Já estou farta dos aborrecimentos que vem surgiendo para mim. (...) Comecei a ganhar dinheiro, surgiram os polvos com seus tentaculos. Por que não vão pedir dinheiro a Ligth, ao Conde Francisco Matarazzo? Tem pessoas que não precisam e vem pedir-me. Eu nunca pedi por ambição. Quando pedia, pedia o essencial. Sobra de comida para os meus filhos, sa-patos para a Vera.

O costureiro disse-me que já encontrou quem auxilia a montar a fabrica e os lucros serão divididos. Disse que não. Quer arranjar dinheiro, montar a fabrica e os lucros há de ser exclusivamente dele, que é o inventor.

Egoista. O egoista pensa que ele deveria morar no mundo sozinho. Se o seu invento dá dinheiro ele podia organizar uma sociedade. Se a Natureza é coletiva, porque é que o homem há de ser egoista? Querer tudo só para si. Uma laranjeira dá laranjas para milhares de pessoas. O Sol é um astro unico e aquece o mundo.

... Tem hora que fico pensando: na favela há brutalidade. Eram incultos. Aqui há rivalidades, ambigão. Não há sinceridade. O homem de Campinas levou-me num tabelião para preparar uma letra promissoria de 50 mil cruzeiros. Mas o Dr. Lelio não emprestou.

Eu nunca ouvi falar em letra promissoria. Quem comprou os selos para a letra fui eu, porque o costureiro de Campinas não tinha dinheiro. Despedi do homem e voltei para Osasco. (...) Tem pessoas que odeia-me, dizendo:

— Aquela desgraçada está rica.

12 de dezembro ... A Divina, filha da D. Maria minha empregada pediu-me 100 cruzeiros emprestado. (...) A D. Maria trabalha para mim. Quando chega visitas ela fica descontente e triste, murmurando:

— Meu Deus do céu, isto é o fim do mundo! Deus está me castigando. O mundo está virando. Eu, branca, ter uma patroa preta...

Eu dava risada e pensava: nós os pretos não revolvemos de ter patrões brancos. (...) Não sou exígente com as minhas empregadas. Não fago questão de côr. Gosto de D. Maria porque ela lava roupa muito bem.

13 de dezembro ... Comprei dois chapéus de palha para andar nas praias do Recife. Quando chegamos no Aeroporto os carregadores saudaram-me dizendo:

— A senhora não para. Quer conhecer o mundo?

— Quero conhecer as cidades do Brasil.

As 11 horas embarcamos. Os passageiros recorriam-me cumprimentando-me. (...) As 12 horas chegamos no Rio.

... Almogamos rapidamente porque o avião ia zarpar. (...) As 18 horas chegamos na Bahia. Paramos para jantar. Eu queria ver a Bahia, a primeira capital do país. Mas o Aeroporto é distante da cidade. Um jovem que estava no avião disse para a garçonete:

Esta é a Carolina Maria de Jesus.

— Em três minutos apareceu um jornalista para fazer uma reportagem. (...) Entramos no avião e zazzer um jornalista. Estavam com trajes leves. Vámos. As 21 horas chegamos ao Recife. Os jornalistas nos aguardava. Estavam com trajes leves. Várias pessoas pediam autógrafos. Fui fotografada com a louríssima milionária americana Mary Johnson. Visitei o Recife a convite do ilustre e nobre Prefeito Miguel Arraes. O Aeroporto dos Guararapes estava superlotado. Perguntaram-me o que achei da viagem.

— O voo foi muito bom. Estou contente de co-

nhecer os nordestinos.

Eu e o reporter entramos no carro do senhor Fernando Navarro e fomos a um programa de televisão. Fui entrevistada pelo senhor Hélio Polito. Fomos apresentados aos recifenses pelo vídeo. Cumprimos aportagem nos pernambucanos e agradeci a acolhida amavel. Após o programa fomos para o Grande Hotel. A aportagem nos aguardava. Eu estava alegre e confusa com as amabilidades dos nordestinos. Que homens educados!

... Perguntaram-me o que acho do comunismo:

— Não li e não vi países comunistas. Não posso dar opinião.

Disseram que sou comunista porque tenho dó dos pobres e dos operários que ganham o insuficiente para viver. E não tem um defensor sincero a não ser as greves, meios que recorrem para melhorar suas condições de vida. Mas são tão infelizes que acabam sendo presos e dispensados do trabalho. Conclusão: o operário não tem o direito de dizer que passa fome. Quando os homens fôr super-cultos eles hão de liberar as terras e quem quiser plantar, planta. E não haverá fome no mundo. As terras tem que ser livres igual o Sol.

Se o Sol fosse terrestre seria sonegado pelo homem.

14 de dezembro ... O quarto que alojei dava vista para uma praça com arvores. (...) Saí, fui ver as igrejas e comprar jornais. As ruas são bem calçadas. Fiquei com dó dos nordestinos. Uns andam mal vestidos, comprovando que são pobres. Eu olhava os rostos tristes dos nordestinos. (...) Voltei para o hotel. O jornalista Alexandrino Rocha foi nos avisar que íamos almoçar com o Prefeito Miguel Arraes, no *Buraco da Otilia*.⁽¹³⁾

... Recebi a visita do senhor Hernani Bezerra, que me disse que estudou com sacrifício. Achei grata quando ele disse:

— Quando fui menino o meu sonho era comer pão com manteiga e não podia. E eu jurei: se algum dia eu puder eu hei de comer pão com manteiga todos os dias.

Olhou-me e disse:

— Carolina, eu já passei fome. Por isso comprei o teu livro.

... Enquanto aguardavam a hora de irmos almoçar com o Prefeito, fiquei circulando nas imediações. Ouvindo os comentários dos habitantes. (...)

(13) Restaurante típico de Recife, famoso pelos seus pratos regionais. (A. D.)

Todos queixam da opulência de São Paulo, o filho legítimo do presidente da República. São Paulo e Rio são os prediletos. O Norte e o Nordeste são filhos adotivos. Filhos subnutridos. (...) O Nordeste é o quarto de despejo do Brasil.

... A 1 hora fomos almoçar no *Buraco da Otilia*. A casa é terrea e de madeira. Está localizada nas margens do rio Capibaribe. Através da janela vê-se o rio que corre. (...) A comida estava gostosa.

Findo o almoço fomos percorrer as margens do mar. O mar é verde-esmeralda. O que eu achei interessante no nordestino: élê acha bonito tudo que é verde. O verde para élê é o símbolo da vida. Achei bonito os coqueiros e as barraquinhas cobertas com folhas de coqueiros.

... A tarde fomos autografar livros na Livraria Editora Nacional. O transito foi interrompido com a minha presença. Em cada rosto que eu dirigi o meu olhar recebi um sorriso. Fiquei pensando: se eu pudesse viver aqui... Estavam presentes os poetas Carlos Moreira, Josné de Castro, Paulo Cavalcanti, Audálio Alves e Ascenço Ferreira.

15 de dezembro Levantamos as 6 horas e ficamos aguardando a chegada da perua que ia nos levar a Caruaru. As 9 horas o senhor Joacir Fonseca Soares e o motorista chegaram. Embarcamos. O reporter estava alegre. (...) O jovem Joacir Fonseca ia conversando, revelando bom humor. Que homens inteligentes tem o Norte!

... A estrada de rodagem é tóda asfaltada. Elas construiram jardins com plantas insensíveis à época causticante. A única arvore florida é o *flamboian*, com suas flores vermelhas. Os nordestinos olham as flores com ternura no olhar. Comentam:

— Elas não temem a seca.
... Encontram-se muitos casebres pela estrada e os habitantes raquíticos, reclamando uma alimentação

reconfortante. Que existência hedionda desse povo castigado pela Natureza. (...) Fiquei pensando: até na Natureza há seleções. No Sul chove. No Norte não.

... Quando chegamos em Caruaru fomos recebidos com alegria. Não notei uma indelicadeza nos nordestinos. São tão delicados que não se nota o culto e o inculto. Fomos anunciados pela estação de radio. Só que não tinha livros para ser autografados. Fiquei com dó daquele povo. E pensei: elêes gostam de livros e os livros chegam aqui com atraso. Gostam de lavou ras, mas as chuvas são escassas.

Um zabumba tocava na praça. Fui introduzida num patio, onde serviram bebidas e bôlos. Uma bebida gostosa, mas eu fiquei com medo de embriagar-me e desviar-me dos meus deveres. O poeta Lycio Neves que usava um terno branco igual flocos de algodão, nos recebeu amavelmente. Os componentes do zabumba eram pretos, mal vestidos e mal nutritos. Tive a impressão de estar vendo os habitantes da favela. Sorriram para mim, olhando-me com veneração. Olhares ternos. Pessoas que eu via pela primeira vez e tinha impressão de conhecê-los há tempos. O reporter disse-me:

— Carolina, aqui é a porta do sertão. As maiores misérias estão para a frente.

— Miseria — fiquei repetindo mentalmente. Eu dei 1.000 cruzeiros para os acompanhantes do zabumba. O reporter deu 1.000. O diretor do zabumba dizia:

— Nós já fomos ao Rio. O José Condé é de Caruaru. Ele veio nos visitar.

... Jantamos com o Prefeito de Caruaru, o senhor Antônio Lyra.

Ele estava sentado ao meu lado com os cotovelos na mesa e o rosto apoiado nas mãos. Não falava. Apenas ouvia os comentários. Críticas aos políticos. Era mos 35 na mesa. (...) Quando despedimos é que fiquei sabendo que aquele senhor que estava ao meu

lado era o Prefeito. Fiquei confusa, rememorando o que havia dito ao Prefeito...
... Ganhamos uns presentes. Os bonecos do Vitalino. (14) Gostei de um boneco — “O Jornalista”.

16 de dezembro Despedimos e retornamos para Recife. (...) Vi uns canos adutores na entrada da cidade. Disseram que o Sr. Juscilino Kubitschek estava canalizando a agua a 40 quilometros para Caruaru. O ex-presidente do Brasil foi enaltecido pelo povo. E eu que era anti-Kubitschek passei a admirar o ex-presidente do Brasil. E peguei desculpas pelas alfinetadas que dei-lhe no “Quarto de Despejo”...

As 11 horas chegamos em Recife. (...) Um jovem procurou-me para visitar o Hospital do Cancer e sua construção inacabada. Aceitei o convite. Passamos na Santa Casa, onde fui filmada com os enfermos. Foi a primeira vez que vi cancerosos, os infastustos que sabem que vão deixar o mundo para sempre. Eu dizia:

— Os senhores vão curar-se. Já descobriram um remedio que vai curá-los.

Vi um jovem sorrir. E olhou-me com ternura. No corredor havia mais de cem pessoas aguardando consulta. Fui apresentada aos medicos, que queixavam dos atrasos das verbas hospitalares e a deficiencia das dependencias. O jovem que acompanhava-me é jornalista dos “Diarios Associados”. Deu-me 25 aplices para eu vender e angariar 25 mil cruzeiros para o hospital. Fomos visitar o hospital que estão construindo. Foi interrompido por falta de verba.

... Voltei para o hotel triste e horrorizada. (...) O senhor Hernani Bezerra estava a nossa espera. Queira que fossemos visitar sua mãe. Fomos visitar sua casa. Que casa maravilhosa e confortável! (...) Eu disse-lhe que ia passar na televisão. Se podíamos esperar. O reporter brincava com a última filha do ca-

sal, dizendo que ela parecia com a Luluzinha (15). A espôsa do senhor Hernani Bezerra preparava um jantar para nós. Que mulher caprichosa.
As 19 horas fomos ver a televisão. Eu apareci visitando os doentes e pensei que elas estavam vendendo, porque nas enfermarias tinha televisão.

17 de dezembro ... As 7 horas deixamos Recife. (...) Quando entramos no avião retinei o meu rosa-rio da bolsa, para rezar. As minhas preces foram para os nordestinos. (...) Quando descemos no Rio ouvi umas vozes pronunciando:

— Olha a Carolina! Ficou importante, está imitando o Juscilino. É nova rica. Há de querer construir uma casa no espaço e escrever um livro: “Da favela para a Lua”.

Eu era o alvo dos olhares. Fui telefonar para D. Jurema Finamour. Ela não estava em casa. Deixei recado. Circulando pelo Aeroporto vi uma mulher de cor parda conduzindo uma menina pelo braço e chorando. Os ricos não preocupavam com as lagrimas da mulher mal vestida. Perguntei:

— Porque chora?

Ela assustou-se ouvindo-me. E disse com voz lacrimosa:

— Eu venho de Sergipe. O meu filho mora em São Paulo. Ele pediu-me para vir morar com ele, porque a sua esposa foi dar à luz e morreu. E os meus netos estão abandonados. São cinco crianças. Comprou a passagem até o Rio e eu não tenho dinheiro para chegar até São Paulo e não conheço ninguém aqui no Rio.

As lagrimas deslizava pelas faces da mulher. Eu disse ao diretor do Loide Aereo:

— Dê a passagem para ela, que eu pago.

(14) Ceramista popular de Caruaru. (A. D.)

(15) Personagem de história em quadrinhos. (A. D.)

CAROLINA MARIA DE JESUS
— A passagem custa 3.700 cruzeiros, com a criança.

Contei o dinheirinho. Estava com 5.000 cruzeiros. A mulher parou de chorar e começou a sorrir. E olhava-me com curiosidade como se estivesse vendo algo sobrenatural. Por todos os lugares que eu ia os olhos da mulher seguiam-me.

... Quando chegamos a São Paulo a mulher foi apresentar-me ao seu filho e contou-lhe as ocorrências. E disse-lhe:

— Ela foi minha mãe lá no Rio. Nunca mais hei de esquecer a senhora.
Despedi da mulher sem perguntar-lhe o endereço.

18 de dezembro ... Fui na Imobiliária saber se a casa estava desocupada. Ainda não. Os parentes do dono ainda não conseguiram casa.

— Mas éle disse que a casa estava vazia.

— A senhora tenha um pouco de paciência.
Sai da Imobiliária, tomei um taxi e fui ver o que havia com a casa.

20 de dezembro ... A Imobiliária prometeu-me entregar a casa dia 20. E hoje é 20. (...) Decidi que vou passar o Natal na minha casa de qualquer jeito.

24 de dezembro Levantei as 4 horas. Fiquei pensando na confusão da minha vida. Todos os dias encontro na Imobiliária para saber quando é que o Senhor Carvalho vai entregar-me a casa. (...) Decidi que vou morar na minha casa de qualquer jeito. Comecei arranjando as roupas e preparando as louças. Quando o dia despontou-se eu fui ao bar para perguntar ao dono do bar se havia possibilidade dele arranjar um caminhão para conduzir a minha mudança para a Rua Benta Pereira 562. Fui pagar o japonês, umas coisas que eu comprei fiado. Paguei a dona da quitanda. Quando o caminhão chegou perguntei ao espanhol se

queria conduzir-me até a minha casa no Alto de Santana. Disse-me que não. Que não podia porque ia na oficina. Mandei o José Carlos procurar um caminhão. Fui despertar a D. Maria para auxiliar-me e ver se ela já havia passado as roupas. E perguntei-lhe se queria ir para Santana. Disse que não, porque queria passar o Natal na sua casa. (...) Ela trabalha para mim, mas não bebe nas minhas xícaras, não prova a comida de minhas panelas. Ela é muito orgulhosa.

... O José Carlos voltou com o caminhão. O motorista, depois de examinar os moveis disse-me que era preciso dois caminhões.

— O senhor pode arranjar outro caminhão?
— Posso.
Comegaram a carregar o caminhão. O dono da quitanda aconselhava-me para internar os meus filhos. Que eu não devo deixar as crianças abandonadas. Não gosto das pessoas que se metem na vida dos outros. Eu estou trabalhando para educá-los. (...) A D. Rosa foi despedir-se, e disse-me que sentia a minha transferência para Santana. Ela disse-me que ia acompanhá-me e foi avisar o seu pai. O pai da D. Rosa estava em frente à minha casa. Eu dei-lhe um abraço e disse:

— Ele... é o meu noivo!

A D. Rosa sorriu comentando:

— Casa com él, D. Carolina. Ele é viúvo. Os motoristas já estavam pondo o motor em marcha. Comprei uma escrivaninha do senhor Victor, o dono da casa de móveis, o meu senhorio. Fiquei de ir pagar depois. Ele foi muito bom para mim. É um homem correto. Tem uma bela qualidade — palavra. A escrivaninha que eu usava foi o senhor Antônio Soeiro Cabral quem deu-me. Quando eu estava mandando ele tomou. Eu disse-lhe:
— Que espécie de homem é o senhor? O senhor não tem palavra. Deu-me a escrivaninha há três meses e hoje vem tomar-me.

Foi êle quem levou-me para Osasco. Tratou-me muito bem em sua casa. Foi o único lugar em que eu vivi bem. Mas os nossos espíritos não ligaram. Tem certos atos que desligam uma amizade... Quando eu dou algo para uma pessoa, está dado.

... Quando entramos no caminhão os vizinhos nos olhavam. (...) Agora que estou ficando rica peço a Deus para não ficar ambiciosa. Entrei no caminhão que estava com os moveis pesados. A D. Rosa foi no outro caminhão com os moveis leves. O caminhão que conduzia os moveis leves é mais novo. Ia na frente com velocidade. O outro mais velho ia atrás como se estivesse com rematismo. (...) Encontramos dificuldades para chegar. Eu errei a rua quando cheguei. O motorista do primeiro caminhão já havia chegado. A D. Rosa disse que a Baiana⁽¹⁶⁾ havia xingado.

... Paguei 4.000 cruzeiros para os motoristas. A D. Rosa voltou no caminhão. Os vizinhos começaram a falar que eu não devia ter mudado sem avisar. Fiquei nervosa, porque não gosto de palpiteiros. (...) Resolvi ir na cidade. Tomei um taxi. Estava nervosa. Eu estava suja e o povo cumprimentava-me nas ruas. A "Folha de São Paulo" havia publicado que estava rica. O jornal perguntou o que ia fazer esta noite. Eu disse que ia mudar para a minha casa e enviar 25.000 cruzeiros a Campanha de Combate ao Cancer.

... Saí da Livraria e fui na Imobiliaria avisar o senhor João que eu já havia mudado. Ele sorriu. (...) Fui almoçar no restaurante perto da livraria. Pedi feijoada. Quando eu estava almocando uns jovens pediu-me para autografar cedulas para êles. Eu comprei dois livros — "O Pequeno Príncipe" e o "Homem ao Quadrado", de Leon Eliachar. Mostrei o livro para os jovens. Eles examinaram e devolveram-me. Fimdo o almoço paguei 240 cruzeiros. E voltei para casa. (...) As pessoas paravam para cumprimentar-me e desejar Feliz Natal.

... Quando cheguei encontrei um nortista confabulando com o senhor Monteiro.⁽¹⁷⁾ Quando entrei o homem que estava confabulando com o senhor Monteiro olhou-me com ironia. Enfrentei o seu olhar. Ele queria impedir-me de entrar na casa.

— Eu comprei esta casa! O senhor Carvalho disse-me que a casa estava vazia. Era para eu mudar no dia 20.

O homem mudou de atitude. Mundou por completo. E foi almoçar. Eu estava com sono, queria desocupar um quarto para mim. O homem não permitiu. Para evitar encrenca resolvi ficar na sala.

... A tarde os filhos do senhor Monteiro foram chegando e perguntavam:

— Que diaho é isto?

— É a mulher que comprou a casa.

Chegou uma pretinha furiosa olhando-me com rancor, como se eu estivesse invadindo um templo sagrado. Os vizinhos comentavam, confabulando. Um jovem veio visitar-me e agitou o tambor de gaz do fogão. (...) Jantamos, tomei banho e deitei. Mas as pulgas pareciam formigas na minha cama. Não consegui adormecer, porque os moços que residem na casa começaram a beber e dançar. Eu tinha impressão que estava numa buate. Eles reclamavam que os meus moveis estavam impedindo-os de dançar. Adormeci com as gargalhadas e os ritmos musicais. Despertei com as vozes dos filhos desejando Feliz Natal aos pais.

25 de dezembro Levantei as 5 horas. Hoje eu estou triste. Acho a minha vida sem graça. Fiz café, saí e fui olhar o céu, ver se vai chover, porque eu estou com dô dos favelados. Porque a favela está alagada.

(17) Uma das 15 pessoas residentes na casa que, de acordo com o contrato, deveria ser entregue no dia 20 de dezembro. (A. D.)

(16) Inquilina da casa adquirida pela autora. (A. D.)

É horrível andar na agua. Eu ia cozinhar feijão. O senhor Alfredo Monteiro disse-me:
— A senhora não precisa fazer almôço. A mamãe faz para nós.

Fiquei contente, porque preciso escrever. Fui sentar ao sol, passou um preto. Cumprimentei. Ele não respondeu-me e olhou-me com desprezo. Xinguei o preto de tudo quanto existe neste mundo. Parece que o preto não está contente com o meu sucesso.
O sol estava gostoso. Comecei a pensar na minha vida. Todos dizem que fiquei rica. Que eu fiquei feliz. Quem assim o diz estão enganados. Devido o sucesso do meu livro eu passei a ser olhada como uma letra de cambio. Represento o lucro. Uma mina de ouro, admirada por uns e criticada por outros. Que Natal confuso para mim.

O João foi procurar-me e eu pedi a ele para ir comprar um jornal para mim. “O Estado de São Paulo”, para eu ver a classificação do meu livro. Dei 10 cruzeiros. Ele girou e não encontrou. Voltou furioso. Repreendi-o.

— Você é um bobo.

Ele saiu furioso. O João vai ser um tipo difícil para compreender a vida, porque não gosta de ser criticado. (...) Passava uma senhora. Resolvi perguntar-lhe onde podia encontrar uma banca de jornais. Ela ensinou-me. Conversei com a mulher, que ficou contente quando eu disse-lhe que sou Carolina Maria de Jesus.

— A senhora é que escreve?

— Sou. Eu estou residindo aqui na Rua Benta Pereira.

— Que bom! Eu fico alegre de saber que a senhora está morando aqui na minha rua.

A mulher desejou-me feliz Natal e seguiu com as compras.

Continuai escrevendo. Olhando as pessoas que estão circulando na minha rua. Posso dizer minha rua porque estou comprando uma casa no bairro.

26 de dezembro Levantei as 3 horas para escrever. Fiz café para os jovens que saem para o trabalho. (...) Fui comprar a “Folha” para ver se a reportagem estava na “Folha de São Paulo”.

Mostrei o jornal para o senhor Monteiro. Ele sorriu, achando grata. Resolvi ir a cidade. Troquei os filhos para ir na cidade. ... Descemos na Avenida Tiradentes. Fui felicitar os velhos conhecidos. Os que reconheceram-me ficavam olhando-me com admiração. Fui visitar o José Castilho, porque ele auxiliou-me muito. Fui visitar o senhor Rodolfo Scharauffer, porque a Vera disse que está com sandades dêle. Fui visitar a Ivani. Ela disse-me que vai casar-sa. (...) A mãe da Ivani ofereceu-me a sua casa. Eu não quero comprá-la porque é muito pequena.
... Resolvi ir a cidade. Passei na “Última Hora” e pedi ao senhor Remo Pangella para enviar um cheque a Clínica do Cancer em Recife. Quando visitei Recife fiquei com dó dos doentes.

27 de dezembro Levantei as 5 horas. Que suplício ver os meus moveis espalhados. E eu que pensava e sonhava com uma casa de alvenaria, supondo que ia encontrar tranquilidade.

... Há os que me aborrecem e os que admiram-me. Os que querem auxilio e os que querem dinheiro para comprar casa.

... Fui no açougue e comprei um pernil de porco por 510 cruzeiros. Conversei com o açougueiro:
— O senhor está robusto porque vive no meio da carne.

Sai do açougue, entramos num bar. Comprei refresco para os filhos. Tomamos o onibus. Eu ainda

não sei tomar o onibus. Desci fora do ponto e fomos andando. Os filhos reclamando porque não gostam de andar a pé. As pessoas que reconhecia-me paravam para conversar. Quando cheguei em casa recebi um recado do senhor Silva Netto que ia visitar-me as 9 horas da manhã. (...) Passei a tarde lendo e escrevendo.

28 de dezembro Não vou sair, porque tenho compromisso com os jornalistas. Fiquei surpreendida vendo a feira na minha porta. Os feirantes reconheceram-me porque já viram-me na televisão. Olhavam-me com curiosidade. (...) Comprei biscoitos para os filhos. Entrei, preparei café e fui escrever. As 9 horas o jornalista Silva Netto chegou com o fotógrafo. Ele fotografou-me em casa e na feira. Citei ao Silva Netto as condições que comprei a casa. (...) Os feirantes estavam contentes porque vão sair na Revista "Manchete".

... Recebi a visita de uma senhora por nome Guiomar. Queixou-se que seu esposo está desempregado e se eu podia comprar-lhe ferramentas de marceneiro. Para ele trabalhar, porque as oficinas aceitam marceneiros mas não dá ferramentas.

— Quanto custa as ferramentas?

— 40.000 cruzeiros.

Continuou dizendo que seu esposo é pintor. Se eu vou pintar a casa, ele pode pintar a minha casa. Que ela é costureira, se eu preciso de costureira. Ela é costureira formada e que não sabe como é que a sua vida mudou deste jeito. (...) Convidou-me para ser madrinha de seu filho que está no ventre.

... Os jornalistas da "Última Hora" vieram convidar-me para ir a favela. Eu estava dando banho na Vera. O electricista estava agitando o chuveiro, porque quando ele está ligado dá choque. Ele cobrou 100 cruzeiros. Dei-lhe 500 cruzeiros, ele não tinha trôco. Pedi ao jornalista Magalhães para pagar. Saí com os

jornalistas. Os vizinhos olhavam-me com curiosidade. (...) Segui no jipe da "Última Hora" olhando os re-cantos que percorri quando catava papel. Os vizinhos da favela reconhecia-me no carro. Quando cheguei na favela fui falar com a esposa do gari da Prefeitura que ganhou um prêmio na Loteria Federal. Os fave-lados agrupavam-se para olhar-me. Olharam-me com admiração.

29 de dezembro ... Fui na residência do repórter (...) Para mim o problema da comida foi solu-cionado, graças a Deus! E ao reporter. Mas existe os outros que não tiveram a sorte de nascer com o pen-samento igual ao meu.

... Despedi do reporter, dizendo-lhe:

— Eu gosto muito de você.

Tomei o onibus mais reanimada. Quando desci do onibus fui a pé para casa. Passei numa loja para ver os tecidos. São belos.

— A senhora é a Dona Carolina?

— Sou.

— Muito obrigado da senhora escolher o meu bairro para residir.

Despedi e segui pensativa. Descontente com a minha popularidade.

— Olha a Carolina Maria de Jesus!

— Oh, aquela! Esta mulher vale uma fortuna. Um pretinho chamou-me:

— D. Carolina!

Entrei na barbearia para atendê-lo. Ele olhava-me com admiração. (...) Despedi desejando-lhe Fe-liz 1961.

Gagava a Rua Alfredo Fujol. Desviei para outra rua, porque eu vi umas arvores frondosas. Onde tem arvores tem passaros. Eu gosto das aves, porque são inofensivas. Não tem a inteligência diabolica do ho-mem, que constrói a tal de bomba atomica e outras

inutilidades. Essas inventões servem para intimidar as nações.

... Uma senhora que escreveu um livro em idioma de nação para eu levá-la a cidade, que ela quer mostrar o seu livro para o Dr. Lelio. Quer que ele mande traduzir para editar.

... Fomos de ônibus. Não tinha lugar. Quando fui pagar já haviam pago para mim. Não sei quem pagou, mas agradeço ao meu amigo desconhecido. Dirigi para a Livraria. Encontrei o povo animado. O meu livro estava chegando. A setima edição. Subi no elevador. O senhor Paulo Dantas estava na Livraria. Pedi para atender a escritora judaica. Ele olhou os manuscritos e disse-lhe ser impossível dar uma solução, porque o manuscrito está noutra língua. Para ela falar com o Dr. Lelio.

30 de dezembro ... Mandei o José Carlos comprar a "Última Hora" para ver as ocorrências da cidade. Chegou um casal que veio pedir-me para auxiliá-los na campanha de construção de uma casa para as crianças da favela. Ela vai construir um abrigo em Itapecirica da Serra. Ela despediu-se e eu troquei e saí. Fui na Livraria. ... Saí com o reporter. Encontramos a escritora Helena Silveira. O reporter apresentou-me e disse-me que a escritora Jurema Finamour está hospedada no Hotel Excelsior. Fiquei contente. Despedi do reporter e segui com D. Helena Silveira. Ela ia encontrando os amigos. Na Rua D. José de Barros nós encontramos um senhor moreno de olhar enigmático. Ela disse-lhe:

— Esta é a Carolina.
Ela abraçou-me e beijou-me. O povo que transitava paravam olhando-nos petrificados. Fiquei precupada com os olhares.
— Quem é este senhor? — perguntei para esclarer aquela curiosidade ao nosso redor.

— É o vice-governador Porfirio da Paz.

— Oh! exclamei atônita e deslumbrada.

Num segundo comecei a relembrar a trajetória da minha vida. Empregada doméstica, lavadoura, catadora de papel e agora escritora e admirada. E beijada pelo vice-governador! Comecei a pensar num sambinha incluindo uma cena com o senhor Porfirio da Paz. Despedimo-nos e seguimos. Quando chegamos ao Hotel Excelsior o porteiro disse que lá não havia ninguém com o nome de Jurema Finamour. Mas resolviu consultar o fichário. Localizou uma Jurema e telefonou. A D. Helena Silveira falou-lhe. Ela nos convidou para irmos até o seu apartamento.

31 de dezembro ... Quando o dia surgiu pedi ao João para ir comprar a "Última Hora". Quero ver quem é o "Homem do Ano de 1960". O mais votado foi o senhor José Bonifácio⁽¹⁸⁾. Eu ganhei 8 votos. E o Andálio 1, que eu dei. Fiquei com dó do Audálio por ter ganho só o meu voto.

... Passei o dia deitada. Queria ouvir o rádio para saber quem ia ganhar a corrida de São Silvestre. Cada fim de ano é de um geito. O ano passado eu estava na favela. Este ano na casa de alvenaria. Desde os meus 8 anos que estou procurando localizar a tranquilidade e a felicidade.

Há os que dizem que o ente humano é incontentável.

(18) Secretário da Agricultura de São Paulo e autor de um projeto de Reforma Agrária. (A. D.)

— Eu não tenho o prestígio que a senhora tem.
 — Eu não posso auxiliar-te.
 — Eu vim procurar-te com a melhor das intenções e a senhora falha!
 ... O homem saiu sem despedir-se. Eu estava apavorada. Se o homem invadisse a casa?

1 de janeiro de 1961 ... Fiquei sósinha com os meus filhos. Eles estão à vontade. A Vera disse:
 — Que bom, mamãe, se nós vivessemos sosinhos... Atualmente recebo visitas de varias pessoas. Uns vem pedir dinheiro, outros vem para conhecer-me. Quando tocavam a campainha os filhos dizia:

— A mamãe não está.
 Resolvi limpar a casa. Aqueci agua para matar baratas, quando a campainha tocou. O João foi atender e disse que eu não estava. Cheguei até o vitrô para ver.

— O que deseja?

— Carolina, eu vim aqui para beijar teus pés.
 Posso entrar?

Não convidei-o a entrar porque ele estava alcoolizado. E os ebrios são falastrões. Falam, falam e não dizem nada.

— Eu não posso receber-te porque vou a televisão.

— Está bem, você não quer receber-me. Você agora ficou rica, saiu da favela... Agora você é Dona Carolina.

Fechei a porta com dó, porque eu não gosto de magoar ninguém.

... Continuei limpando a casa e pensando na minha vida. Estou envelhecendo. Limpei o banheiro. A casa ficou bonita. As 7 horas fui lavar a frente da casa. Chegou um senhor que já procurou-me há uns dias. Ele pediu-me para falar com a "Última Hora" para patrocinar um programa na televisão, que ele quer fazer palestra sobre os favelados.

— Mas a "Última Hora" não vai atender-me. O senhor é que deve ir.

2 de janeiro ... Hoje eu estou triste. (...) Saí de casa de qualquer jeito. Enquanto esperava o ônibus fui conversar com um preto que tem colchoaria. Queixei-lhe que estou revoltada com a vida e quero ir pro Rio Grande do Sul.

— A senhora ficou famosa. E todo lugar que a senhora ir encontrará dissabores.
 ... Eu ia parando nas bancas de jornaes para ver as novidades e o que vai pelo mundo. "Cuba está em guerra," — era a notícia sensacional. Não louvo o homem que faz guerra, porque a guerra destroi o que ele constrói.

... Voltamos para casa de onibus. (...) Amanhã a televisão vem aqui em casa.

3 de janeiro ... As duas da tarde o carro da Televisão Record chegou. Eles começaram a preparar as transmissões. As crianças e os vizinhos aglomeraram-se no porão da rua. Tomei banho e preparei os filhos. Fui comprar pinga e café. Vou preparar pinga com limão para os reporteres. Tenho duas garrafas de vinho. Pedi calices emprestado aos vizinhos. (...) Para distrair-me fui falar com a vizinha. Ela e o seu espôsó,⁽¹⁹⁾ senhor Rogerio Reis. Eles são bons vizinhos. O João foi avisar-me que o reporter havia chegado. Fui cumprimentá-lo. (...) Chegou o reporter Murilo Antunes Alves. Quando iniciamos o programa a casa e o jardim...estava...superlotado⁽¹⁹⁾. O senhor Murilo Antunes Alves perguntou porque eu tenho o retrato do senhor Janio Quadros.

(A. D.)⁽¹⁹⁾ O programa foi transmitido diretamente da casa da autora.

— Não sou janista. Conservo o retrato do senhor Janio Quadros para ver se ele sorri até o fim do mandato.

O senhor Murilo Antunes Alves elogiou o meu livro e citou que ele aborda um problema social. Quando a televisão despediu-se eu fui conversar com o senhor Rogerio. (...) Deitei as 2 horas da manhã.

4 de janeiro ... Depois que eu comprei a casa é que eu cheguei a conclusão que sou importante. Estou contente. Agora eu sou alguém e posso receber visitas. Passei o dia deitada. As 6 horas recordei do convite de D. Suzana Rodrigues para comparecer no seu programa da televisão. Preparei e saí às pressas. Quando cheguei no estúdio o programa já estava no ar. Conseguir entrar.

... Quando saímos da televisão a D. Suzana Rodrigues convidou-nos para irmos ao Clube dos Artistas. Vi varias mesas com homens sem mulher. Sentamos na mesa maior. A D. Suzana pediu o jantar: picadinho. Serviram ovos, arroz e farofa. (...) Várias pessoas olhava-me e comentavam:

— Aquela é a Carolina.

A D. Suzana Rodrigues, atenciosíssima, apresentava-me para as pessoas de sua amizade. O seu filho e filha nos acompanhava. A D. Suzana convidou um senhor para ir a nossa mesa. Apresentou-me:

— Este é o escritor Mario Donato.

... Ele disse-me:

— Carolina, emprega bem o teu dinheiro, porque a literatura não é meio de vida.

... Eu consegui enriquecer com o meu livro. O meu livro foi uma fada que transformou-me de gata borralheira a princesa. Os meus sonhos estão concretizando. Eu desejava uma casa de alvenaria. Consegui. O que emociona-me é introduzir a chave na fechadura e abrir a porta e saber que a casa é minha. Tem

hora que tenho vontade de dar um grito para ser ouvido no Universo:

Viva o meu livro!

Viva os meus dois anos de grupo escolar!

E viva os livros, porque é a coisa que eu mais gosto, depois de Deus.

5 de janeiro ... A casa é um sobradinho. Os quartos são amplos: dois dormitórios. A vista é magnifica. Avisto a serra da Cantareira.

... Tomei o ônibus e ia pensando no senhor J. F. Bueno, que reside na Rua Guaporé. Ele está desempregado, devendo dois meses de aluguel e devendo o empório. Quem veio procurar-me a primeira vez foi a sua esposa. Veio pedir dinheiro, que está grávida. Queixou-se que o seu esposo é marceneiro e não tem ferramentas para trabalhar. Se eu podia pagar o emporio para ela. Enviei um bilhete que eu ia pagar o emporio para ela sexta-feira. Mas não me foi possível. Ela apareceu com o esposo e fez uma lista das ferramentas que eu devia comprar-lhe para ele trabalhar:

1 plaina	1 serrote medio
1 serrote de costa	1 esquadro pequeno
1 martelo medio	1 groza
6 formões	1 compasso
1 compasso	1 arco de pau
	4 ferros de furar
	1 lima triangulo.

Eu fico alucinada com os pedidos.

6 de janeiro ... Recebi a visita de uma senhora que pretende construir um abrigo para crianças — União Cristã de Amparo a Infância. Eles tem um

7 de janeiro ... O senhor Fábio Paulino veio visitar-me com a sua esposa. Cassaram-se há 8 dias. Ela é professora. É distinta e agradável. Ele é radiosa, devia vir terça-feira. Estou indisposta e agitada, pensando na minha vida trepidante. Todos os dias deparo-me com um aborrecimento.

8 de janeiro ... O senhor Fábio Paulino veio visitar-me com a sua esposa. Cassaram-se há 8 dias. Ela é professora. É distinta e agradável. Ele é radiosa, devia vir terça-feira. Estou indisposta e agitada, pensando na minha vida trepidante. Todos os dias deparo-me com um aborrecimento.

8 de janeiro ... Um senhor que disse ser do Paraná veio procurar-me para eu emprestar-lhe 800.000 cruzeiros, que ele fez uma dívida no banco e os títulos estão vencendo e ele não tem dinheiro para pagar. (...) Ele disse-me que esperava até terça-feira para eu dar-lhe o dinheiro. Fiquei horrorizada. Onde é que eu vou arranjar 800.000 cruzeiros para emprestar a um desconhecido no prazo de três dias?

Ele disse-me que depositava 100.000 cruzeiros no banco para mim, todos os meses. Se ele pode depositar esta quantia no banco para pagar a sua dívida, porque não dá ao banco?

Ele despediu-se. Prometi procnrá-lo no Hotel Piratininga, onde ele está hospedado. Ele estava comentando que o seu pedido não devia ser divulgado, que ele é importante. Na minha fraguissima opinião, ele é um mendigo fantasiado de rico.

... Recebi varias pessoas que veio visitar-me. Fico triste porque a casa está horrorroza. Um senhor que reside no bairro de Vila Mariana veio procurar um livro para comprá-lo. Um pretinho acompanhava o casal, que despediu-se na porta. O preto entrou. Mostrou-me os retratos de seus parentes, suas nupcias etc. Fiquei observando: ele é do tipo que quer ter classe na vida.

9 de janeiro Levantei furiosa, xingando a minha vida. Estou descontente com esta casa. Olho as paredes, estão sujas. Olho o jardim, está triste porque não tem flor. O quarto onde estão os moveis dos mortistas está superlotado de pulgas. Tentei entrar, elas invadiram as minhas penas. Isto é demais. Vou solucionar a minha vida. Desse jeito é que não vou ficar. Escrivi um bilhete:

"Senhor Antonio:

O reporter Audálio Dantas disse que se o senhor não retirar os seus moveis até amanhã, ele vai levá-los para o Deposito Municipal. Depois o senhor resolve com o Prefeito."

... Xinguei o reporter. Aquele cachorro podia comprar uma casa limpa para mim. (...) Eu não queria esta casa, mas o reporter predomina. Anula todos os desejos que manifesto. Mas, eu tenho que tolerá-lo. Foi ele quem auxiliou-me, por isso prevelece. Mas o dia 13 de maio ele há de dar-me a minha liberdade.

... Circulei o olhar pela sala. Pensando nuns tapetes e numa sala de jantar bonita. Contei os dezenove degraus que nos conduz aos dormitorios. Peguei a sacola e saí. Encontrei o José Carlos na rua. Ele correu, pensando que ia apanhar. Fui falar com a D. Elza. Minhas ideias estavam confusas.

10 de janeiro ... Comprei palha de aço. Vou limpar o quarto que vai ser para as criangas. Limpei o quintal. Fiz café. Não tive tempo de fazer almôgo. Limpei os vidros e as venezianas. A casa é bem feita. Só que estragaram-na toda. Trabalhei um dia e uma noite para limpar esta casa. O assoalho ficou bonito.

11 de janeiro ... Fui percorrer a feira. As mulheres perguntavam-me se os mortistas já haviam mudado.

— Não. Prometeram mudar hoje.

Comprei uma blusa para o João ir às aulas. A Dezuíta veio com uma senhora para retirar os moveis. (...) O senhor Monteiro ia carregando o seu moveis. O caminhão não parou na porta por causa da feira. Respirei aliviada quando vi a casa ao meu dispor. Eu não sabia que ia ter aborrecimento comprando a ambiacionada casa de alvenaria. (...) Eu pensava assim: quando eu comprar uma casa hei de falar das flores que adornará o meu jardim.

... Eu estava exausta. Preparava para deitar quando a campainha tintilhou-se. O João abriu a porta:

— É o Audálio.

Cumprimentou-me. Eu disse-lhe que estava lutando com as pulgas. Já encerei dois dormitórios. Ele galgou as escadas. Elogiou o brilho do assoalho. Eu compus umas canções. Cantei para ele ouvi-las. Disse-me que são boas.

14 de janeiro ... Fui rever os velhos conhecidos. Conversei com o alfaiate. Quando eu catava papel ele auxiliava-me. (...) No bairro que eu catava papel — a Ponte Pçquena, eles não leram o livro. O conhecimento que tem é dos jornais. As pessoas acercavam para olhar-me com admiração.

— Eu vi você na televisão.

— Eu vi você nos jornais.

— Tua vida melhorou?

— Não melhorou. Não tenho sossego para escrever.

A D. Anita convidou-me para ir falar-lhe. Mas eu não fui. Porque quando eu catava papel ela fugia e se estava na janela retrava. Um dia eu disse-lhe que não precisava ausentar-se da janela quando avisasse-me, que não mais olhava-a. Ela feriu-me muito. Agora chegou a minha vez de feri-la. Pôs a juro, recebe.

Despedi e segui olhando as latas de lixo nas ruas. Quando eu, com o meu saco de 40 quilos, curvava de lata em lata recolhendo os papeis e as latas e os metais na sacola, a Vera reclamava que o seu sonho era vestir igual as meninas da vitrine, tenho a impressão que estou vivendo um sonho. Onde há momentos maravilhosos e momentos trágicos.

... Hoje é sábado. Se eu estivesse catando papel estava correndo de um lado para o outro para conseguir mais dinheiro. Se eu estivesse na favela a esta hora o meu filho João estaria preso. Pensando bem devo agradecer a Deus e ao reporter que auxiliou-me muito. Estou livre das brigas e da Radio Patrulha.

15 de janeiro ... Recebi visita de uns pretos do interior e outros de São Paulo. Umas pretinhas vieram visitar-me. Uma é pintora e aconselhou-me a alisar os cabelos.

— Os jornalistas não deixam.

— Credo! A senhora obedece-os?

— Quem não obedece não triunfa.

O senhor Rubens, o cantor, veio visitar-me. Queixou-se que sua esposa é indelicada para élle.

— Vivo ao seu lado por amor aos meus filhos Disse que élle é quem prega os botões quando caem. Ele ergueu a cabeça fitando o teto com a voz amargurada:

— Se eu pudesse sumir... Mil vezes morrer do que viver assim.

Ele despediu-se. Ia saindo quando a cama quebrou-se, porque três senhores estavam sentados.

16 de janeiro ... Dirigi-me a Livraria para ver o senhor Paulo Danttas. (...) Desciamos a Rua Líbero Badaró. Vi varias pessoas conduzindo cartazes. Os cartazes iam com inscrições pedindo aumento.

(...) Parei para ver. Fui reconhecida. Eles vieram falar-me:

— Nós queremos aumento!

Fiquei condoida, porque eu já passei fome. Assustei-me quando ouvi vozes e a multidão com cartazes. Era os bombeiros e a Força Pública. (20) Um senhor pegou o meu braço. Fiquei ao lado da deputada Ivete Vargas. Conversamos sobre a confusão em São Paulo. O povo bradava:

“O Plano de Ação acabou com o nosso pão!”⁽²¹⁾
... Eu não pretendia entrar na passeata. (...)

Passamos perto da Livraria. O povo olhava o meu quadro exposto na frente da Livraria. (...) Fomos no Largo São Francisco. As esposas dos soldados estavam com os filhos. Eles devem sofrer mais do que os favelados. Não sei como é que os homens há de fazer. Se vai para a lavoura o fazendeiro explora, se entra na Força Pública o governo quer pagar salário de fome.

18 de janeiro ... Uma senhora veio procurar-me. Veio pedir-me 400.000 cruzeiros para pagar a hipoteca de sua casa. Falta dois meses para vencer.

— A senhora empresta-me 400.000 cruzeiros que eu pago 8.000 por mês.

— A senhora volta amanhã. Vamos falar com o Dr. Lelio ou o reporter.

21 de janeiro ... Com a transformação da favela para a casa de alvenaria os filhos estranharam-se. O José Carlos fita-me longamente. Para ele eu sou uma heroína porque comprei uma casa de alvenaria.

25 de janeiro ... O reporter chegou acompanhando com o fotógrafo Jorge Tork. Eles entraram. (...) Fomos na favela. Eu ia mostrando-lhe os reca-

(20) Passeata dos soldados da Força Pública, que faziam greve por aumento de vencimentos. (A.D.)
(21) Plano Quadrienal do Governo Carvalho Pinto. (A. D.)

tos que eu passava. As ruas que transitava catando papel. Quando cheguei na favela as crianças iniciaram uma vaia. Em 5 minutos a notícia circulou que eu estava na favela. O povo afliuim-se para ver-me. Conversei com a D. Esmeralda. Disse-me que seu espôso não mais apareceu. Ele fingiu que estava louco e abandonou a família. (...) Eu e o Tork circulavamos pela favela. Que lugar imundo. É uma desumanidade deixar os pobres viver assim. Fui visitar o meu barracão. O Seu Chico modificou. Apenas com servou a tabua que o João escreveu — “O Audálio é nosso”. O reporter fotografou-me com o meu povo, os favelados. Fui conversar com o senhor Luiz. Ele pediu-me:

— A senhora precisa ser a porta-voz da favela. Falar por nós.

Percebi que os favelados olhava-me com admiração.

26 de janeiro Levantei as 4 horas e fui escrever. Comego a gostar da casa. As pulgas estão desaparecendo. Que bom escrever atualmente com a luz elétrica. A minha casa tem 14 lampadas.

Fui a Livraria. O Dr. Lelio disse-me que vai pagar-me duas edições amanhã. Ele ia pagar-me hoje, mas o reporter viajou. Não quero receber na sua ausência. (...) Vou jantar na residência da deputada Ivete Vargas. Que sacrifício para tomar um taxi. Estava chovendo. Conseguimos um. Dei o endereço para o motorista. Ele disse-me que já votou na Dona Ivete Vargas treis vezes. E não está arrependido, porque ela não decepciona. É uma grande mulher.

— Grande mulher é a que cuida dos filhos nessa época atual. Tem que enfrentar o custo de vida assim. Ela não apreciou as minhas palavras.

— Grande mulher é a Dona Ivete. E porque a senhora não lhe consegue. Ela tem favorecido o povo.

CAROLINA MARIA DE JESUS

Não comentei porque não a conheço. Eu era do quarto de despejo. Agora eu sou da sala de visita. Estou na casa de alvenaria. No quarto de despejo eu conhecia os pé-rapados, os corvos e os mendigos. Na casa de alvenaria estou mesclada com as classes variadas. Os ricos e os da classe media.

Convidei o motorista para ver a Dona Ivete Vargas, já que ele é seu eleitor cativo.

— Ah! Ela não me conhece.

— O senhor vai comigo. Ela há de receber-te. Ele disse-me que ia girar porque nos dias de chuva os motoristas ganham mais. Quando entrei no edifício varias pessoas reconheceu-me e indicou-me o andar. Quando cheguei na casa de D. Ivete a casa estava superlotada. Varios homens. Todos do P.T.B. (...) Ela é educada e distintíssima. Ela convidou-me para jantar.

... Em todos os recantos vê-se o busto do Getúlio em bronze. Ela diz:

— Eu tinha loucura pelo titio.

Elá falava uns termos políticos que eu desconheço. Ouvindo elés falar de política tinha impressão que eu estava num mundo estranho. (...) Estava presente um casal de radialistas. Eu disse-lhes que sou compositora. Cantei algo para elés.

27 de janeiro Levantei as 6 horas. A casa estava suja. Fiz café, o João foi comprar pão. Ensaboei umas roupas. O João disse-me que a mulher que quer os 400.000 cruzeiros emprestado vinha chegando e ele ia dizer-lhe que eu não estava.

— Diga que eu estou e mande-a entrar.

Agi assim para não ensinar os filhos a mentir. Ela entrou com uns embrulhos. Ela quer cativar-me para eu resgatar a sua hipoteca. Mas eu ainda não normalizei a minha vida. Tenho a impressão que sou uma carnica e os corvos estão rondando o meu corpo. Corvo humano que quer dinheiro.

... O homem que quer montar uma oficina de corte e costura voltou para pedir-me os 50.000 cruzeiros emprestados. Xinguei-o, dizendo-lhe que eu tenho obrigação de cuidar só dos meus filhos.

28 de janeiro Levantei furiosa. Fui lavar o jardim. Os filhos pisaram na terra e no ladrilho. Xinguei a Vera e o José Carlos, porque elés não dão valor a nossa casa de alvenaria.

Nós estamos livres das enchentes e dos rádios. A nossa vida ficou côr de rosa. A Maria Aparecida, filha de D. Elza, queria brincar com a Vera, mas ela está de castigo. Tomei o ônibus e desci na Avenida Tiradentes. (...) Encontrei a Dona G. que mora nos fundos do empório. Ela convidou-me a entrar. Ela disse-me que estava grávida.

Mentira. Ela continua esbelta igual uma minhoca. Segui olhando aqueles recantos que eu percorria procurando latas, ferros e papéis para vender. (...) Eu comprei farinha de milho para os filhos comer com leite. Tomei um taxi. O motorista disse-me que se chama Serafim, é filho de uma lavadeira e está escrevendo um livro nas horas vagas.

— Escreve o livro e dá para o reporter. Ele é honesto.

Ele continuou falando de sua mãe. Mostrei-lhe a casa. Ele disse-me que acompanha os meus sucessos pelo rádio e os jornais.

30 de janeiro Levantei com a voz do Lelé, o jardineiro que veio tratar um serviço para mim. Desti as escadas. Os filhos já haviam atendido. Ele examinou o jardim. Disse-me que vai arranjar mudas de flores no Horto Florestal. Mostrei-lhe a casa. Ele ficou admirado da minha ascenção na vida. E disse-me:

— Até que enfim a tua estrela brilhou. Deixou mesmo as latas do lixo!

Ele prometeu vir quarta-feira. (...) Os filhos reiram muito. Dei-lhes uma surra porque elas pulam a janela do meu quarto para sair na rua. Elas quebraram um adorno do banheiro.

31 de janeiro Levantei as 9 horas, com a voz do Lelé que veio cuidar do jardim. Ele trouxe um coqueiro. Vai plantá-lo no centro do jardim. (...) O Lelé disse:

— Eu quiz casar com você. Você não quiz. Hoje eu estaria bem.

— Mas se eu me casasse eu não conseguia nada na vida.

Paguei o Lelé, que olhando-me com admiração,

dizia:

— Que salto você deu na vida! Você saiu do inferno e está no céu.

— Engana-te. Eu estou no Purgatorio.

Ele prometeu voltar para ver se as flores pegaram.

1 de fevereiro Hoje é o aniversário do João. Ele completa 12 anos. Está alto e desenvolvido. Está no 4.^o ano.

... A Dona A. chegou. Vou ver se o reporter consegue auxiliá-la. Ela está triste. (...) Encontrei o reporter na redação. Assinei os contratos que vão para os Estados Unidos. Perguntei-lhe se havia possibilidade de arranjar o dinheiro para a Dona A. Disse-me que não, porque eu tenho a prestação da casa e o que vou receber não dá. Preciso comprar os moveis e internar os filhos.

A Dona A. estava triste. Comegou a queixar-se. Ela disse:
— Se eu não conseguir este dinheiro eu vou suicidar.
— Mas o seu esposo tem que auxiliá-la. A pior tolice é hipotecar uma casa.

4 de fevereiro ... Bateram na porta. Era uma preta. Mandei entrar. Ela disse-me que lê todas as reportagens que falam de minha pessoa. Chama-se Isolina. A mulher fala por trinta. Disse-me que ficou doente vinte e dois anos. Ela disse:

— O terreno que comprei paguei só dois anos. Estou atrasada há 8 anos. A companhia quer o terreno. Deixaram eu ficar porque eu estava doente. Eles exigem 44 mil cruzeiros de uma vez. Venho pedir a senhora para pagar o terreno para mim. Depois eu vou pagando-te aos poucos. Se eu não puder pagar-te o terreno é da senhora ou dos teus filhos. A agua lá é boa. O pôço deu agua com dois metros. Todas casas são alvenaria. O meu é um barracão. Ninguém queria dar-me agua. Os outros pôços tem 16 metros e o meu tem 2 metros. Tem um visinho que fez um pôço na direção do meu e não encontrou agua. Deus está é ao lado dos pobres. O advogado disse-me para eu levar o dinheiro até o fim do mês.

Dei um prato de canja para ela. E uma laranja. A D. Maria José estava assando biscoitos e deu-lhe uns. Eu disse-lhe que vou ver se pago o terreno para ela. Ela vai voltar dia 15.

— Assim que ela saiu comegeu a chover. Dei 50 cruzeiros para ela pagar a condução. (...) Era 19 horas quando um carro parou na porta. Desceram os fundadores do Orfanato União Cristã de Amparo a Infancia. Duas senhoras, dois senhores e duas meninas. A Vera abriu-lhes a porta. Vieram convidar-me para ir a televisão pedir auxilio para construir um abrigo em Itapécirica da Serra. Mostraram-me reportagens que fizeram em varios jornais da capital e do interior. (...) Vão fundar um orfanato e vão abrir um livro de ouro. Um senhor disse no jornal que Carolina Maria de Jesus abre o livro de ouro com 100 mil cruzeiros. Fiquei horrorizada, porque eu não dei essa autorização. Eu não mencionei isto. (...) São

Paulo abriga uma leva de malandros. Mas eu deixo elas vir pedir-me dinheiro até cansar.

5 de fevereiro ... Tomamos um taxi. Duas moças acompanharam-me até a Radio Nacional. (...) O que eu achei graça foi quando perguntei ao porteiro da rádio:

— O senhor Mario Brasini está?

— Olhou-me minuciosamente e disse-me:
— O Doutor Mario Brasini está. A senhora vá na outra rua.

E assim fiquei sabendo que o senhor Mario Brasini é doutor. Dirigi a outra rua. A jovem porteira disse-me que o doutor Mario Brasini estava no terceiro andar. Entramos. Encontrei-o escrevendo. Está magro. Ele disse-me:

— Oh, Carolina!

— Quando é que devo vir para autografar os livros?

— Depois do Carnaval.

... Despedi dèle. (...) Entramos num bar. Um jovem reconheceu-me e disse-me que conhece-me desde 1952, quando o Pacheco fez uma reportagem na "Ultima Hora". Começamos a conversar sobre a minha popularidade. Chegou um jovem dizendo que gravou o samba "Favela do Canindé" e se eu já ouvi o disco.

... Tomamos um taxi. Quando cheguei na minha casa paguei o carro e fui procurar os filhos. Fui ver se a Vera estava na casa do senhor Rogerio Reis. Ele é muito educado. Recebe os meus filhos sem orgulho. Tenho bons vizinhos. A.D. Maria José e o seu esposo senhor José Simões Paulino residem no número 566. D. Ivette Oddone, residente no número 608. e a D. Jaci Villar Miranda, residente no número 597.

E o senhor Aniz Kassabian, residente no número 575. E D. Elza Bertolini Lopes, residente na Rua Francisca Biriba. Eles tem televisão.

Rua Francisca Biriba.

6 de fevereiro Abri a janela. O astro-rei já estava visível. (...) Preparei a Vera e saímos. Fui na Livraria. O advogado da Livraria estava presente. Somaram quanto eu recebi até a setima edição do meu livro. O reporter disse-me que eu gasto muito.

Eu não tinha nada. Tive que comprar tudo. Se estou gastando gasto o que é meu. (...) As observações injustas magoa-me. Recebi dois cheques. O Audálio disse-me para eu por no Banco. Fui ao Banco, depusitei o dinheiro e retirei 10.000 cruzeiros para comprar botinas para a Vera. O Audálio disse-me que eu compro sapatos todos os dias... Se ele continuar aborrecedo-me eu volto a catar papeis.

... Entrei na loja e comprei umas botinas para a Vera. 780 cruzeiros. É muito dinheiro nos pés de uma criança.

... Eu estava procurando um carro quando ouvi a voz do senhor Fabio Paulino, o meu vizinho. Os carros que passavam estavam ocupados. Por fim encontramos um taxi. O motorista era preto. Eu disse-lhe que estou contente com as ações do presidente dos Estados Unidos, senhor Kennedy, porque ele está abolido o preconceito. O senhor Fabio Paulino não aprecia os norte-americanos. Acha-os desumanos com a raça negra.

— A senhora é a Carolina? — perguntou o motorista, olhando-me através do espelho.

— Sou, sim senhor.

Deu-me os parabens.

Quando chegamos a D. Rosa estava esperando-me. (...) Queixei para a D. Rosa que estou desgostosa com a vida. Na favela era melhor para escrever. Não recebia visitas todos os instantes. Era ignorada.

7 de fevereiro ... Ontem a noite veio um jovem do Orfanato União Cristã de Amparo a Infancia. Queria que eu saisse com ele para ir nos "Diários" falar com o senhor Mauricio Lourenço Gama, fazer

um apelo pela televisão para angariar fundos. Mas eu não aceitei porque estou exausta. Estou por conta com êles, que andam anuncianto que eu vou dar-lhes 100.000 cruzeiros. Sera possível que eu tenha que solucionar todos os problemas que aaflige o povo do Brasil? O meu prazer é auxiliar os que sofrem, mas eu sou impotente.

8 de fevereiro Despertei as 2 horas e comecei a escrever. As horas que aprecio, porque sei que ninguém vem aborrecer-me com pedido de dinheiro emprestado. Com esses pedidos eu estou ficando neuroticá. Sobressaltei ouvindo rumores e vozes. E que as quartas-feiras tem feira na minha rua. Abri a janela e cumprimentei os feirantes.

— A senhora já está de pé?
— Estou escrevendo. Preciso preparar o livro para setembro.

... O dia despontou-se com os clarões do astro-rei. Abrei-me e fiz café. Peguei a sacola e fui girar na feira. Comprei umas canetas para o José Carlos e a Vera. O José Carlos achou 210 cruzeiros. Eu disse ao Levi, um vizinho:

— Quando eu morava na favela não achavamos um tostão.
Comprei uns pratos, uns copos e duas canecas. Os preços estão subindo e os governos estão dormindo. ... A vizinha disse-me que tinha uma mulher na minha porta. Fui atendê-la, convidando-a a entrar. Ela disse-me que tem uma casa inacabada. Se eu posso emprestar-lhe 300.000 cruzeiros para ela construir. Disse que depois aluga e paga-me as letras no Banco. O seu esposo é tenente. Eu disse-lhe que não posso auxiliá-la.

— Vou internar os filhos e preciso de dinheiro para pagar o colégio.
Mas a mulher dizia:

— Me ajuda, D: Carolina. Tem dó de mim.

Contou-me os horrores que os funcionários da Força Pública sofrem com o governo. Que vergonha os funcionários do governo pedindo esmolas!

... A mulher deu-me o seu endereço pedindo-me para eu ir visitá-la e ver a sua casa. Ela já tem uma casa. E não está contente. E os pobres favelados ficam alegres com um barracão de tabua. Não pensam em construir para ter rendimentos. Não azucrinharam os ouvidos de ninguém pedindo dinheiro. Ninguém fala em Banco. Não sabe o que quer dizer cheque.

Será que esta senhora não pode contentar-se com o que tem? (...) A mulher despediu-se dizendo que se for preciso ela vai falar com o reporter para eu emprestar-lhe o dinheiro.

9 de fevereiro Hoje ninguém veio pedir dinheiro. Graças a Deus!

10 de fevereiro Levantei disposta. Lavei as roupas, limpei a casa, abri as janelas. O ar penetrava invadindo a casa. Olhei os tópos ao redor: o pico do Jaragná, a serra da Cantareira.

A D. Zezé quiz dar-me almôço. Recusei porque tenho comida que sobrou de ontem. Preparei os filhos (...) Fomos na redação. Eu ia olhando as bancas de jornais. As notícias sensacionais: Fiquei horrorizada com as perseguições na África. A África é terra dos pretos, mas os brancos foram para lá assombrar o território dos coitados. Eu acho que a interferência do branco na vida do negro é só para atrapalhar. Deixa os coitados arrazados. Fiquei com dó do Patrice Lumumba, que podia viver mais uns dias. Quando será que a civilização vai predominar?

... Quando cheguei na redação encontrei todos os jornalistas reunidos. Cumprimentei todos e fui falar com o Andálio.
— Eu vim aqui para pagar a prestação da casa.

Dei o livro de cheque para ele, que somou os meus gastos, repreendendo-me porque gasto muito. Eu disse-lhe que quero internar os filhos e quero trabalhar.

— Que especie de trabalho você quer?

— Radio.

— Oh, não!

Ele foi preencher o cheque.

... Esperamos o onibus. Quando cheguei fui devolver o relogio de ouro que comprei de Dona Elza, porque não posso dar-lhe os 25.000 cruzeiros. Eu jurei não comprar mais nada, por causa das criticas do reporter. Ele é um detitivo na minha vida. Mas vou publicar só a "Casa de Alvenaria". Depois

... Quando eu vejo alguém na minha porta, penso: já veio pedir dinheiro. Não recebo a visita dos meus colegas do Albergue Noturno, da sôpa da Sina-goga da Rua Casemiro de Abreu, do pão da Igreja Imaculada Conceição. Eles devem estar invejando-me. E eu, invejando-os.

... Comprei lingüica e voltei para casa. Quando eu ia chegando vi o Lelé na porta falando do jardim, que a terra não tem força e as plantas não crescem. Ele disse:

— Preciso falar com você em particular. Você está bonita com este lenço na cabeça. Há 8 anos eu quiz casar com você e você não quiz.

Eu disse-lhe:

— Para eu me casar teria que ser com um homem culto e bom.

— Mas eu sou inteligente, o que pensaocê?

E pediu-me para emprestar-lhe 1.000 cruzeiros, que a sua mãe está doente e pode piorar de uma hora para outra.

— Eu te pago com serviço.

Eu disse ao Lelé que ia jantar na casa da Maria do Carmo. Fechei a porta e saí cansada, com vontade

de deitar. (...) É horrivel não ter paz de espirito. Tem hora que eu tenho vontade de espancar as pessoas que vem aborrecer-me.

12 de fevereiro Hoje é domingo. Carnaval. O dia está triste. Eu estou alegre. Fui fazer compras, lavei as roupas, fiz café. Não vou sair.

... Comprei leite para os filhos. Noto-lhes trans-formações. Estão civilizando-se. Vendo-os compor-tados a minha esperança vai resurgindo. Espero que eles sejam bons no futuro.

14 de fevereiro ... A Dona Ivete foi queixar-se de que os meus filhos escreveram palavrões no seu muro. Se não existisse palavrões ninguem tomava conhecimento. O essencial é a pessoa saber ler. (...) Estou descontente porque tudo que é mal feito nesta rua eles acusam os meus filhos.

15 de fevereiro ... Tomei banho e fui a cidade ver se encontro o reporter. (...) Segui para a reda-cão. Parava nas bancas de jornais para ler o assas-sinato de Patrice Lumumba. Fico pensando: Deus deu aos homens o seu torrão natal. A Africa para os pre-toes, mas errou numa coisa, dando ambigão aos ho-mens. Que perversidade matar o preto no seu país! Mas os naturais acabam predominando. Uns vão con-vencendo os outros.

Os journaleiros perguntaram porque desapareci-das ruas.

— Estive limpando o meu barraco.

— A senhora ainda está no barraco?

— Oh, é o habito! Vivi 12 anos num barraco.

17 de fevereiro Levantei as 5 horas da manhã. Os filhos vai a escola. Preparei a refeição matinal e fui fazer as compras. O João e o José Carlos vão de manhã. A Vera, a tarde. A casa está horrorosa. Os

filhos pisam na lama e sujam os degraus. Preparei o almôço: arroz, feijão e carne. Acabou aquela apreensão do passado:

— Mamãe, o que vamos comer hoje?

Lavei as roupas e preparei a Vera para ir a escola. Estava girando quando a Dona A. chegou. Disse-me que magoou o pé num prego. Ela está triste por não ter conseguido o dinheiro para pagar a hipoteca. Disse-me que quer trabalhar para mim. Ela passou as roupas e auxiliou-me na limpeza da casa.

... Escrevi um bilhete ao reporter, avisando-lhe que íamos na Radio Cometa. Para ele convidar o escritor Paulo Dantas.

... Tomei um taxi, porque os ônibus elétricos estavam parados por falta de energia. (...) Quando o Paulo Dantas chegou decidimos que o poeta Solano Trindade nos acompanhasse. Ele disse que saiu para participar de uma passeata ao saudoso Patrice Lumumba, o preto que depois de morto ficou poderoso. Tomamos um taxi até a Radio Cometa. O programa foi estupendo. Falamos do folclore brasileiro. Quem discorreu sobre a música foi Solano Trindade. O Paulo Dantas falou do meu talento, que escravo interrompamente. Quando terminou o programa agradecemos aos funcionários da rádio e ao senhor Fabio Paulino.

18 de fevereiro Levantei as 5 horas para preparar os filhos que vão à aula. Fiz café. O João e o José Carlos preparavam-se. Fui comprar pão. As barracas da feira já estavam em ordem. Fui comprar um jôgo de alumínio para guardar mantimentos. Paguei 720 cruzeiros seis latas. ... Aos poucos eu vou organizando a minha casa.

... Chegou Dona ...⁽²²⁾ que veio perguntar-me se posso arranjar-lhe dinheiro para ela reformar a

casa. Ela quer consertar a casa para alugar. Ela já tem uma casa para morar.

Chegou o Dr. Herculano Neves com sua esposa. Ele veio dar-me o seu livro "Eu te arrespondo, Carolina"⁽²³⁾. O Dr. Herculano deu-me um livro para eu levar ao reporter. Dei o endereço do reporter para ele. Ele disse-me que varias pessoas vai censurá-lo por ter escrito o livro "Eu te arrespondo, Carolina". Citei-lhe que varias pessoas estão procurando o livro.

— Estou vendendo no interior.

Quando ele despediu-se entregou-me um livro. Fui atender a esposa do tenente que quer dinheiro para reformar a casa. Contam vantagem que tem televisão. Em vez de comprar televisão porque não construir a casa para alugar?

Citei-lhe que não ganho muito. Ela disse:

— Eu vou falar com o reporter.

— Falar o que, se não tenho o dinheiro? Ela dirigiu-me um olhar de ódio, como se eu tivesse obrigação de emprestar-lhe o dinheiro. Quando ela saiu eu fui atender a Dona Olga. Ela pediu se eu sei de uma clínica que queira aceitá-la. Eu disse-lhe para dormir aqui em casa e se quer trabalhar para mim. Ela concordou-se e foi preparar o jantar e lavar as louças.

O Lelé chegou. Veio queixar-se que enviou a sua mãe ao hospital. Ele aborrece com o seu faltatório. O José Carlos disse-lhe:

— Por que é que você não ia na nossa casa na favela? Agora, que minha mãe está rica é que vocês tomam conhecimento que ela existe.

O Lelé disse-lhe:

— Eu também sou favelado.

Eu dei uma risada. Ele começou a brincar com os filhos. Pedi que ficasssem quietos, porque estava com dor de cabeça. Que homem feio. Parece um boneco

(22) A autora não cita o nome da pessoa que a procurou. (A. D.)

(23) O livro a que se refere a autora foi escrito à guisa de resposta a "Quarto de Despejo". (A. D.)

de pau, o Pinocchio. Ele queria levar os meus filhos para dormir na sua casa. O José Carlos disse:

— Por que não nos convidou para dormir na sua casa quando moravamos na favela na época das enchéntes?

Pedi ao Lelé para ir-se embora, porque estou com dor de cabeça. Ele quer pintar a minha casa. Não aceitei porque ele fala demais. Ele pediu dinheiro para a condução. (...) Dei 25 cruzeiros ao Lelé, ele saiu. Fiz chá para dor de cabeça. Tomei banho e deitei.

19 de fevereiro Levantei as 6 horas. A Dona Olga já estava de pé. Fez o café. Eu fui comprar pão e carne para a Dona Olga fazer pasteis. Preparei os filhos para ir no cinema. A Dona Olga vai trabalhar para mim. Ela vai avisar os seus parentes. Estou cansada. Deitei no sofá escrevendo. Tomei banho e do tinha fome levantava e ia comer pasteis.

20 de fevereiro ... Chegou um senhor que veio do Norte. Disse-me que leu todas as reportagens que cita o meu nome. Chegou uma senhora e uns jovens. Eles vieram conhecer-me e convidaram-me para ir na Igreja Protestante. Prometi ir. O pernambucano disse ser inventor. E que inventou um remédio que cura todas as doenças. Mas não sabe explicar a invenção. As visitas despediram-se, preparei-me para ir na redação falar com o reporter. (...) Começou a chover. Que chuva! Quando chegamos na redação encontrei o reporter. Apresentei o pernambucano. Ele mostrou o papel que relata o seu invento. Parece que ele quer ser importante. E estas pessoas são cacetes. (...) Despedi dos jornalistas.

... Tentei pegar um taxi, não consegui. Fui pegar o ônibus, não consegui. O povo era demais. Os taxis não paravam e os motoristas iam importantes como se fossem semi-deuses. Vi a quantidade fabu-

losa de pessoas, desisti. Fiquei girando por ali. Ouvi uma propaganda do senhor Prestes Maia⁽²⁴⁾. Pensei: estes políticos não perdem tempo. Uma *perua* do senhor Emílio Carlos⁽²⁵⁾ dava carona aos passageiros que iam a Parada Inglesa.

Eu estava ao lado de um senhor bem vestido. Estava de terno branco. Estava falando sósinho. Passava o carro de propaganda do senhor Cantidio Sampaio⁽²⁶⁾, ele dizia:

— More, desgraçado! Você não vai melhorar a vida dos pobres de São Paulo. Você tem carro, desgraçado. Vem ver o povo sofrendo!

Passou o carro de propaganda do senhor Prestes Maia. Ele xingou:

— Você também é outro desgraçado. Fala só em urbanizar, urbanizar. E derruba as casas. O povo precisa é de condução.

Eu ouvia cada disparate! Compreendendo a angústia dos que precisam de transportes. E que choveu e o povo afilia-se depois da chuva. Quando o povo fica nervoso, tem que xingar alguém. E xinga os políticos. (...) O homem seguiu procurando condução. ... Passou um auto. Um alemão pegou o carro para levá-lo a Tucuruvi. Pedi-lhe que me conduzisse até a Rua Voluntários da Patria. Ele disse-me:

— Sobra lugares.

Entrou um sírio e ia apregoando:

— Tucuruvi, dois lugares.

E parava o carro. Na Avenida Tiradentes pegamos dois passageiros. Fiquei sentada perto de um oficial do Exército. Que homem detestável, antipático. Prevalecia-se e alisava-me as costas. Que suplicio. ... O trânsito congestionado. Ao nosso lado um casal bei-

⁽²⁴⁾ Candidato a Prefeito de São Paulo. (A. D.)
⁽²⁵⁾ Outro candidato a Prefeito. (A. D.)
⁽²⁶⁾ Mais um candidato a Prefeito. (A. D.)

javam dentro de um carro. Uma loura oxigenada fumava. Os homens que ia no meu carro dizia-me:

— Faz uma reportagem, Carolina, para o teu diário.

A mocinha que estava no carro normalizou-se. O oficial ia aborrecendo-me. O alemão não queria conversar, dizendo que gosta de falar pouco. Desceu para averiguar a causa do congestionamento. As horas iam passando. O sírio revoltou-se e começou a xingar o governo. O motorista disse:

— Os políticos não iam prever que a população de São Paulo duplicasse assim.

O sírio silenciou. Dei graças a Deus quando o carro zarrou-se.

Desci na Rua Voluntários da Patria. Comprei empadas e pasteis. Desci a rua procurando condução. Passou um taxi, fiz sinal. Ele parou. Pedi para levárm-me em casa.

— Ah, é no Imirim? Não vou.

— Leva-me, eu te pago o dobro.

Entrei no carro. O motorista ia queixando-se que estava com fome.

— Come qualquer coisa!

— Não gosto.

— Vocês motoristas tem que comer em qualquer local. Sem comer é que não pode ficar. A pressão baixa e fica com falta de ar.

— Parece que a senhora já passou fome, porque conhece todos esses detalhes.

— Eu era da favela. E os favelados lutam para comer.

— Ah! A senhora é a Carolina?

— Sou.

— Prazer em conhecê-te.

— Obrigada. Quando precisar de mim, estou as ordens. Quantos filhos o senhor tem?

— Treis. Para sustentar treis filhos atualmente, luta-se.

Quando cheguei em casa reanimei-me. O taximetro marcava 65 cruzeiros. Dei 150 cruzeiros. O motorista disse-me:

— A senhora tem palavra. Disse-me que dava o dobro e deu.

Os filhos estavam ouvindo rádio, alegres e des-
preocupados. O João quis saber:

— Por que demoraste tanto?

— E o trafejo.

— O senhor Fabio veio a pé. Coitado do senhor Fabio Paulino. Veio a pé do Mercado até aqui. A Dona Olga chegou dizendo que pediu carona na Rádio Patrulha.

21 de fevereiro Levantei as 6 horas. Preparei os filhos para ir a escola. Fui comprar pão. Quando cheguei vi a Dona Clíu, uma senhora que faz limpeza para mim. Cumprimentei-a e mandei ela entrar. Ela subiu e foi trocar-se. Saí e fui comprar as indumentárias da escola. Cadernos para os filhos. Comprei uniforme para a Vera. Quando passava nas ruas era indicada:

— Olha a Carolina!

Conversava com alguns.

... Fui trocar-me para ir visitar o Secretário da Educação. A Dona Olga preparou o almôço e saiu. (...) Os filhos voltaram da aula.

... Tomei o ônibus. Quando cheguei na cidade era treis e meia. Tomei um taxi e dirigi a Academia Paulista de Letras⁽²⁷⁾ relembrando o dia em que eu e o reporter fomos tirar fotografia e o porteiro nos expulsou. Galguei o oitavo andar. O poeta Eduardo de Oliveira estava aguardando-me em companhia de uns pretinhos. Conduziram-me para uma sala. Fiquei aguardando o momento de falar com o Secretário da Educação. Ele recebeu-nos amavelmente. E o Dr. Lu-

(27) A Academia Paulista de Letras está instalada no mesmo edi-

fício da Secretaria da Educação. (A. D.)

ciano Vasconcelos de Carvalho. Disse-nos que queria um outro tipo de ginásio. É um homem maravilhoso. Não tem orgulho. Ele nos deu café.

22 de fevereiro Levantei as 6 horas da manhã. Quando abri a porta vi a Dona Olga dormindo. Ela está trabalhando para mim. Chegou tarde da noite. Eu disse-lhe que não posso ficar com ela, porque ela sai todos os dias. Eu preciso de uma pessoa que olhe os meus filhos quando eu viajar.

... Os filhos foram a escola. Eu fui circular pela feira, olhando os preços astronómicos. Comprei umas fronhas, flores, peixes e legumes. (...) Escrevi um bilhete para o João levar ao reporter. Dei-lhe dinheiro para mandar fazer duas chaves. A chuva desprendeu-se quando o João estava na cidade.

O João retornou-se.
— O reporter está em Campinas. Foi entrevistar o Capitão Henrique Galvão.

O Capitão Henrique Galvão é o português super-homem que enfrenta e divulga as arbitrariedades de Oliveira Salazar — o Nero de Portugal.

Veio uma senhora pedir-me um auxílio. Percebi que foi no Serviço Social. Estava chorando. Percebi que ela não mentia, porque eu conheço o Serviço Social. O medico deu-lhe uma receita para engordar, aconselhando-a a comer carne, arroz e feijão.

26 de fevereiro ... Passei o dia limpando a casa. A Maria do Carmo veio convidar a Vera para ir no cinema. A tarde recebi visitas. Uma jovem por nome Aracy pediu-me para autografar um livro. Queria ver a Vera, achando bonito ela não gostar de andar descalça. Citou vários trechos do meu livro. (...) Chegou uns pretos para convidar-me para tomar parte na festa dos negros, em maio e setembro.

... O que eu achei interessante foi ouvir uma pretendinha. Ela dizia:

— Carolina, você pode pagar empregada. Aranha uma empregada branca, faz ela andar de touquinha, avental e esfregar o chão. Obriga ela a passar palha de ago com as mãos, levar o café na cama e te chamar de *Dona Carolina*. Faz com ela o que elas fazem conosco.

27 de fevereiro As 4 horas comecei a ler e depois fui escrever.

... Quando vou tomar café penso quando eu era da favela. De manhã eu ia pedir açucar as vizinhas e elas dizia: "Não tem". Os meus filhos ia na escola sem tomar café. Quando chove eu recordo a cena da favela: as crianças descalças transitando nas poças d'água.

Quando o dia surgiu despertei os filhos para ir a escola. Comprei pão e queijo. Os filhos ficaram contentes, dizendo:

— É bom ter o que comer.

... Recebi a visita de um jornalista acompanhado pelo senhor Waldemar Rocha, do Canal 9. O jornalista que veio entrevistar-me é do Paraná. É o senhor Jorge Barbosa Elias. Fez-me perguntas para o jornal "O Dia" do Paraná.

... Fui preparar-me para sair. (...) Tomei oônibus, fui na Televisão Record. Cheguei as 21 horas. Quando entrei na rádio vi o ilustre senhor Durval de Sousa na portaria. Encontrei o senhor Souza Francisco. Ele disse-me que eu fui a mais votada no programa "Telefone para o melhor". Eu ia receber o trofeu. O primeiro entrevistado foi o pai do Eder Jofre. Disse que o seu filho não pôde comparecer porque foi receber um trofeu na Academia de box.

Quando fui entrevistada citei ao locutor Jota Silvestre que pretendido estudar. Ele entregou-me uma estatueta com a inscrição *honra ao mérito*.

... Fizdo o programa, saí e fui procurar condução. Desci até o ponto. Entrei num bar a convite de

um pretinho que trabalha na Record. (...) Vi o pai do Eder Jofre entrar num carro. Entrei atrás, pedindo que conduzisse-me até o Ipirim. Ele permitiu. Voltamos conversando do Eder, que é bom elemento. O pai do Eder disse-me ser argentino casado no Brasil e sua profissão é ensinar luta de box. Foi lutador quando era jovem.

Na casa do Eder sua mãe recebeu-me alegre. Já somos conhecidas. Conhecemos no avião, quando eu retornava do Rio. A casa é um primor. Assim que eu desci do carro as crianças reconheceram-me e espararam-se. Foram avisar os pais que eu estava na residência do Eder Jofre. Fui ver as flores que adorram o quintal. A *dama da noite* estava desabrochada. É pena que uma flor tão bonita fenece logo. Circulei pela casa toda, olhando tudo e elogiando tudo.

A Dona Angelina Jofre deu-me doces. Que doce gostoso. O Eder não estava em casa. Fui visitar a residência da cunhada do senhor Aristides Jofre. Estava superlotada. (...) O Eder chegou exibindo o seu troféu, uma medalha de ouro. A casa do Eder é adornada com quadros de lutas e os trofeus representam lutas de box. Dá impressão que aqueles trofeus expostos pela casa é para estimular o Eder a lutar box.

Despedi do Eder, abraçando-o. O motorista conduziu-me até a minha casa. Os filhos ficaram contentes quando ouviram a minha voz.

1 de março Levantei as 4 horas para escrever. Que silêncio. Ouço apenas o cantar dos galos saudando o novo dia.

... O céu está belíssimo. As nuvens estão vagamente. Umas negras, outras côr de cinza e outras claras. Em todos os recantos existe a fusão das cores. Será que as nuvens brancas pensam que são superior as nuvens negras? Se as nuvens chegassem até a terra iam ficar horrorizadas com as divergências de classe. Aqui na terra é assim: o preto quando quer predominar é morto. Podemos citar Patrice Lumumba.

Creio que devo ficar contente em nascer no Brasil, onde não existe odios raciais. São os brancos que predominam. Mas são humanos e a lei é igual para todos. Se analisarmos os brancos mundiais, os brancos do Brasil são superiores.

Hoje eu estou alegre. O sol vai recluindo-se, a noite vem surgindo. Não está chovendo.

... As 9 e meia eles chegaram: Dona Edy Lima (28) e os componentes artísticos que vão representar a peça “Quarto de Despejo”. Recebi-os amavelmente. (...) Mostrei a casa aos ilustres visitantes. Cantei as composições que fiz. Eles apreciaram. Comeram salgadinhos que a Hilda preparou com todo carinho. O reporter disse-me que eu estava convidada para ir ao lançamento do jornal “O Ebano” — jornal dos pretos. Que eu devia ir ao Centro do Professorado Paulista felicitar os pretos. Concordei.

... Saimos de automóvel. (...) Quando chegamos no Centro do Professorado Paulista o povo já havia se retirado. O poeta negro Eduardo de Oliveira recebeu-nos amavelmente.

Quando cheguei em casa encontrei o João tomado banho. Disse-me que ficou duas horas recebendo a agua tepida na pele. Queimou o chuveiro.

3 de março ... Tem hora que aborreço, tem hora que agradeço esta transformação da minha vida. Há muitas maneiras de transformações na vida. Há os que eram ricos e ficam pobres e há os pobres que ficam ricos. Para mim, que fazia as refeições nas latas de lixo, devo agradecer a Deus esta transformação.

... O reporter disse-me que devo comparecer segunda-feira para passar a escritura da casa. (...) Fui ao Banco ver se o saldo dá para pagar a escritura da casa. No Banco elas perguntaram como é que vai o livro.

(28) Autora da adaptação teatral do livro “Quarto de Despejo”.
(A. D.)

— Vai indo bem.

Citei-lhes que dei o endereço do Banco para os editores estrangeiros enviar o dinheiro dos direitos autorais. Ficaram contentes. A funcionaria deu-me a quantia por escrito. Levei para o reporter, que recomendou-me para não tirar dinheiro do Banco sem consultá-lo. Levantei e saí sem despedir-me.

4 de março Levantei as 6 horas, com o João batendo na porta do meu quarto. Fui trocá-los para ir a aula. Eles dormiram de pijama.

... Tomei banho, aguardando a chegada da Ivete para irmos ao Teatro Bela Vista ver como vai indo o ensaio da peça "Quarto de Despejo". Deixei os filhos. A Vera foi a aula. Tomamos um taxi. Convidei uma senhora para ir conosco. Ela desceu na Avenida Tiradentes.

Quando chegamos ao Teatro perguntei ao porteiro se a Dona Edy Lima estava.

— Não. Mas a senhora pode entrar. Os artistas estão ensaiando.

A Dona Edy Lima chegou. Nós fomos ver o palco e a plateia. Fomos ver o local dos ensaios. O jovem que vai ser o galã da peça é bonito, alto e culto. Chegou uns jovens que vão tomar parte na peça. Tem uma mulata que vai ser a Fernanda. O diretor é um jovem. Nos levou ao bar para tomar café. Fui ver as fotografias da peça que estão expostas anunciando a estreia.

6 de março ... Preparei o João e fui levá-lo ao Grupo Escolar para falar com a professora. Ela disse que elle não acompanhava a classe na matemática. Elle fala na classe. Ele fica com complexo. Fui falar com o diretor. Aconselhou-me a transferi-lo para o terceiro ano. A professora disse-me que devo pagar uma professora sua amiga 700 cruzeiros por mês, para o

João estudar a tarde. Deu-me o endereço da professora de matemática.

E se uma mãe não pode pagar aulas extras para o filho?

... Dei 1.000 cruzeiros para pagar a professora particular para o João. Voltei para casa xingando. Eu estava furiosa. (...) Queixei para o reporter. Disse que ia levar o João na minha terra para ele estudar. O reporter ouvia-me em silêncio. Quando ele me vê, pergunta:

— Quais são as novidades?

Todos os dias tenho algo a queixar-me. O que admira no reporter é a paciencia que elle tem com os meus nervos excitados. Eu sou sotinha para trabalhar, cuidar da casa, dos filhos, estudar, escrever. Agora que estou mesclada com o povo fico observando os tipos de pessoas, classificando os seus caracteres. Há os tipos trapaceiros fantasiados de honestos. São os cínicos. Tem duas faces. Tipos que querem ser granfinhos sem ter condícões de vida definida. Sonham com o impossível, aludindo a cada instante: — "Se eu tivesse dinheiro..." Penso que elés devem dizer assim: — "Se eu tivesse coragem para trabalhar..."

Estou ficando nervosa com os aborrecimentos diários. Tem dia que não escrevo por falta de tempo. (...) O que sei dizer é que a minha vida está muito desorganizada.

Estou lutando para ageitar-me dentro da casa de alvenaria. E não consigo. Minhas impressões na casa de alvenaria variam. Tem dia que estou no céu, tem dia que estou no inferno, tem dia que penso ser a Gata Borralheira.

9 de março Levantei as 4 horas. Li um pouquinho. Estou lendo "Os Sertões" de Euclides da Cunha. Quando o dia despontou fui preparar os filhos para ir a aula. O João está reinando. Não quer ir

para o terceiro ano. O José Carlos não faz confusão.

Não quer perder a aula. Diz que quer ser medico. Passei o dia cuidando da casa. Convidei a Hilda se quer acompanhar-me até a Televisão. Preparei as roupas que a artista Ruth de Souza vai usar na peça “Quarto de Despejo”. Saimos de casa as 19 horas. Quando chegamos na Televisão Cultura as mulheres que iam participar do programa já estava sentadas.⁽²⁹⁾ Perguntei pelas esposas dos candidatos. Quem estava presente era só a esposa do Dr. Farabulini Junior. (...) A Dona Suzana Rodrigues criticou as esposas dos candidatos que não compareceram.

Fim do programa, ganhei uma corbelha de flores. A sogra do senhor Farabulini convidou-me para ir a sua casa. Convidei o reporter. Ele recusou, dizendo que ia fazer uma reportagem. Eu e a Hilda fomos. Chegamos rapidamente. Que casa! É um verdadeiro palacio. A Hilda disse:

— Carolina, quando você morava na favela você não entrava aqui. Era da porta pra fora. Eu estava exausta. Já estou saturada desses convites faustosos.

10 de março ... Pensei nas reviravoltas da minha vida depois do lançamento do livro. A fama espalhou-se que estou rica. E adeus, tranquilidade. Todos desejam ser ricos.

Encontrei o Dr. Lélio e o Paulo Dantas na Livraria e queixei-lhe que não suporto a cidade. Que o povo quer dinheiro e eu não tenho. Uns quer 1 milhão, oitocentos mil cruzeiros, quatrocentos mil cruzeiros. Já cansei de ouvir a palavra *dinheiro*.

11 de março Levantei triste. O João está rei- nando na escola. Não quer ir para o terceiro ano. Contratei a Dona Thelma para ensiná-lo matemática.

(29) Programa de debates de donas de casa com as esposas dos candidatos a Prefeito de São Paulo. (A. D.)

... Troquei-me e fui para a cidade. O reporter não estava. Fui ao Banco retirar 20.000 cruzeiros. (...) Cansei de esperar o reporter. Quando eu ia saindo ele entrou. Ele acompanhou-me até a Rua Barão de Itapetininga. Encontramos um pretinho por nome Osvaldo. Disse ser o redator do jornal “O Ebano”. Pediu ao reporter se deixava eu ir até o jornal. O reporter disse-lhe que sou livre.

Acompanhei o Osvaldo até o edifício onde está localizado o jornal. O Osvaldo estava nervoso. Um senhor telefonou cobrando uma dívida de 1.500 cruzeiros. Eles não tinham o dinheiro e o credor ia enviar a letra ao protesto. Eu dei 2.000 cruzeiros.

... Fomos tomar café. Eu comprei sanduíches para nós. 6 sanduíches a 50 cruzeiros. Pensei: já gastei 2.300 cruzeiros. Em todo núcleo que mesclou tenho que gastar. E eu não tenho ninguém para auxiliar-me a ganhar. Tenho o reporter. Ele é metódico. Não aceita o meu dinheiro. Eu quis dar-lhe os meus livros para ele editá-los a meia, ele não quis. Agora que tenho dinheiro sou procurada igual um personagem em destaque. Transformei-me em abelha rainha de uma colmeia que não quer mel, quer dinheiro.

... Quando cheguei em casa, que confusão. Loucas sujas, o assalto imundo, as camas desfeitas, os filhos sujos. Deitei, pensando: não foi assim que idealizei a minha vida na casa de alvenaria.

12 de março ... Ergui os olhos para o céu. Se eu tivesse asas eu levaria os meus filhos um de cada vez para lá e não mais voltaria a terra.

13 de março Levantei as 5 horas, preparei o café para os filhos. Eles trocaram-se e foram a escola. Eu estou triste.

Resolvi limpar a casa. Ensaboei as roupas, lavei o jardim. Ia preparar o almoço quando o Osvaldo do jornal “O Ebano” chegou convidando-me para sair.

Fiquei alucinada. Meu Deus! eu tenho filhos, preciso fazer comida para êles. O meu contrato é com a Livraria Francisco Alves e o Dr. Lelio não aborrece-me.

Ele dizia que a raça precisa se unir. Quem está bem deve auxiliar os outros. Disse-me que ia levarmo na Radio Record, no Clube dos Artistas. Que havia prometido. Troquei-me e fui. Saí contra a vontade. Dá impressão que sou uma fôlha ao sabor das ondas.

... Quando chegamos na Record fomos para o restaurante. Sentei na mesa que estavam os artistas. Citei-lhes que estou com medo de escrever o *diário* da vida atual. O reporter diz que não devo temer.

— Por que é que o reporter não escreve? — sugeriu um jovem que não conheço.

... Anniciaram o nosso programa. Eu fui para o palco. Sentamos nas mesinhas. O Osvaldo disse que ia lançar-me como cantora. Fez uma apresentação do jornal “O Ebanio”. Cantei. Pensando na confusão de minha vida. Hoje estou cantando. E amanhã?

15 de março ... Todos os dias os aborrecimentos vem visitar-me. O Osvaldo veio procurar-me, dizendo-me que eu devo vender o meu nome para o sábado A. para propaganda e com o lucro da venda ele manda imprimir o jornal. Disse-me que o Pelé vai ceder o seu nome para qualquer produto que queira usá-lo como propaganda. Que a raça precisa unir-se.

... Ele convenceu-me a colaborar no jornal. Fomos procurar o dono do sábado A.. Não encontramos. Ele havia saído. O escritorio é na cidade, a fabrica é em Guarulhos... Combinamos voltar amanhã. Fomos na agencia do senhor Iram. Conversamos sobre o jornal “O Ebanio”. Ele pretende divulgar historias em quadrinhos. O Osvaldo disse-lhe que eu posso escrever-lhe historias para o jornal. Disse-lhe que te-

nho uma historia interessante. O titulo é “Onde estás Felicidade?” (...) O Osvaldo disse-lhe que vai levar-me em Santos para fotografar-me com o Pelé. Pediu ao senhor Iram se podia nos conduzir no seu carro. Ele concordou. Respirei aliviada quando despedimos.

16 de março ... O Osvaldo veio procurar-me para eu ir assinar o contrato com o sábado A.. (...) Seguimos para a cidade. O Osvaldo ia queixando-se das dificuldades que vem encontrando para divulgar o jornal, aludindo o prego do papel. O senhor Iram prometeu auxiliá-lo. Ele está superlotado de ilusões. Há certos empreendimentos que são necessário dinheiro, capital.

Fomos ao escritorio do sábado A.. O dono nos recebeu. Depois de uma lenga-lenga desnecessaria entraram num acordo. Achei graca quando o português que discutia o negocio com o Osvaldo, disse-lhe:

— Se estás com pressa, a porta é aquela.

O Osvaldo exaltou-se. Percebi que ele não está pratico nos negócios. (...) O Osvaldo alterou-se com o português e por fim chegaram a um acordo. Deixa-ram a assinatura para o outro dia. Saimos do escritorio e fomos para o jornal “O Ebanio”. O predio estava fechado. Fomos para a Casa da Imprensa. Tem que pagar 60 mil cruzeiros para o jornal rodar.

17 de março ... O Osvaldo chegou de carro. Disse-me que veio buscar-me para ir a Santos, que vai fotografar-me com o Pelé. Eu estava com sono. (...) Passamos na cidade, no escritorio do jornal “O Ebano”. O Osvaldo disse-me que nós tínhamos que estamos em São Paulo as 5 horas da tarde para assinar o contrato com o sábado A.. (...) Seguimos até a Avenda Brigadeiro Luiz Antonio, ver se o senhor Iram ia a Santos. Não estava. Seguimos. O tempo estava ameaçando chuva.

... Respirei aliviada quando chegamos em Santos. Dirigimos a casa do Pelé. Ele não estava. (...) Fomos no campo de *foot-bol* procurar o Pelé. Encontramos o Coutinho. Conduziu-nos até a residência do Pelé, para ver se ele estava dormindo. Não estava. Não podíamos esperar o Pelé. O Osvaldo mandou-nos fotografar entregando o "Quarto de Despejo" ao Coutinho. Autografei outro para o Pelé. (...) Despedi-mos dos jogadores e voltamos para São Paulo. Quando chegamos fomos para a redação do jornal "O Ebano". Dei dinheiro ao Osvaldo para comprar gasolina.

Esperamos o dono da agencia para fazer o contrato com o sabão A. Ficamos esperando. O Osvaldo estava nervoso. Eu disse-lhe para acalmar-se. (...) Fomos até a Avenida São João procurar um taxi. Não encontramos. Resolvemos irmos a pé até a Rua Frederico Abranches. Eu assinei o contrato em três vias. Uma para a firma, outra para a agencia e outra para mim. O contrato diz que eu devo ceder o meu nome para o sabão A. por um ano, para propaganda nos jornais e televisão. O prego de 94.000 cruzeiros. 60.000 cruzeiros para o Osvaldo, para o jornal "O Ebano" e 34.000 cruzeiros para o dono da agencia.

O Osvaldo disse-me que vai vender-me para outros produtos.

Com aquela confusão de *vender a Carolina*, eu fiquei pensando: quando eu estava na favela não valia zero. Agora tenho valor...

18 de março ... O Osvaldo disse-me que o jornal vai circular segunda-feira e convidou-me para ir ao Horto Florestal comprimentar o senhor Carvalho Pinto, o atual governador de São Paulo. (...) Troquei-me e dirigimos para o Horto Florestal. Na festa do senhor Carvalho Pinto havia fartura. Sanduiches e refrigerantes para o povo. (...) Pedi permissão para subir no palanque. O Osvaldo não quis subir por estar sem palitô. Vi o reporter e o Torok no palan-

que (...) O reporter sorriu e aproximou-se. Baixei o olhar. Hoje eu estou de mal com ele. Sem motivo. Ele continua auxiliando-me em tudo. Interessando-se pelos meus negócios. Graças a Deus a minha vida melhorou por intermedio deste homem notável. Ele tolera os meus caprichos com paciencia de Jó. Tem dia que sou insolente com ele. Não é minha culpa. (...) Mas voltemos a festa do governador. Estavam presentes varios politicos. Circulei pelo parque, olhando as pessoas com trajes tipicos que foram homenagear o governador. Os descendentes de russos estavam com trajes tipicos. E os portugueses e japoneses. Estava uma festa semi-carnavalesca. O povo acompanhava-me pedindo autografos.

Achei interessante um grupo fantasiado de indios. Tinha português, pretos e mulatos. Sorri achando graça nas fusões das raças com trajes de indios. Saimos do Horto Florestal.

19 de março Domingo. Passei o dia limpando a casa. Não recebi visitas. Estou reanimando-me. Os filhos foram ao cinema.

21 de março Recebi a visita do Osvaldo do jornal "O Ebano". Disse-me que o dono do sabão A. anulou o contrato. Ele vai processá-lo. Quer que eu assine procuração para o processo. Eu disse-lhe que o reporter não permite que eu faça propaganda de produtos.

Ele insiste que eu devo auxiliar a raça.

Estou confusa. Não tenho ideias para escrever.

24 de março A Dona Didi está trabalhando para mim. Quer ganhar 7.000 cruzeiros por mês. (...) Mandei confeccionar um vestido para eu ir a Curitiba.

25 de março Levantei as 6 horas. Hoje não tem aulas. Estão preparando os grupos escolares para as eleições amanhã. Fui conversar com a Dona Elza

Reis. Ela disse-me que a Vera disse-lhe que o José Carlos está tirando brinquedos na feira. Fiquei nervosa. Calcei os sapatos e fui a cidade falar com o reporter, para arranjar um colegio para o José Carlos. O reporter disse que vai interná-lo em junho. Disse-me que havia depositado o dinheiro que veio da Holanda⁽³⁰⁾. Entregou-me o recibo do Banco.

... Hoje ninguem aborreceu-me pedindo-me dinheiro emprestado. Vou dormir. Preciso dormir muito.

26 de março Levantei-me de manhã. A Dona Didi não vem trabalhar. Vai votar. Lavei as roupas, limpei a casa e preparei a refeição para os filhos. Eles foram ao cinema. Estou cansada, mas vou votar. Saí com a Vera. Começou a chover. As ruas estavam alagadas. Andavamos na agua. Encontrei pessoas da favela, crianças maltrapilhas. O Clovis e o Onofre, olhando-me com curiosidade perguntava-me:

— Dona Carolina, cadê o João? E o José Carlos?

27 de março Fui a cidade. Vou sair com o reporter e a Ruth de Souza. Vamos na favela. A Ruth quer identificar os tipos para representar no palco. Fomos na residencia da Ruth. Ela foi preparar-se para sairmos. Achei interessante quando a Ruth pegou o saco de catar papel e entrou no automovel. Eu disse-lhe:

— Se catar papel fosse assim, dentro do automovel ouvindo radio, a vida seria um paraíso. Eu ia revendo os recantos que percorria. Quando chegamos na favela fiquei com dó dos infastos que habitam aquele antro degradante. Descemos do automovel e percorremos a favela. As crianças reconheceu-me de longe:

— Olha a Carolina!

⁽³⁰⁾ Pagamento dos direitos autorais da edição holandesa de "Quarto de Despejo", lançada pela Editora Van Loghum Sijthoff (A. D.)

Os favelados iam saindo dos barracos, descalços e sujos. A Ruth foi fotografada perto da torneira com uma lata d'água na cabeça. Ela não sentiu emoção. Eu senti. Olhando aquele fio d'água e a quantidade de habitantes. Que luta para encher uma lata!

Fui rever o meu barracão. Encontrei a Dona Alice triste. Ela é costureira. Não costura por não ter máquina. O Seu Chico estava deitado. A cama estava suja. Não por desleixo, mas por falta de sabão. Seguimos contemplando a favela. A chaga de São Paulo.

29 de março ... No meu jardim tem uma roseira. As crianças colhem as rosas para brincar. Não revoltó porque nascem outras flores.

31 de março Hoje é sexta-feira Santa. Não comrei peixe. Está caríssimo.

1 de abril Os filhos estão percorrendo as ruas com os moleques que vão queimar o Judas. Eles dizem que o Judas é o Janio Quadros. Estou horroizada ouvindo as crianças gritando pelas ruas:

— Vamos queimar o Janio!

— O pão já subiu. Vamos queimar o Janio!

Fico pensando: faz três meses que elegeram o senhor Quadros.

5 de abril ... A Dona A. pediu-me 20.000 cruzeiros emprestado. Eu disse-lhe para ir falar com o reporter. (...) Fui na cidade. Encontrei uma senhora que reconheceu-me. Disse-me que me viu na televisão do Rio e queria um livro autografado. Convidei-a para irmos até a redação. O reporter estava na redação. Apresentei-lhe a senhora e disse-lhe que devia dar-lhe um livro. O reporter reclamou, dizendo que gasto muito dinheiro. Comecei a xingá-lo mentalmente — cachorro! pão-duro!

... Saí com a senhora. Fui levá-la na Rua Barão de Itapetininga. Ela ia encontrar-se com o seu esposo. Eu ia reclamando, porque já estava cansada das observações do reporter. A mulher dizia:

— Você está ganhando rios de dinheiro, tem que gastar porque a vida está cara.

O seu espôs chegou. Ela mostrou-lhe o livro com a dedicatória. Contou as repreensões do reporter:

— Deus me livre de ser esposa de um homem igual a ele.

O seu espôs comentou:

— Coitada. É uma favelada inciente, sem pra-tica. Não tem quem a oriente.

Fiquei ouvindo sem comentar, porque ela não conhecê a atuação do reporter na minha vida. Ele é um para-choque contra os espertalhões. Despedi do casal e fui ao Banco retirar dinheiro.

6 de abril Levantei as 5 horas. Preparei as roupas dos filhos, porque eu vou viajar para Curitiba. Deixei as camisas passadas para eles não perder aulas. Quando a Dona Didi chegou eu havia lavado as roupas e o jardim. Fui na redação ver que horas vamos sair de São Paulo.

7 de abril Levantei as 6 horas. Preparei os filhos para ir a aula. Troquei-me e fui ao vizinho que é motorista para levar-me. (...) Quando chegamos no aeroporto os carregadores abraçaram-me, dizendo:

— Chegou a nossa namorada.

Carregaram a minha mala. Eu e o reporter entrarmos no saguão do aeroporto. Encontramos o senhor Murilo Antunes Alves e sua esposa. Iam para Brasília. Ele vai ser o chefe do ceremonial do senhor Janio Quadros.

... Quando entramos no avião pensei nos meus filhos. Será que a Dona Didi vai olhá-los como se deve? Chegamos em Curitiba às 11 horas. Que beleza

os pinheiros! Estava nos aguardando o reporter Jorge Barbosa Elias. É descendente de sírios, mas o seu afeto é para os problemas do Brasil. Fizemos uma saudação pela Radio Guayracá. (...) Dirigimos para o Lord Hotel. Troquei-me e fui percorrer as estações de radio. O povo olhava o reporter com admiração, achando que ele é muito jovem.

... Almoçamos no Restaurante do Galeto. Eu, o reporter, o Jorge e seu pai, senhor Chafic Elias. Que homem agradável. O radio estava anunciando a nossa visita:

— Acaba de chegar a Curitiba Carolina Maria de Jesus e o seu descorridor. As 5 da tarde fui autografar na Livraria do Povo. (...) Na livraria estava presente o reporter da revista “O Cruzeiro” Ivar Feijó. (...) Na Radio Cultura formamos uma mesa redonda. As perguntas variavam de favelados a políticos. O senhor Vitor de Lara perguntou:

— Por que a senhora não casou-se?

Prometi responder-lhe no meu próximo livro, que é “Casa de Alvenaria”. Senhor Vitor de Lara, de Curitiba, Estado do Paraná, ai vai a minha resposta:

Quando fui jovem tive os sonhos dos jovens. Mas os homens que pediram-me em casamento deixaram-me decepcionada. Uns queriam que eu roubasse, outros queria que eu comercializasse o meu corpo. Os que pediu-me em casamento não serviam. (...) Eu ficava horrorizada com as propostas e fui ficando solinha. Mas a mulher, com o decorrer do tempo acaba iludindo-se com os homens.

O senhor Vitor de Lara referiu-se aos meus filhos dizendo que elas são bastardos. Mas são felizes. Juto por elas, não deixando-os abandonados. Tem crianças legalizadas que invejam os meus filhos, porque tem pais ebrios que transformam a casa num inferno. Tem mulher que internam os filhos nas instituições filantrópicas porque não

quer lutar por elas. Os meus filhos não sentem a falta de um pai. Eu luto por elas.

... Jantamos na residência do jornalista Ivar Feijó. A esposa do senhor Ivar Feijó é caprichosa. Ela deu-me mudas de flores. Fomos na Televisão Canal 12. Os telespectadores faziam perguntas pelo telefone.

8 de abril Despertei as 5 horas. Levantei, abri a janela. Fitei o céu do Paraná e o meu olhar girou pela cidade côn de cinza. Tomei banho. Troquei roupas e desci para tomar café. (...) Pedi ao gerente para retirar a minha mala do quarto. Eu estava disposta. Fomos na Televisão Paranaense. Fiquei conhecendo o diretor, senhor Nagib Chedi. Estava presente o radialista Helcio José. (...) Despedimos dos funcionários e dirigimos para o aeroporto. Eu e o Jorge fomos sentados atrás. O Helcio José ia guiando o carro. É um reporter poliglota. Conhece os continentais.

Quando chegamos no aeroporto fiquei preocupada quando vi o avião com seu bojo tipo pato. Pensei nos filhos e pedi a Deus para auxiliar-me na viagem. Despedimos do Jorge e do Helcio José e dirigimos para o avião. Antes de penetrar circulei o olhar ao redor contemplando as paisagens magestosas do Paraná. É lindo o verde do Paraná. O pinheiro sobre-saindo entre as outras árvores, garbosos igual um ator principal. . . .

Sentamos e apertamos o cinto. A aero-môga nos saudou desejando boa viagem. Eu estava sentada ao lado do reporter. O avião partiu na pista, mas o motor falhava. Fiquei assustada quando o comandante pediu-nos que desembarcasse e aguardasse nova chamada. Vi passageiros saindo as pressas do avião. Quando saí contepliei o espaço e respirei aliviada. Fomos para o hangar.

Os passageiros estavam inquietos, reclamando:

— Se eu soubesse viajava de onibus.

O reporter percorria o aeroporto, conversando com o Helcio José. Sentei, pensando nos filhos e nas horas que iam passando. Mas agradecia a intercessão de Deus impedindo a ascensão do avião, já que estava defeituoso. Deus devia estar protegendo o reporter, porque ele é o melhor de todos que iam embarcar.

Achei graça quando um casal em lua de mel renunciou a viagem. Pensei: eles estão progetando tantas coisas. São jovens.

Respirei alegre quando ouvi a ordem de embarque. Vários passageiros transferiram a viagem para o último voo da tarde. Estava presente um radialista quarentão, agradável. Quando dirigimos para o avião, convidei-o:

— Vamos...

— Eu vou a tarde.

— Medroso!

Ele sorriu. Seguimos. A metade dos passageiros. O meu coração parecia o sol quando está no eclipse. Oscilava dentro do peito. Circulei o olhar enviando o meu adeus aos pinheiros do Paraná. O céu estava nublado. Deve ser belo o Paraná quando o sol está descoberto.

Entramos no avião. Fiquei gelada, olhando o relógio do reporter. Pensava: meus Deus do céu. Antes eu estivesse na favela.

Vinte minutos dentro de um avião, para mim, parece vinte séculos (...) Pousava o sol no relogio do reporter. Comecei a pensar: meu Deus, se o avião cair o reporter morre. Depois pensei: meu Deus, se o reporter morrer, hei de morrer também, porque estou ao seu lado.

Estava apavorada e dizia ao reporter:

— Eu vim neste avião para provar aos outros passageiros que sou corajosa.

Ele sorriu, dizendo:

— Este capricho está te custando caro. Se eu soubesse transferia a tua vinda.
Acalmou-me, dizendo que o comandante não ia partir num avião defeituoso.

— Ele voou treis vezes testando o motor.

Respirei aliviada.
Quando li — *apertar o cinto* — sorri semi-satisfeita. Mas estava impaciente para pisar na terra. Foi com prazer que fizeti o céu de São Paulo. O céu garenroto. O céu que eu adoro, porque foi debaixo d'este céu que sofri, lutei e venci.

No aeroporto vi os funcionários aereos que conhecem-me. Sorriam. O meu coração estava acalmado. No dia seguinte fui para o cinema ver um filme que eu adorava. Fui com a Dona Didi para eu comprar moedas de luxo, geladeira. Diz:

— Se fosse eu...

Fui comprar o jornal. Li o dialogo do Eichman, o carrasco nazista. Penso. Os homens estão castigando os monstros da guerra passada, mas estão preparando outra guerra. Os que querem fazer guerra são insensatos.

9 de abril Hoje é domingo. A Dona Didi veio trabalhar. Ela é vaidosa. Diz para eu comprar moedas de luxo, geladeira. Diz:

— Se fosse eu...

Fui comprar o jornal. Li o dialogo do Eichman, o carrasco nazista. Pensei. Os homens estão castigando os monstros da guerra passada, mas estão preparando outra guerra. Os que querem fazer guerra são insensatos.

10 de abril As crianças foram a aula. Troquei as camas e fui lavar as roupas. A casa está alegre. A Dona Didi chegou. Eu disse-lhe que ela não havia feito um almoço bem feito:

— A senhora não quis sal na carne.

— Ah, eu vou-me embora. Não aguento desaforo. E foi.

... Eu fui para a cidade. Fomos a Livraria (...)

Falei com a Dona Adelia. Ela repreendeu-me:

— Nós soubemos que a senhora anda emprestando dinheiro. Não faça isto. A senhora deu seis mil cruzeiros para uma senhora. Quando a senhora estava na favela ninguém te dava nada. Tem uma sua

vizinha que vem nos contar tudo que se passa com a senhora.

Não fiquei revoltada. Já estou habituada com as confusões em torno da minha vida. Saí da Livraria pensando: quem será que vai contar os meus atos na Livraria? Ningnem tem nada com a minha vida. Eu vou dar seis mil cruzeiros a Dona E., uma preta. Ela é casada. Tem 8 filhos e o espôso... é daquele geito.

12 de abril ... A Dona A. veio visitar-me. Pe- diu-me vinte mil cruzeiros emprestado. Que visita!

Disse-me que precisa pagar uma duplicata vencida. Depois de ouvi-la disse-lhe que fosse falar com o reporter. Ela prometeu pagar-me trabalhando para mim. (...) Fui na cidade. O reporter reclamou que gasto muito dinheiro. Fiquei descontente.

13 de abril ... A Dona A. veio trabalhar. Fo- mos na redação. Eu estava alegre e disse ao reporter que ia retirar os vinte mil cruzeiros para a Dona A. Ele preencheu o cheque para mim. Eu disse:

— Agora eu tenho uma empregada branca. Fomos retirar o dinheiro do Banco. A Dona A. voltou do Banco alegre (...) Seguimos para o Teatro Bela Vista. Fomos de bonde. Desemos no Teatro. Elas estavam ensaiando. Fui bem recebida pelo ensaidor Amir Hadad. Combinamos que eu devia voltar a noite com os meus filhos para vermos o ensaio da peça “Quarto de Despejo”.

Quando cheguei em casa, os filhos estavam brincando. Disse-lhes que se trocassem para irmos ao Teatro. (...) Quando chegamos no teatro encontramos os reporteres. No palco, os artistas circulavam. Meus filhos identificavam as cenas. O João disse-me:

— Tenho pavor de recordar esta quadra da nossa vida.

Saimos antes de terminar os ensaios.

14 de abril ... A Dona A. veio trabalhar. Ela sai as 2 horas, deixa o jantar pronto. Ela ia na cidade pagar dívidas. Dei-lhe um bilhete para levar ao reporter. (...) Ele devia comparecer as 18 horas na minha casa para acompanhar-me até o Colegio Otávio Mendes.

... As 19 horas o pai da Norma e uma estudante vieram me buscar para visitar o colegio. (...) Quando chegamos ao colegio os estudantes estavam enculando pelas classes. Conduziram-me ao salão nobre. Subimos ao palco. Sentei no centro, pensando na minha vida que transformou-se. Uma estudante belissima apresentou-me, citando que havia convidado-me para visitar o colegio. Saudou-me o estudante Edgard, o Professor Horacio de Carvalho, Wilson Pereira Borges e Benedito Vieira da Costa.

Quando deram-me a palavra citei-lhes que gosto de livros. Tenho só dois anos de grupo escolar. Desde o dia que aprendi a ler leio todos os dias. Não pressegui nos estudos por ser pobre. Disse-lhes que estou ganhando mais de quinhentos mil cruzeiros por ano. Com os meus dois anos de grupo escolar estou vencendo na vida.

... Eu estava alegre naquele nucleo. Olhando os jovens, pensei: se os homens que predominam organizam outra guerra... vão destruir os sonhos destes jovens.

15 de abril ... A Vera foi a aula. Ela já sabe ler. Diz:
— Eu quero aprender bem depressa, para ler o “Quarto de Despejo”.

17 de abril ... A Dona A. veio trabalhar. Saí com os pedreiros, que vão trabalhar para mim. Fomos na redação. O reporter preencheu o cheque de 25.000 cruzeiros. Dei vinte aos pedreiros, fiquei com cinco mil cruzeiros. O reporter disse-me para ter emidado

com o dinheiro e com os amigos que apareceram depois que a minha vida transformou-se. Aconselhou-me a não dar presentes. Fui ao Banco, retirei o dinheiro e entreguei aos pedreiros. Eles prometeram iniciar os trabalhos amanhã.

Voltei para a redação. Fui com o reporter no Cambio, (31) descontar o dinheiro que veio da França, da Livraria Stock. Os direitos autorais do meu livro. Fiquei comovida pensando na ascensão da minha vida. Quando chegamos no Cambio, fomos recebidos com deferencia especial. Os funcionários nos ofereceu café. (...) Deixamos o Cambio e fomos almoçar. Como é facil comida atualmente. Eu, que lutava tanto para conseguir o que comer. (...) Fimdo o almoço fomos para o Canal 5. Encontramos os artistas que vão tomar parte na peça “Quarto de Despejo”. Estava presente a Ruth de Souza, Celia Biar e outros. No programa de televisão foi citado que a peça vai estrear no dia 27 de abril.

18 de abril Os filhos foram a escola. Os pintores chegaram. Vão cobrar 39 mil e duzentos cruzeiros. **20 de abril** Passei o dia em casa. Vou desocupar os armarios embutidos para reformá-los. Recebi a visita de uma jovem de Jaú. Deu-me um broche para recordação.

Com a divulgação do meu livro recebo varias pessoas. Transformei-me em atração turistica.

21 de abril Os pintores vieram tirarbalhar. A Dona Luiça Fiori veio visitar-me e conhecer a minha casa. Mostrei-lhe os meus vestidos, cantei-lhe as minhas composições. Ela fez café. Admirou a casa, mas disse que está incompleta. Falta copa, garagem...quarto de criada.

(31) A autora refere-se à Carteira de Cambio de um estabelecimento bancário. (A. D.)

23 de abril Hoje é domingo. A Dona A. veio trabalhar. Fez o almoço e foi-se embora preparar o almoço para o esposo e os filhos. Ela é triste. Tem uma grande magoa. O seu sonho era ser rica, mas não enriqueceu. Por isso é amargurada.

Juro, eu nunca comprehendo o ente humano. É o pior enigma para mim. Se uma pessoa é pobre, quer ser rico. Se está doente quer ter saude, se é gordo quer emagrecer. Se é magro quer engordar, se é solteiro quer casar-se. Há os que depois que casam... arrepende-se. Os que são altos demais ou baixos demais, tem complexos. Eu conheci uma preta. A Nair. Tinha desgosto de ser preta. Não ia aos bailes de pretos.

Que confusão! Ah, eu estava falando da Dona A.. Ela casou-se, tem quatro filhos. O esposo fala que não gosta de viver ao seu lado. Ái vai a minha frassíssima opinião na vida conjugal:

Sou suspeita para falar no matrimonio, porque eu não me casei com ninguém. Tem mulher que luta para casar. Agrada o homem com frases aveludadas. Se o noivo não quer vestido curto, ela usa vestido comprido. Se não quer pintura ela deixa de usar pintura. Enfim, a vontade do homem prevalece. Depois de casados é a outra face do disco. Ela passa a usar pintura e encurta o vestido porque está na moda vestido curto. Sai de casa sem avisar o esposo. Não quer filhos porque dá trabalho. O que sei dizer é que as confusões de um lar as vezes começa com as mulheres. Acho lindo um casal que festaja as bodas de prata.

25 de abril Passei o dia em casa. Os pintores estavão trabalhando. Lavei roupa e passei. O dia que fico em casa fico contente.

26 de abril Fui contratar os carpinteiros para consertar os armarios. A tarde fui a cidade para ver se retirava dinheiro do Banco. Estava fechado. Voltei

para casa. O reporter está viajando para a Argentinha.

27 de abril ... A Dona A. chegou. Entreguei-lhe a direção da casa. Fui a redação pedir um cheque de 40.000 cruzeiros para concluir o serviço da casa. Eu estava nervosa, pensando: o reporter vai dizer que eu estou imitando Maria Antonieta. Mas eu quero a casa bem bonita. Comego a gostar da minha casa de alvenaria. E a concretização de um longo sonho. E o sonho dos favelados é uma casa de alvenaria. Olhei os jornais. Já estão anunciando a estreia da peça "Quarto de Despejo". Voltei a redação. Encotrei o senhor Mário Camarinha, diretor do Bureau do "O Cruzeiro" em São Paulo. Ele abraçou-me sorrindo. Pedi para levar o livro de cheques e guardar na gaveta do reporter.

Cheguei em casa dei 15.000 cruzeiros aos pedreiros para comprar o material. Fui falar com o senhor Abel para consertar os armarios. Passei o resto do dia escrevendo. Pedi a Dona A. para vir dormir com os meus filhos.

Vou sair a noite. Vou ver a estreia da peça "Quarto de Despejo".
... O Teatro Bela Vista estava superlotado. Pessoas de destaque, porque o espetáculo é benéfico. Os paulistanos bem vestidos circulavam pelo teatro. (...) Quando iniciou o espetáculo eu subi no palco para sortear uns premios. Fui aplaudida. O espetáculo agradou. A cena mais comovente foi a briga com o cigano e o porco que saiu do chiqueiro e ficou circulando pelo palco. Ouvi uma voz humorística:
— Este porco é ator.

Findoo espetáculo estava triste com a ausência do reporter.
— Este porco é ator.

28 de abril A Dona A. preparou os filhos para ir a aula. Os pintores chegaram e foram comprar

tinta para concluir a pintura. Vou reformar o quinaltar. Vou comprar calhas para a casa.

29 de abril Levantei de manhã. Os pedreiros foram chegando, um a um. Fui a feira, comprei frutas para os filhos e verduras. (...) Chegou visitas. Desei para ver quem havia chegado. Era a Dona Jurema Finamour e a esposa do escritor Jorge Amado. Fiquei alegre quando vi a Dona Jurema Finamour. Recordei os bons dias que passei ao seu lado lá no Rio, no Festival do Livro. Mostrei-lhe a casa. Apresentei a Dona A.:

— Esta senhora trabalha para mim.

Mostrei os meus vestidos. A esposa do senhor Jorge Amado fotografou-me. (...) Cantei minhas composições. Elas gostaram. Combinamos um encontro no Claridge Hotel, na Avenida 9 de Julho. Quando chegamos no Claridge Hotel telefonei para o apartamento 47. Atendeu-me o esposo de Dona Jurema Finamour. Pediu-me para esperá-lo. Fiquei girando pela sala. Já estava aprendendo a andar de sapatos de salto. O senhor Lebret surgiu. Sentamos. Disse-me que a Dona Jurema estava ausente e o Jorge Amado estava preparando-se para vir ver-me. Fiquei nervosa. Ia falar com Jorge Amado! Pensei: seja o que Deus quiser.

O Jorge Amado surgiu. Levantei-me e fui cumprimentá-lo. Abracei-lhe. (...) Ele é agradável no falar. Deu-me um livro de sua autoria — “Os Velhos Marinheiros”.

— Que bom! — exclamei alegre.

Acariciei o livro com carinho. Ergui o olhar e vi os olhos do Jorge Amado observando minhas expressões. (...) A esposa do senhor Jorge Amado chegou. Cumprimentei-a. Ficou olhando o meu vestido. A Dona Jurema Finamour entrou. Olhou-me e sorriu. Olhando o meu vestido, disse:

— Que chique!

... Saimos. Confabulando onde íamos jantar. Decidiram ir numa cantina na Rua Santo Antonio. Quando chegamos na cantina eu era alvo dos olhares. Estava bem vestida e acompanhada com o senhor Jorge Amado. Pedimos lazarilha ao forno. O senhor Lebret e o senhor Jorge Amado pediram frango grelhado. Dividiram o frango comigo. Pensei: se todos pudessem comer assim! Estamos na época que alguns comem e outros não. (...) A época do sofrimento deixa cicatriz na mente. Tem hora que relembrô a voz angustiosa da Dona Maria Preta, lá da favela:

— Estou com vontade de comer um pedacinho de carne.

Jamais hei de olvidar que existe fome.

... Quando saímos da cantina tomamos dois taxis: Fomos ao Teatro Bela Vista. Fui sentar ao lado do Jorge Amado. Pensei: meus Deus, parece um sonho. Outro dia eu era uma favelada. Atualmente sou ex-favelada. A minha história pode ser resumida assim:

— Era uma vez uma preta que morava no inferno. Sain do inferno e foi para o céu. ... No intervalo o povo pedia autógrafos. O Jorge e a Dona Jurema Finamour foram ao palco cumprimentar a Ruth de Souza. O senhor Jorge Amado prometeu visitar-me. A minha casa está as ordens.

... Um jornalista felicitou-me pelo exito da peça. (...) Eu voltei para casa pensando no Jorge Amado. Que homem maravilhoso! Em vez de chamar Jorge Amado devia chamar Jorge Amor. (...) Ele deixou de ser Doutor Jorge Amado. É simplesmente Jorge Amado. O que pertence ao Universo não tem protocolo. Não podemos dizer Senhor Sol, Dona Lua, Senhor Vento.

1 de maio Que primeiro de maio sem graça. Não houve festejos comemorativos, os desfiles dos trabalhadores. Quem gostava do primeiro de maio era o

saudoso Getúlio Vargas. A sua voz através do rádio cortava o Brasil de Norte a Sul — *Trabalhadores do Brasil!*

2 de maio Os filhos foram a aula. Os pedreiros chegaram, pediram dinheiro para comprar material para construir uma cobertura em cima do tanque. Fui na redação. Encontrei o repórter. O fotógrafo Torok ficou na Argentina.

... Embarquei para Santos as 14 horas. Estava chovendo. Eu ia conversando com uma senhora que dizia-me:

— A senhora deve estar ganhando muito dinheiro! Já enjoei de ouvir a palavra *dinheiro*.

3 de maio A Dona A. vestiu os filhos para ir à escola. Fiquei deitada, mas não consegui adormecer com o barulho das crianças. Levantei e fui comprar jornal. Está chovendo. Os pedreiros estão construindo uma cobertura no tanque.

A noite fui ao teatro. Noite dedicada à crítica. Fiquei sentada, autografando e conversando com o povo. As mulheres olhavam-me. A televisão filmava o teatro. Eu fui filmada. Os artistas estavam trabalhando com entusiasmo. Dava a impressão de ser um dia na favela. Fim o espetáculo fui ao palco agradecer o público. Enviava beijos em retribuição aos aplausos. A televisão focalizou-me perto do Mauricio Nabuco, o galã da peça “Quarto de Despejo”. Dona Eddy Lima subiu ao palco. E Amir Haddad, o diretor. O repórter não subiu não sei porque.

4 de maio ... Eu nunca pensei que um dia ia ter empregada. E o pior de tudo isso é que a Dona A. não quer ser mencionada no meu diário como empregada. Ela vive se queixando que não tem sorte.

5 de maio Passei o dia em casa escrevendo. Os pedreiros concluíram a cobertura do teto. A tarde fui a redação. (...) Estava presente o B. Lôbo, compo-

sitor. E o cantor Fernando Reis que vai gravar o samba “Quarto de Despejo”. Achei graça quando ouvi o B. Lôbo dizer:

— Audálio, você que protege os descendentes do José do Patrocínio, patrocina esta gravação para mim. O repórter prometeu. E as promessas do repórter não falham. Combinei com o repórter um programa de televisão amanhã com Silveira Sampaio. Voltrei para casa.

6 de maio Passei o dia em casa cuidando das roupas dos filhos. Que confusão. A casa está suja, porque os pedreiros estão trabalhando.

A tarde preparei-me e fui encontrar com o repórter. Tomanos um taxi, descemos no Hotel Lord. Entramos o senhor Silveira Sampaio discutindo o programa. (...) Fomos ao Canal 5. Encontramos as pessoas que iam ser entrevistadas. Quando iniciou o programa o primeiro a ser entrevistado foi o Dr. Sergio Andrade, o Arapuã da “Última Hora”. Citou seus estudos e o porque do seu pseudônimo. Ouviu o gorjeio de um passaro Arapuã. Achou bonito e adotou o nome do passaro. A terceira entrevista coube-me:

— Carolina, como você se sente no apogeu em que vive?

— Sinto-me confusa.

... O senhor Silveira Sampaio citou as minhas composições. (...) A entrevista decorreu num ambiente cordial. Ao sair da televisão fomos tomar café. ...

7 de maio Fui a cidade assinar contrato com a Livraria Francisco Alves. O título do livro vai ser “Casa de Alvenaria”. Li o contrato minuciosamente. É a livraria que vai cuidar das traduções. O repórter disse-me que está cansado. O telefone tocou. Era a D. Luiza Fiori que havia chegado do Rio. Estava na minha casa.

... Vi as reportagens da Dona Eva Vastari, na revista finlandesa. Despedi do reporter. Saí pensando que devia comprar dois cobertores, porque a Dona Luiza Fiori vai dormir na minha casa. Passei numa loja amiga. Comprei dois cobertores. Um palitó para mim e um sapato para o José Carlos. Gastei sete mil cruzeiros. Este dinheiro era para concluir a pintura da casa, porque eu não gosto de falar em dinheiro com o reporter. Ele fica azucrinando que eu gasto muito. (...) Já estou cansada das advertências do reporter.

Quando cheguei em casa encontrei a Vera bem vestida e bem penteada. Ia ao lado de Dona Luiza a escola. Estava perfumosa. A Dona Luiza tem gosto para adornar uma criança.

8 de maio Passei o dia em casa. A Dona A. veio trabalhar. O João foi na Livraria levar um bilhete para o Dr. Lelio. Eu pedia 10.000 cruzeiros para comprar material para concluir a reforma da casa. Queixei-me no bilhete que o reporter reclama que gasto muito. E eu não gosto de ser observada injustamente. É horrível ter *sinhô*. Mas o dia 13 de maio está chegando...

O João voltou dizendo que o Dr. Lelio não estava na Livraria. Fiquei nervosa. Os pedreiros foram fazer outro serviço. A Dona A. fez o almôgo e zarpouse.

... A tarde a Dona Maria José veio buscar-me para ir a igreja. É uma missa mandada celebrar pelos pretos do bairro. (...) Quando cheguei a igreja fui saudada pelo Padre Constandcio. Que homem calmo e que olhar sereno. Esperaram a minha chegada para iniciar a missa. Essas manifestações confortaram o espírito combatido e descrente de tudo.

A igreja estava inacabada. Gostei do sermão, agradecendo a Deus por ser brasileira. Viver neste país sem temor. Devemos amar este país onde não há preconceito de cér.

9 de maio Passei o dia em casa. O João não foi a escola. Foi na Livraria levar um bilhete para o Dr. Lelio, pedir dinheiro para comprar materiais. Ele deu dez mil cruzeiros.

Dei três mil cruzeiros para os pintores, para comprar os materiais. O caminhão veio trazer os materiais. Hoje eu estou calma. Alegre.

10 de maio ... Os pedreiros vieram trabalhar. Pretendo pagar-lhes bem. Devemos ser corretos nos negócios. Ouvi um xingadorio. Fui ver. As crianças haviam soltado um balão e o balão entrou no quarto de uma senhora. Contei 11 meninos, mas ela xingava só os meus filhos:

— Favelados desgraçados, ordinários. A tua mãe

não te dá educação.

Ela não compreende que a favela é obra de rico. Os pobres não podem pagar os preços exorbitantes que os ricos exigem pelo aluguel de um quartinho. E

não podem ficar ao relento. ... A Dona Maria José veio avisar-me que devo comparecer na festa do dia 14. Deu-me um convite: „*Não percam dia 14 de maio proximo um grande espetáculo benéfico em prol das obras da igreja N. S. de Fátima do Imirim. Serão levados um show e uma peça teatral em dois atos. Contamos com a colaboração de nossa escritora Carolina Maria de Jesus.*

...
.

Não percam! Aguardem.
Elenco da peça teatral "Escravo Engeitado":

Sinhô Mauricio	Benedito
Suzá Jurema	Maria José
Capataz	Juilião
Escrava Engeitada	Leontina
Princesa Isabel	Irene Batista
Sinharinha	Sumoaya Fuma
Mucama	Ruth Rocha
Preto Mathias	Codoaldo
Pai Inacio	Evaristo Gomes

Parte cantada a cargo de Sabará — Animação —
José Garcia.”

Viejo um pretinho pedir-me um auxilio. Sofreu um accidente na mão direita e não pode trabalhar. Corrou os nervos do braço e a mão ficou sem ação. Eu perguntei-lhe:

— E a lei de proteção ao operario?

— Elles fazem tanta confusão, que a gente acaba desiludindo.

— O que você sabe fazer?

— Eu era operario, qualquer serviço que executamos é preciso ter mãos. E eu não tenho.
 — E se você montasse uma banca de jornais poderá ganhar algo para viver. Escolha um local e eu auxilio-te a montar a banca.

... Quem pode normalizar a situação critica dêste jovem é a lei trabalhista. É o patrão inconciente que só dá valor ao homem quando o homem pode produzir. E desumanidade deixar um operario acidentalmente abandonado. Ofereci almoço ao jovem. Dei-lhe 90 cruzeiros.

11 de maio Passei o dia em casa, cuidando da reforma. (...) Lavei roupas e passei. Não tenho tempo para escrever, com os afazeres da casa. A Dona A. tem vergonha de ser minha empregada porque ela é branca. Chega as 9 horas e sai as 13.

12 de maio Saí com o pintor, senhor Ulisses Costa. Fomos na redação pedir dinheiro ao reporter para pagar a pintura. 34.500 cruzeiros. Encontrei o Ramiro. Convidei-o para ir ver o reporter. Apresentei o Ramiro como personagem do livro.
 Quando citei ao reporter a quantia que devia pagar aos pintores ele repreendeu-me que gasto muito. Xinguei o reporter mentalmente: cachorro! desgraçado! você não manda no dinheiro que recebo.

... Ele preenchen o cheque. Assinei. Despedi e fomos ao Banco. Voltamos de onibus. Com as repreensões do reporter, fiquei triste. Ele prevalece porque foi él quem auxiliou-me.

13 de maio ... Passei o dia com os pintores e carpinteiros. Fui na Loja N. S. de Fátima comprar tabuas para fazer prateleiras para os armários embutidos. Um preto por nome Gazoza veio colocar a calha no telhado. O pedreiro disse que eu devia aumentar um quarto na parte superior e um terraço. Seria um quarto para Vera. Quero organizar a casa.
 A noite recebi a visita dos diretores do Orfanato União Cristã de Amparo a Infancia. (...) Pedi licença aos diretores. Ia trocar-me para ir ao baile do Clube 220, o clube dos pretos. Eles despediram-se, fui trocar-me. A Hilda veio auxiliar-me a vestir o vestido que comprei da Carmen por 10.000 cruzeiros. A Hilda emprestou-me as luvas e uma bolsa. (...) Fui procurar a Ivete na sua casa. Quando eu descia a Rua Imirim com meu vestido amplo, notava os olhares fitando-me como se eu fosse de outro planeta. A mãe da Ivete ficou alegre. As primas da Ivete estavam presentes. Perguntaram-me:

— Porque não alisa os cabelos?
 — Eu não gosto de cabelos lisos. Acho belo o que é natural.

É a primeira vez que penetro na casa da Ivete. É casa propria, bem mobiliada. Quando vejo uma casa de pretos bem ornamentada fico contente.
 ... Hoje é 13 de maio, dia consagrado aos pretos, que vivem tranquilos mesclados com os brancos. Hoje é um dia que nós os pretos do Brasil podemos bradar:

— Viva os brancos!

Tomamos um carro e fomos até o Teatro Bela Vista. O reporter estava na porta. Pelo olhar que dirigiu-me percebi que él não ficou contente com o

meu *toilette*. Ele não sabe o que significa o 13 de maio para o preto. Dia de gala para a raça negra.

... Tomamos um taxi e zarpamos. (...) Quando chegamos ao salão do Esporte Clube Pinheiros vi vários carros estacionados. Que clube maravilhoso! Entramos. O irmão da Ivete nos acompanhou.

O salão estava iluminado como um palco. Lá no fundo, os musicos uniformizados. Pretos e brancos mesclados numa festa fraternal.

O senhor Frederico Penteado, organizador do baile, veio nos receber. Eu fui homenageada — “*Amo Carolina Maria de Jesus*”.

14 de maio ... Trabalhei o dia inteiro. A Ivete veio convidar-me para ir ao teatro da igreja. Prometi ir. A noite a Maria do Carmo veio buscar-me. Fui com os filhos. Encontrei uns jovens fazendo batucada. Quando me viram gritaram:

— Olha a Carolina!

Começaram a cantar:

*Saudosa maloca, maloca querida
Dim Dim Donde nós passemos
Dias felizes da nossa vida.*

Achei graça. Dei uma risada extentoria. Quando chegamos na igreja entramos pelos fundos. (...) As personagens que iam tomar parte na peça circulavam, trocando os seus vestidos por trajes exóticos. Os pretos usavam calças e o tronco nú. Trage que simboliza o passado. Eu iniciei o espetáculo declamando a poesia “Noivas de Maio”. Agradeci o convite para participar da festa.

Estavam presentes algumas pessoas de minha terra, que ficava olhando-me como se eu fosse o Gagarin soviético.

15 de maio ... Trabalhei o dia todo. A noite fui a redação encontrar com o reporter. Fomos ao Canal 9. (...) Fui entrevistada pela vereadora Dulce Salles Cumha. Que mulher bonita! (...) Eu ia respondendo as perguntas com calma. Declamei a poesia “O Colono e o Fazendeiro”.

16 de maio ... O pretinho Luiz Carlos Rocha veio visitar-me. Está sem iniciativa depois que feriu a mão. Tem medo de vidro. Sofrem quatro acidentes com vidro. Quando olha um vidro assusta-se. Ele é educado. Eu agradoo muito para ele não criar complexo que é um homem inutil. Convidoo-o para passear.

19 de maio ... Levantei as 5 horas. Preparei os filhos para ir a escola. Preparei o almoço. Quando inicio o almoço penso nas mulheres da favela. A hora da dor. Do ranger de dentes. (...) Os pobres lutam com dificuldades.

... Fui na Livraria. Pedi 15.000 cruzeiros ao Dr. Lelio. Espero que o reporter não vá repreender-me.

Queixei-me ao irmão do Thomaz Parrilho que o reporter reclama que gasto muito. Vou concluir este diário que será a “Casa de Alvenaria” e depois vou ingressar no radio. Quero gastar o que ganho sem ser observada.

20 de maio Fui fazer compras. Encontrei um colegial mal vestido. Eu estava na padaria e pedi-lhe que me esperasse que eu ia ensinar-lhe a minha casa.

— Quando você voltar da aula passe na minha casa que eu compro um par de sapatos para você. ... Quando o colegial saiu da aula veio procurar-me. Fomos comprar os sapatos. Ele olhava-me e sorria. Paguei 530 cruzeiros. (...) Ele beijou-me, dizendo:

— Obrigado.

Perguntei-lhe:

— Você não está precisando de uma mãe preta?

21 de maio ... Preciso ir ao Teatro (...) Saí atrasada, tomei um carro. Quando cheguei no Teatro era 6 horas da tarde (...) Circulei o meu olhar pela platéia, contemplando aquela gente bem nutrita, bem vestida. Ouvindo a palavra fome, abstrata para eles. Sentei ao lado do jovem Eduardo Suplicy Matarazzo. Que jovem amável! Olhava as cenas no palco e perguntava:

— Mas... elas vivem assim nas favelas?

— Pior do que isto. Isto é apenas uma miniatura das cenas reais de favela.

Um fotógrafo pediu-me para sentar-me ao lado da Deputada Conceição Santamaria para nos fotografar.

Quando findou o espetáculo a atriz Celia Biar saiu no palco anunciando o debate. Convidou o Deputado Rogê Ferreira para presidir o debate. E nos convideu a subir no palco. Subimos. Eu, Solano Trindade, Conceição Santamaria, professor Angelo Simões Arruda, Deputado Cid Franco, Dona Edy Lima.

Quem presidia o debate era o senhor Rogê Ferreira. Citou que o meu livro “Quarto de Despejo” é um retrato real das agruras que o pobre encontra atualmente.

Eu estava confusa naquêle nucleo. Percebi que a *Dona Elise* encara o problema da favela com vergonha. É uma mancha para um país. (...) O segundo orador foi o senhor Angelo Simões Arruda. Estava lendo o “Quarto de Despejo” e anotando o que lia. Disse que em São Paulo o povo trabalha nas fabricas, nas oficinas e não saem pelas ruas catando papel. Saem para um serviço digno que lhe proporciona uma condição de vida decente.

Pensei:

Se o homem de São Paulo levasse uma vida
não fazia greve salarial.

O professor Angelo Simões Arruda continuou
que as pessoas indolentes não escolhem lugares para habitar. Vivem nas cloacas.
— Cloaca é mitório — pensei.
Se os pobres residem nas margens dos rios é porque não recebeu instrução, não aprendeu ofício. (...) O professor Angelo Simões Arruda não mencionou a necessidade de abolir as favelas, que duplicam por este Brasil afora.

A terceira oradora fui eu. Citei: fui residir na favela por necessidade. Com o decorrer dos tempos percebi que podia sair daquele meio. Era horroroso para mim presenciar as cenas rudes que desenrolavam-se na favela como se fosse natural. (...) Os favellados são os colonos. Por ser expoliados pelos patrões abandonaram o campo. Encontram dificuldades na cidade, que só oferece conforto e decência aos que têm bons empregos. Eles não podem acompanhar a vida atualmente. Devido ao custo de vida, são obrigados a recorrer ao lixo ou os restos de feira.

— Não adianta falar de fome com quem não passa fome.

Quando escrevi o meu *diário* não foi visando publicidade. É que eu chegava em casa, não tinha o que comer. Ficava revoltada interiormente e escrevia. Tinha impressão que estava contando as minhas mazelas a alguém. E assim surgiu o “Quarto de Despejo”...

Classifiquei a favela de quarto de despejo porque em 1948, quando o Dr. Prestes Maia começou a urbanizar a cidade de São Paulo, os pobres que habitavam os porões foram atirados ao relento.

O quarto orador foi o poeta negro Solano Trindade. Criticou a teatralização de Dona Edy Lima. Disse que ela não citou as agruras que o livro relata como depoimento do gravíssimo problema que são as

favelas espalhadas pelo Brasil afora. (...) O público interfei-se, ora aplaudindo, ora vaiando. O senhor Cavalleiro Lima, esposo de Dona Edy Lima, interfe-riu aludindo que a Dona Edy não alterou o texto do livro. Conservou a linguagem simples na peça, rela-tando o meu desvelo pelos filhos, lutando para retirá-los daquele pardieiro.

O Solano Trindade prosseguiu, repetindo o que a Ruth de Souza disse na peça:

— Quando uma criança passa fome é problema de todo o mundo.

Fico horrorizada vendo a fome debatida em as-ssembleia. O Deputado Cid Franco disse que passou fome e conhece as agruras que o meu livro relata. Que o regime capitalista é a causa das desigualdades de classe. A Dona Conceição Santamaria dizia:

— Ele pertence ao regime capitalista. Ele está metamorfoseando-se na frente do público. Ele está de mãos dadas com o regime capitalista.

Que confusão para mim. Queria ouvir o Deputado Cid Franco por causa da sua cultura. Ele não é ba-nal. Não é político de negociatas. Citou:

— Se existe favelas são criadas e alimentadas pelo regime capitalista, que suga a seiva da classe sa-larial para duplicar seus haveres.

— Não apoiado — respondeu o Dr. Paulo Su-plicy.

Um jovem na plateia disse que o Deputado Cid Franco errava aludindo ao regime capitalista o desa-juste social. O Deputado Cid Franco disse:

— Tenho um filho de 18 anos que não teme a extinção do regime capitalista.

Foi aplaudido. Os estudantes interferiram. En-pedia ao Deputado Rogê Ferreira que desse as pa-la-vas, porque os estudantes são os homens de amanhã. Os estudantes apuparam o deputado. Ele sentou-se, dizendo que nunca foi a favela para a minha casa.

— Não renego a peça. Renego o regime social que favorece um terço da população. Sei que o capi-talismo renega a reforma social.

— Apoiado!

— Não apoiado!

... Com aquela confusão eu tinha impressão que estava na favela. Todos falando ao mesmo tempo.

... A ultima a falar foi a Deputada Conceição. Iniciou dizendo que auxiliou os leprosos. Por seu in-termedio os leprosos são curados.

Uma voz na plateia:

— Não estamos falando de politica. Estamos fa-lando da favela.

— A Carolina disse que na favela existe muitas indolências — argumentou Dona Conceição.

— E na Assembleia — uma voz no palco.

— Em 1944, quando eu percorria as favelas...

Naquela época era ditadura que predominava.

Uma voz na plateia:

— A senhora é bem madura, em?

Risos.

A Dona Conceição respondeu sem perturbar-se: — Naquêle tempo não existia jovens mal educa-dos igual a você. Eu represento uma maioria, os que votaram em mim. E você é uma minoria apagada.

Um japonês falava. Uma voz lenta que ficava indistinta entre as outras. Os demais estavam nervo-sos. Dava impressão que ia haver um conflito no teatro. Os estudantes apupavam a Dona Conceição.

... Quando saí do teatro encontrei o jovem Edu-ardo Matarazzo e disse-lhe:

— Você viu que confusão?

Dona Filomena Matarazzo convidou-me para al-moçar na sua residencia.

Tomei um taxi e fui para a minha casa.

— FIM DO DIARIO —

NOSSAS EDIÇÕES:

"Coleção Terra Forte"

(romance)

- Vol. 1 — "Os Gusxos" de Barbosa Lessa — Premiado pela Academia Brasileira de Letras e pela Academia Paulista de Letras — 2.^a edição.
- Vol. 2 — "Major Calabar" de João Felício dos Santos.
- Vol. 3 — "Irmão Juizinho" de Francisco Juliano — 2.^a edição.
- Vol. 4 — "Porto Calendário" de Osório Alves de Castro.
- Vol. 5 — "Chão de mininos amantes" de Moacir C. Lopes.

Coleção Alvorada"

(contos)

- Vol. 1 — "Xanán" de Carlos Larcerda.
- Vol. 2 — "Tempo de Amor" de Homero Homem.
- Vol. 3 — "A Procissão e os Forcos" de Jorge Medauar.
- Vol. 4 — "Laços de Família" de Clarice Lispector — 2.^a edição.

- Vol. 5 — "Trapá" de Caio Portinari Carneiro.

"Coleção Contrastes e Confrontos"

(ensaios e depoimentos)

- Vol. 1 — "Quarto de Despejo" de Carolina Maria de Jesus — 8.^a edição.
- Vol. 2 — "Afirmação de Euclides da Cunha" de Edgard de Carvalho Neves.
- Vol. 3 — "Eu sou Pôs" de Edson Arantes do Nascimento.
- Vol. 4 — "Casa de Alvenaria" de Carolina Maria de Jesus.

- "O Homem ao quadrado" de Leon Eliachar — 3.^a edição.

- "Marabaxos" (contos) de Osvaldo Orico.
- "A Macã no Escuro" (romance) de Clarice Lispector.
- "O Livro de Daniel" (romance) de Paulo Dantas.